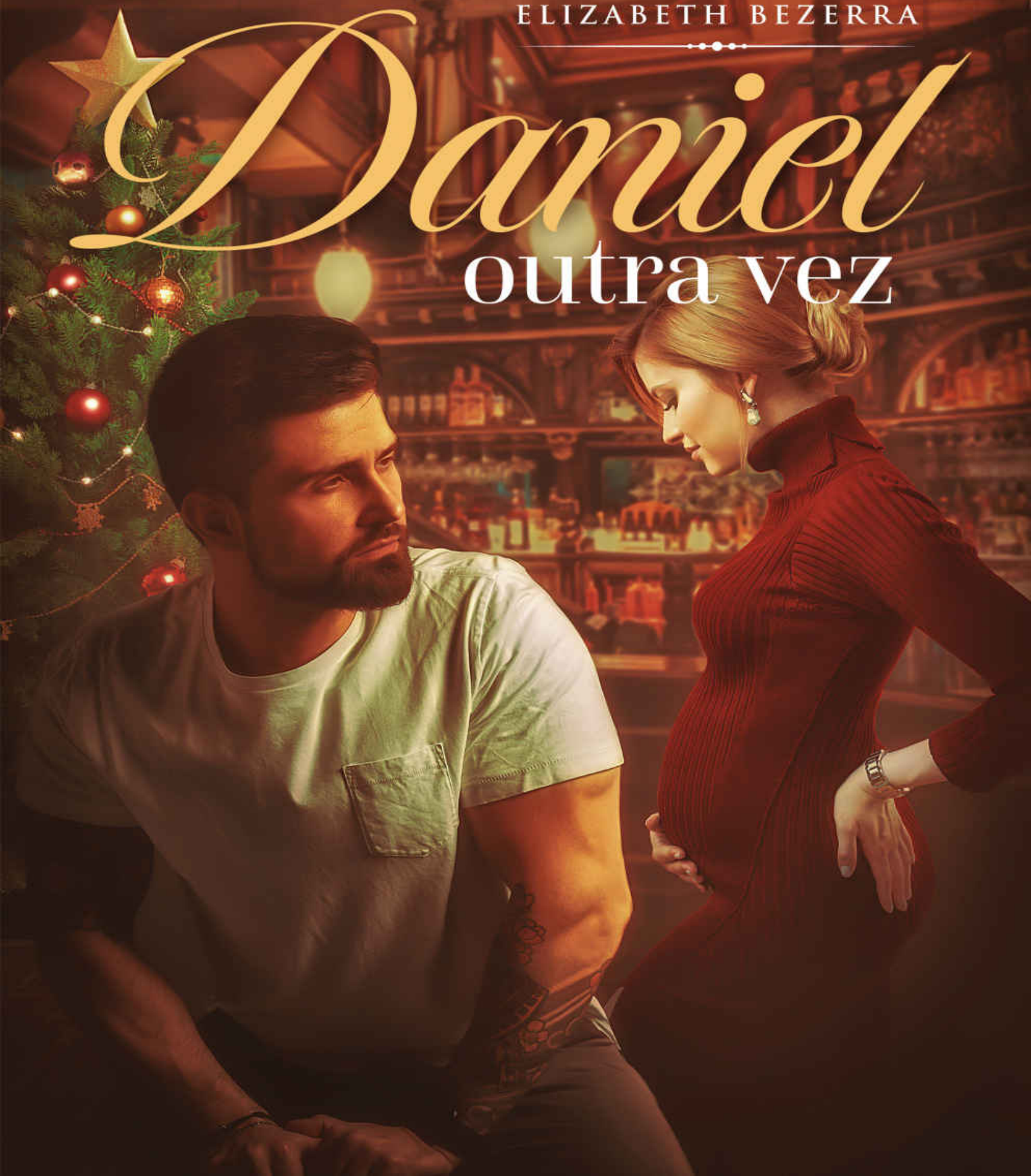




Um romance de Natal de
ELIZABETH BEZERRA



Daniel outra vez





Um romance de Natal de
ELIZABETH BEZERRA

Daniel outra vez

LIVRO 2

Título original: *Daniel Outra Vez*

Copyright © 2021 Elizabeth Bezerra

Todos os direitos reservados

Revisão inicial: Márcia Leão

Revisão final: Lucilene Vieira / Luana Xavier

Capa: Denis Lenzi

Proibida a reprodução total ou parcial desta obra, seja em meio eletrônico, de fotocópia, gravação, etc, sem a prévia autorização da autora.

Esta é uma obra de ficção. Qualquer semelhança com nomes, pessoas, locais ou fatos, terá sido mera coincidência.

Texto em conformidade com o novo Acordo

Ortográfico da Língua Portuguesa.

ÍNDICE

[NOTA DA AUTORA](#)

[PLAYLIST](#)

[PRÓLOGO](#)

[CAPÍTULO 1](#)

[CAPÍTULO 2](#)

[CAPÍTULO 3](#)

[CAPÍTULO 4](#)

[CAPÍTULO 5](#)

[CAPÍTULO 6](#)

[CAPÍTULO 7](#)

[CAPÍTULO 8](#)

[CAPÍTULO 9](#)

[CAPÍTULO 10](#)

[CAPÍTULO 11](#)

[CAPÍTULO 12](#)

[CAPÍTULO 13](#)

[CAPÍTULO 14](#)

[CAPÍTULO 15](#)

[CAPÍTULO 16](#)

[CAPÍTULO 17](#)

[EPÍLOGO](#)

[SINOPSE](#)

[PLAYLIST](#)

[PRÓLOGO](#)

[CAPÍTULO 1](#)

[CAPÍTULO 2](#)

[CAPÍTULO 3](#)

[CAPÍTULO 4](#)

CAPÍTULO 5

NOTA DA AUTORA



Estamos de volta a Sta. Anna, lugar onde os Natais mais mágicos acontecem. Estou muito feliz de ter escrito essa história, de poder apresentar Daniel e Louise a vocês e espero que se emocionem tanto quanto eu.

Desejo a todos muita paz, saúde e Um Feliz Natal e um Ano Novo próspero.

Um beijo!

XoXo

PLAYLIST

Last Christmas – Wham

All I Want for Christmas Is You – Mariah Carey

Santa Tell Me – Ariana Grande

Driving Home For Christmas – Chris Rea

Mary, Did You Know? – Pentatonix

Heaven and Nature Sing – Andra

O Holy Night – Mariah Carey

Jingle Bells – Gwen Stefani

Feliz Navidad – Michaël Bubl   ft Thal   

Blue Christmas – Micha  l Bubl  

You're Still The One – Shania Twain

Endless Love – Lionel Richie e Diana Ross

SINOPSE



Depois de ter o coração partido pelo garoto que amava, Louise Hale decidiu ir embora do pequeno vilarejo chamado Sta. Anna para realizar seu grande sonho: torna-se uma cantora de sucesso.

Apesar de ter alcançado o estrelato, a vida de Louise nunca foi como um conto de fadas que todos imaginavam. Após sair de uma relação tóxica e abusiva e ter sua índole colocada à prova, ela decide voltar à sua terra natal, onde havia jurado nunca mais retornar.

Louise só desejava um pouco de paz enquanto tentava sustentar a carreira em possível declínio, mas em Sta. Anna ela reencontrou Daniel, o antigo garoto rebelde do vilarejo, com quem viveu um intenso e explosivo romance proibido.

Enquanto a cidade ficava em polvorosa com sua chegada, Louise queria apenas provar a Daniel, e a todos que um dia magoou bancando a garota malvada, que ela também merecia redenção.

Daniel viu Louise partir, levando com ela uma grande parte de seu coração ferido. Agora, dono do bem-sucedido pub da cidade, ele vivia uma vida tranquila, isso até que a grande estrela da música de Sta. Anna retorna, reabrindo feridas e balançando seu mundo até então ordenado.

Daniel não queria entregar o que restou de seu coração a Louise, mas a atração entre eles fica cada dia mais impossível de resistir.

Acertos de contas seriam necessários, verdades precisavam ser reveladas. Em meio à busca do perdão e a esperança de um recomeço, uma inesperada surpresa promete mudar a vida de Daniel e Louise completamente.

PRÓLOGO



O celular, esquecido em uma poltrona do outro lado do quarto, me fez gemer e revirar na cama. Já devia ser a quarta vez que o maldito tocava insistentemente. Isso me levou a pensar em um dos milhares conselhos de Frank, o meu empresário.

“Se não quer ser incomodada, deixe no silencioso, Lole.”

Lole é a junção do meu nome com o meu sobrenome, e era assim que a maior parte dos meus fãs me chamava. Frank é,

segundo ele mesmo, o meu maior fã, afinal faz até o impossível para que, dentro de alguns anos, eu me torne uma lenda da música.

Esse foi um péssimo momento para recordar que, como sempre, ignorei outra das recomendações de Frank, como não ir à festa de ontem à noite, e de ter esquecido completamente de desligar ou silenciar o aparelho.

Rolei na cama e olhei para o teto branco. O telefone continuou a tocar, fazendo-me bufar ao tentar afastar as mechas de cabelo grudadas em minha testa e bochechas. Para me contrariar, nenhum fio saiu do lugar.

Sentia como se eu tivesse sido atropelada por uma comitiva de motoqueiros raivosos, cada músculo em meu corpo estava gritando e exigindo um relaxante banho de banheira, além da minha cabeça latejante, pedindo alguns analgésicos para aliviar a dor.

— Hum... — murmurei como uma criancinha dengosa se recusando a comer mingau. —Só quero ficar na cama.

Pelo resto da minha vida. Dormir eternamente como a Bela Adormecida e só acordar quando o mundo fosse melhor para se viver.

— Já estou indo! — gritei, irritada, para o telefone, como se ele tivesse culpa de toda a minha frustração.

Embora a música tocando, avisando sobre a ligação, fosse a minha primeira de maior sucesso, a que me levou ao status de estrela internacional, a insistência e o incômodo potenciando a minha enxaqueca eram demais para suportar.

Levantei-me com grande dificuldade e literalmente comecei a arrastar os meus pés pelo carpete claro e macio, mas ao chegar na metade do caminho, o infeliz do telefone parou de tocar.

Os preciosos momentos de silêncio e calma duraram poucos segundos, e a música voltou a ecoar pelo quarto, levando-me com três passos curtos e apressados a pegar o causador da minha tortura.

— O que é? — atendi mal-humorada.

Geralmente não sou assim. Ou não era. Tanta merda tinha acontecido em minha vida que eu já nem sabia quem eu era. Existia ainda alguma coisa da Louise Hale, a garota determinada e sonhadora, vinda de uma pequena cidade chamada Sta. Anna, ou fui completamente tragada pela festiva, glamorosa e destrutiva *Lole*?

— Lole? Eu preciso falar com você. — Tanto a voz apressada de Frank como seu tom impaciente eram um forte indicativo de que havia problemas. — Onde você está?

Mas ultimamente ele via problema em tudo que eu fazia, então nem me preocupava mais.

— Em casa... — Bocejei e comecei a fazer uma pequena massagem em minha têmpora para aliviar a dor.

— Você voltou para Los Angeles?

— Não, no apartamento. Ainda estou em New York . Escuta, Frank, podemos conversar depois? Eu estou...

— Ótimo. Estou na frente da sua porta — avisou ele, o que também não me pegava de surpresa. — Abra a porta.

Era de se esperar que o meu empresário e amigo tivesse a chave da minha residência. Ele tinha total acesso à mansão em LA e a algumas outras propriedades que tenho no país, mas não a esse apartamento. Isso foi uma exigência de meu ex-namorado, que além

de ser um babaca tóxico, tinha ciúmes de um senhor com idade para ser o meu pai.

— Frank, escuta, qualquer coisa que tenha a me dizer... —

Respirei fundo. Apesar de não dançar conforme a música dele, pelo menos nos últimos meses, ele era uma das únicas, se não a única pessoa, que eu respeitava. — Sei que mereço, mas pode dar a bronca mais tarde?

— Abre a maldita porta, Louise Hale, ou juro que a coloco abaixo.

Era uma ameaça severa demais vinda de alguém tão pacífico quanto Frank para eu ignorar.

— Estou indo — avisei, finalizando a ligação em seguida.

Um pouco mais desperta dessa vez, deixei o meu quarto. Caminhando descalça pelo corredor, cheguei à sala ampla de tons

claros e elegantes e fui em direção à porta.

Tinha um ensaiado sorriso no rosto ao abri-la, mas parecia que não iria funcionar com Frank desta vez.

— A noite foi divertida, Lole? — Apesar da pergunta educada, ele me deu um olhar muito duro antes de começar a entrar.

— Bommm — estiquei exageradamente a última letra, tentando ganhar tempo para fazer o meu cérebro se recordar da noite passada —, acho que sim, ainda estou com a roupa da festa.

Soltei uma risada nervosa, e isso só fez com que Frank inchasse mais, como um peru recheado para o Dia de Ação de Graças.

— Você não apenas ignorou meu pedido de não ir à festa do Brandon Porter, como bebeu como uma maluca, fez strip-tease em

cima da mesa e ainda arremessou uma garrafa de uísque em uma garota.

— Uau! — Soltei um pequeno assovio. — Foi uma noite e tanto.

— Uma noite e tanto? Você está em todos os sites de notícias e, inclusive, foi primeira capa do jornal.

Para comprovar o que disse, ele arremessou em minha direção o jornal que estava carregando. Não fui rápida o suficiente para pegá-lo, e ele caiu aberto aos meus pés.

No jornal havia uma foto minha ganhando quase metade da página. O título sensacionalista também ganhava grande destaque.

“Princesa do Pop perdida e descontrolada.”

Eu via flashes em minha cabeça, cenas que comprovavam que parte do que Frank e o jornal diziam era mesmo verdade.

— Lole, o Jimmy tem restrições para chegar perto de você, mas não é aconselhável que frequente os mesmos lugares que ele.

— Eu não sabia que Jimmy estaria lá — menti e vi claramente na expressão de Frank que ele não estava acreditando em mim.

A verdade é que só fui à maldita festa porque sabia que Jimmy estaria lá.

— Brandon e Jimmy são dois imbecis que não se desgrudam. Era bem óbvio que ele estaria lá.

— Eu precisava falar com ele, Frank.

— Por quê? — O seu olhar suavizou um pouco mais. — Sei que as coisas não foram resolvidas como você gostaria, querida, mas é o que temos.

E não era justo.

— Bom. De qualquer forma, o seu pequeno deslize — disse com um pouquinho de ironia — não é o nosso maior problema agora. Eu tenho uma notícia muito pior.

— Pior?

— O empresário do Jimmy fez uma coletiva essa manhã. Eles acusam você de ter plagiado o seu último sucesso.

— O quê? — Encarei-o, completamente abismada. — Eu ter plagiado o Jimmy? Você sabe que ele é incapaz de escrever um único verso.

Ainda mais uma canção que tinha entrado na trilha sonora do último filme do 007 e que estava sendo cotada para ser indicada ao Oscar do próximo ano.

— Eu sei disso. O Jimmy sabe, você sabe — disse ele, passando a mão pelo rosto. — Também me recordo que ter

colocado o nome dele como coautor naquelas três canções não foi uma boa ideia.

Frank havia me alertado sobre isso, mas na época eu quis ajudar Jimmy, que estava sofrendo várias crises de identidade. O meu ex achava que era um prodígio do *Hip hop*, mas a sua carreira nunca deslanchou realmente.

— Eram músicas dadas para outros artistas.

— E que deram a ele um crédito que nunca teve. Escuta, Lole... — Frank foi até o bar, beber era algo muito raro para ele, então a situação deveria estar pior do que eu imaginava. — Segundo o empresário e o advogado dele, eles têm provas irrefutáveis de que você plagiou a música, inclusive a acusaram de possivelmente ter feito isso com outras pessoas. Isso pode arruinar a sua carreira mais do que festinhas e brigas desnecessárias.

Precisamos consultar os nossos advogados e ver como montaremos a sua defesa.

De tudo o que eu já vivi pela música ou por causa dela, acho que essa situação era a que mais poderia me destruir. Se havia algo que realmente amava era cantar e compor. Eu larguei tudo por isso.

O homem que dizia que me amava.

Que eu pensava que amava.

A promessa de uma vida simples, mas feliz.

Agora tudo, todos os meus sacrifícios, poderiam acabar em nada por uma mentira e trapaça de um homem sem escrúpulos.

— Tome um banho e livre-se dessa aparência degradante.

Temos trabalho a fazer.

— Sim, Frank — concordei humildemente.

Os meus olhos eram como uma piscina de lágrimas, mas só me permiti chorar quando entrei debaixo do chuveiro. E ali, deslizando pela parede do box até chegar ao chão, vi meu mundo ruindo.

CAPÍTULO 1



A minha vida se tornou um verdadeiro caos. A imprensa não arredava o pé do meu apartamento e nem da casa em Los Angeles. O meu nome era um prato cheio para os programas de fofocas, e nas redes sociais as opiniões estavam divididas. Perdi muitos seguidores, mas a maior parte dos fãs, a quem era muito grata, me defendiam de olhos fechados. A verdade é que qualquer pessoa que me conhecesse, ao menos um pouquinho, saberia que eu

jamais seria capaz de fazer o que Jimmy estava me acusando: roubar o trabalho de alguém.

Enquanto buscava e lutava por meus sonhos, já fui chamada de algumas coisas não muito louváveis, como egoísta, fria e orgulhosa, mas nunca trapaceira e desonesta.

— Você não acha que eu devo ficar aqui e enfrentar essas pessoas? — indaguei novamente a Frank, quando o vi pegar a minha mala em cima da cama.

Desde que a bomba estourou e que meu lar se transformou no circo dos horrores tenho ficado com Frank e sua esposa, Tina. O casal me fez sentir mais do que acolhida em sua casa, eles me fizeram sentir como seria se eu tivesse tido pais que realmente me amassem e quisessem me proteger. Eu não queria deixar tudo isso

agora, essa fugaz sensação de paz e segurança, indo para uma cidade onde as pessoas nunca gostaram de mim.

Precisava admitir que, em parte, a culpa foi minha. Eu fui a típica adolescente popular da escola que achava que dominava o mundo, quando no fundo era apenas uma garotinha solitária tentando chamar a atenção de seus pais.

Só existiram três pessoas que realmente me conheceram de verdade: a Sra. Berkeley, a governanta da casa desde que meu pai era jovem; Jason Cash, o meu namorado perfeito; e ele, Daniel MacDowel, o *bad boy* da escola que tinha conquistado o meu coração, mas eu nunca fui corajosa o suficiente para lutar por nós dois.

— O melhor no momento é você ficar longe do furacão — ressaltou Frank. Essa decisão havia sido sugerida por ele e apoiada

pelos nossos advogados. — E você sempre dizia que tinha saudade do seu lar.

— Sta. Anna não é mais o meu lar há muito tempo, Frank — murmurei, tentando controlar a minha angústia. — Acho que nunca foi.

— Que é isso? — O vi abrir um sorriso divertido. — A minha Lole está com medo de uma cidadezinha do interior?

Apavorada!

Não sabia se conseguiria continuar fingindo ser a garota cheia de confiança, que não se importava com a opinião de ninguém, que interpretei a minha vida toda.

Voltar a Sta. Anna não significava apenas visitar a cidade onde cresci, mas também reviver muitos fantasmas.

— Além disso, quando a imprensa souber que estou lá, vai transformar a minha vida num inferno e a de cada pessoa de lá também. E isso só irá fazer quem me odeia me detestar ainda mais.

— Acho impossível alguém odiar você, Lole — destacou ele.

— Bem, diga isso para os *haters*.

Até isso Frank levava numa boa. Antes de me proibir de ficar olhando comentários maldosos, ele sempre afirmava que o *hater* não passava do seu maior fã, aquela pessoa que queria ser você, mas que tinha raiva de si mesmo, descontando suas frustrações e falta de amor em seu ideal.

Não sabia o quanto da teoria dele tinha fundamento, mas desde que parei de olhar e responder os comentários cruéis, a minha sanidade mental havia melhorado bastante.

— Além disso, Hugh e Craig estarão lá. — Ele apontou para os dois seguranças parados na porta. — Serão discretos, como você pediu, mas sempre em alerta.

Eu tinha um sentimento muito estranho em meu peito. Uma certeza de que ir para Sta. Anna iria mudar completamente a minha vida.

— Você sabe que é a bola da vez, mas isso não vai durar muito tempo. — Seguimos em direção ao carro que me aguardava. — Logo um novo escândalo aparece e você será deixada em paz.

— Acho que não serei deixada em paz até esse processo terminar.

— Por isso nós precisamos focar toda a atenção nele. Aqui ou em Los Angeles, as distrações são maiores.

O que Frank temia era que, levada pela emoção, eu me enfiasse em outra confusão. Acontece que o risco de afundar definitivamente a minha carreira foi o balde de água fria necessário para me fazer acordar.

Estive muito perto da destruição, mas nunca quis entrar na lista de artistas promissores morrendo aos vinte e sete anos.

— Tudo bem, Frank — aceitei finalmente que essa decisão, de retornar à minha cidade natal, buscando paz e uma vida mais calma, poderia ser o melhor para mim agora. — Prometo ficar longe de problemas.

— E eu prometo resolver e cuidar de tudo por aqui. — Ele se inclinou para dar um beijo carinhoso em minha testa, e o gesto paternal trouxe lágrimas aos meus olhos. — Apenas se cuide, Lole.

Assenti, entrando no carro, e quando um dos meus seguranças começou a fechar a porta, coloquei a mão sobre ela, o impedindo.

— Frank? — gritei antes de vê-lo começar a caminhar de volta para casa. Corri até ele, abraçando-o forte pela cintura. — Acho que nunca agradei tudo o que fez por mim, mas obrigada.

Sempre tivemos um excelente trabalho profissional. Frank tivera muita paciência comigo no decorrer dos anos. Mas agora, mais do que nunca, percebia que criamos um laço de amizade.

— Não foi nada, menina. Agora se cuida.

Eu não queria soltá-lo. Não queria ter que caminhar rumo ao desconhecido, mas era preciso.

— Podemos ir, senhorita Hale? — O motorista indagou quando voltei a ocupar o banco de trás.

— Pode seguir, Harry.



Bem-vindo a Sta. Anna.

Assim que li a placa, senti o meu coração disparar.

A minha estadia na cidade seria de apenas algumas semanas.

O tempo que meu empresário e advogados acreditavam ser necessário para que o interesse em mim e em minha briga judicial com o meu ex-namorado pudesse deixar de ser novidade para o público e a imprensa sensacionalista.

Para mim, um único dia aqui poderia significar a eternidade.

Enquanto observava pela janela do carro a cidade começar a surgir, dezenas de lembranças iam surgindo em minha cabeça.

O posto de gasolina, o prédio do hospital do outro lado, os comércios locais. Havia poucas lojas novas, mas as antigas continuavam no mesmo lugar, como a floricultura dos pais da Faith. Avistei a sorveteria onde eu encontrava os amigos depois da escola e nos fins de semana. Até que, virando a rua, vi o nome que fez o meu coração disparar.

Pub MacDowell – Almoços, jantares e bebidas.

— Pare o carro, Harry!

O meu pedido urgente fez o motorista pisar firme no freio, levando-me para frente.

— Vou descer por uns minutos. Espere aqui, por favor.

Dispensei-o, saindo do carro antes que ele pudesse emitir qualquer palavra.

Na calçada, fiquei encarando o vidro com os adesivos e mensagens que falavam um pouco sobre o bar. Mas ler o que eles diziam não era o que me mantinha trêmula e indecisa a entrar, no lado de fora. Eu estava com medo do que poderia encontrar lá dentro.

Daniel ainda era o proprietário do lugar?

Ele tinha se casado e seguido a vida ou...

— Louise?

Tanto o chamado cheio de surpresa como a voz que, apesar de um pouco mais madura agora, eu jamais seria capaz de esquecer, fez-me virar lentamente em direção ao homem caminhando até mim.

— Oi, Daniel — sussurrei fracamente, e meu coração parecia que iria explodir em meu peito.

Mesmo depois de tantos anos, Daniel MacDowell conseguia ser o homem mais lindo e intrigante que eu já havia conhecido.

E o pior de tudo. Como o meu coração conseguia continuar amando-o desesperadamente?

Como se o tempo, a distância, as escolhas e a vida nunca tivessem se colocado entre nós dois.

Agora a assustadora pergunta era: ele ainda sentia algo por mim ou, como prometera quando eu disse adeus na última vez que nos vimos, esquecera-me completamente?

CAPÍTULO 2



Assim como com muitas pessoas em Sta. Anna, eu não fui uma pessoa muito legal com Daniel. Eu tinha sido uma cadela fria, para ser mais honesta.

— O que faz aqui, Hale?

Na cidade ou em frente ao bar dele?

— Hum... está aberto? — Indiquei a porta com ausência de uma placa de aviso. — Parei para tomar um café.

— Então está só de passagem? — indagou ele e ajeitou a caixa contendo legumes, frutas e outros produtos que carregava.

— Vou ficar algumas semanas — respondi apressadamente. — Não no pub, claro. Quero dizer, na cidade.

Daniel sempre me deixava muito nervosa, fosse por suas provocações que me faziam sentir estúpida ou pela forma que me encarava. Ele me via como ninguém mais conseguia ver, assim como eu sempre soube que o garoto rebelde, no fundo, era o mais doce e gentil que essa cidade pequena poderia conhecer.

Nós dois fingíamos, tentando nos proteger e impedir que mais pessoas viessem a nos magoar.

— Bom, isso é realmente algo inusitado — afirmou ele, indo em direção à porta. — Achei que nunca mais iria colocar os seus pés nessa cidade... Como foi que disse mesmo?

Engoli em seco. Eu realmente tinha sido mais cretina do que me lembrava.

— Simplória, cheia de pessoas insignificantes — respondi, cheia de arrependimento.

Apesar de na época ter acreditado em parte disso, aquilo tinha sido jogado no calor do momento após minha briga com Daniel. Mas ele nunca foi insignificante e simplório para mim.

Eu precisava dizer isso a ele, e com essa determinação em mente, abri a porta.

— Escuta... — A minha voz se calou ao ver no bar, ao lado dele, uma garota bonita de cabelos escuros.

— Oh, meu Deus! — Ela tinha a mesma reação de boa parte das pessoas quando me reconheciam. — É você mesmo?

Abri um sorriso amarelo. Não era seu entusiasmo comigo que me deixava apreensiva, mas sim reconhecê-la.

— Louise Hale? A maior e melhor cantora pop que esse país já viu.

Nossa, eu sou uma grande fã do seu trabalho e...

— Gwen! — Daniel, com cara de poucos amigos, tentou chamar a atenção dela para ele.

— *Destroyed Love* é a música da minha vida — continuou ela, bastante alheia ao citar a primeira música que me levou ao estrelato e que foi totalmente inspirada no homem ao seu lado. — Claro que gosto de todo o disco *Love*, mas...

— Gwen — Daniel chamou, um pouco mais enérgico dessa vez, mas colocou a mão com gentileza sobre a dela, no balcão. — A senhorita Hale gostaria de um café. Pode cuidar disso, por favor?

De mim, a atenção dela voltou para ele. Era impossível deixar de notar o carinho com que eles se olhavam, e isso causou um aperto em meu peito difícil de ignorar.

Daniel havia entregado o seu coração a uma outra garota, e era por isso que nunca quis retornar à Sta. Anna.

— Quer saber... Não quero incomodar. — Comecei a caminhar de costas, rumo à porta dupla.

Saber que Daniel tinha seguido em frente, encontrado um novo amor, sempre foi uma ferida aberta e sangrando em meu peito, mas vê-lo feliz ao lado dela era mais doloroso do que poderia imaginar.

— Não é incômodo algum — avisou Gwen com um enorme sorriso no rosto. — Tire o casaco e o pendure ali. Volto em um instante com o café. Quer algo para comer?

— Não, obrigada.

Era perceptível que Gwen estava feliz em me ver aqui, e eu achava que já tinha usado todo o meu estoque de frieza. Assim, caminhei silenciosamente até o suporte de casacos, e após tirá-lo, o coloquei ao lado de um de cor caramelo que supus ser de Gwen.

— Ela parece ser uma jovem muito doce. — Virei em direção à Daniel, e meu coração deu um enorme salto no peito ao vê-lo surgir diante de mim.

Seus olhos, profundos e intensos, percorreram desde meu rosto ao longo do vestido justo e de tricô, cobrindo o meu corpo. Seu olhar era como chamas correndo sobre mim, causando um intenso calor abaixo do ventre. Só Daniel, com um único olhar, me fazia sentir fraca.

A mão que ele segurava o casaco se ergueu. Os seus dedos estavam a alguns centímetros do meu rosto, e a minha pele ardia, desejando que ele me tocasse.

— Sim, ela é — murmurou ele, pendurando o casaco atrás de mim.
— Melhor do que muitas pessoas que conheço, e não vou deixar que ninguém a magoe.

Foi um aviso bastante claro e merecido, se eu fosse justa.

— Você ainda me odeia, Daniel? — sussurrei, focando toda a minha atenção em seu olhar duro.

Notei sua expressão endurecer ainda mais, e um brilho intenso passou em seu olhar.

— Eu... — iniciou ele, esquadrinhando o meu rosto com tormento.
— Hale...

Será que Daniel conseguia sentir por mim algo mais do que desprezo?

— Aqui, o café. — O retorno animado de Gwen nos fez afastar-nos apressadamente. — Quer com açúcar ou creme?

— Os dois — Daniel respondeu por mim. — E algumas pitadas de chocolate.

Ele se lembrava. Essa foi a receita que Daniel havia feito especialmente para mim a primeira vez que estivemos juntos, apenas

nós dois, podendo ser realmente quem nós erámos. Dois adolescentes perdidos buscando alguém que os amasse.

— Ainda prefere o café assim? — ele indagou, um pouco incerto.

— Não consigo tomar café de outra maneira — respondi, sentindo no peito uma esperança que sabia que não deveria acalentar.

— Aqui está, café com açúcar, creme e — murmurou Gwen enquanto jogava sobre o creme branco os grãos escuros — grãos de chocolate.

Caminhei até o balcão, e de alguma forma, sentia que o olhar atento de Daniel me seguia. Abri um sorriso gentil para Gwen antes de me acomodar no banco alto.

— Esse lugar ainda é exatamente como eu me lembrava — disse, dando uma rápida olhada em volta. — Quer dizer, há algumas coisas novas, como aquele mini palco, mas no geral continua igual.

— O Daniel fez uma reforma há dois anos — respondeu Gwen, organizando objetos no balcão de madeira que não precisavam ser arrumados. — Mas quis manter a essência do lugar.

Melhor, mas ainda igual, concluí ao olhar para Daniel. Exatamente como ele.

Os anos foram generosos com ele. Na adolescência, tinha sido um jovem muito bonito, mas ganhara, com o tempo, maturidade e um ar de homem feito e atraente o suficiente para chamar a atenção de qualquer mulher. Além disso, a barba espessa, mas bem cuidada, e as tatuagens, que iam do pescoço até o braço, davam a ele um toque atraentemente selvagem.

— Preciso levar os mantimentos lá para dentro — avisou Daniel, quebrando o nosso longo contato visual.

Depois disso ele voltou a pegar a caixa e caminhou, desaparecendo para o fundo do bar.

— Então você é a incrível Louise Hale — disse Gwen, passando um pano seco sobre o balcão como se quisesse lustrá-lo ainda mais.

— Decepcionada?

— Curiosa. As pessoas aqui falam muito de você. Bom, exceto Daniel, mas ele nunca fala muito de ninguém.

Não sabia dizer se o que ela afirmou por último era bom ou ruim. Daniel me ignorar, como se eu nunca tivesse existido, devia-se ao fato de ter me esquecido completamente, ou eu ainda era uma ferida que não tinha se curado, tornando-se complicado citar o meu nome?

— Posso imaginar o que dizem. Ainda sou a cadela fria que todos falam?

Seus olhos se arregalaram e ela me encarou com bastante surpresa.

— Nunca ouvi isso de ninguém. Aliás, todo mundo aqui parece ter orgulho das duas estrelas da cidade. O jogador de futebol, Jason Cash.

Sabia que ele também está na cidade?

— Jason está aqui? — Foi a minha vez de demonstrar surpresa.

A última notícia que tive dele, através dos jornais, era que tinha se machucado em um jogo e seu retorno aos campos ainda era incerto.

— Chegou há alguns dias — afirmou Gwen. — Agora Louise Hale, a grande estrela da música e orgulho da cidade, também está de volta.

— Faz quanto tempo que está aqui?

— Mais ou menos quatro anos.

Bom, fazia pouco tempo que ela havia chegado à cidade.

— Isso explica tudo.

Ficar sozinha com a namorada de Daniel, ainda nutrindo profundos sentimentos por ele, deveria me deixar constrangida, mas a garota era tão espontânea que, curiosamente, não fiquei.

— Qual é, não pode ter sido tão ruim assim. — Ela abriu um sorriso gentil.

Eu não queria que Gwen fosse gentil comigo e muito menos começar a gostar dela. Deveríamos ser rivais. Ela estava com o homem que eu ainda amava, e eu poderia ser um risco à sua relação perfeita com Daniel.

Só que sempre que encarava seu sorriso sincero sentia vontade de conhecê-la mais.

Sabe, a fama, o sucesso e o dinheiro traziam muitas coisas, abriam portas e davam regalias que poucas pessoas conseguiam ter, mas bem poucos amigos verdadeiros.

— A noite do karaokê. — Para desviar a atenção de Gwen sobre mim, indiquei o cartaz pendurado na parede. — Lembro bastante disso.

— Ficou um bom tempo sem rolar por aqui, mas consegui fazer Daniel retornar, há cerca de uns três meses. Tem feito bastante sucesso.

Então, como se tivesse surgido a melhor ideia do mundo, seu olhar cheio de animação se fixou em mim.

— Você poderia vir. Cantar uma ou duas músicas para as pessoas.

— Ah, não. Acho que não devo.

— Por que não? Sei que todos irão adorar vê-la.

— Tem acompanhado as notícias, Gwen? Sabe o que estão

falando sobre mim?

— Um bando de mentiras — disse Daniel, surgindo de novo no bar.

— Apenas baboseiras idiotas.

— Acredita mesmo que sou inocente? — indaguei, incrédula.

— Você pode ser uma cínica insensível, Hale...

— Daniel! — Gwen chamou sua atenção, mas o olhar dele estava completamente focado em mim. — Mas não é mentirosa e muito menos trapaceira.

Ouvir isso de Daniel, embora a gentileza tenha passado bem longe, me emocionou profundamente. Isso era mais importante do que qualquer declaração de amor que ele pudesse fazer.

— Obrigada, Daniel — murmurei, piscando os meus olhos para conter as lágrimas.

A mão de Gwen tocou a minha, e quando me virei para ela, encontrei seu sorriso acolhedor.

— Querida, ninguém aqui acha que você fez aquilo. Por isso acho que deveria vir...

— Gwen... — Daniel a interrompeu, e eu via como o convite parecia deixá-lo incomodado. — A Hale deve ter coisas mais importantes para fazer.

— Não tenho. — Vi-me respondendo apressadamente.

Quer dizer, eu não queria subir no palco e cantar para as pessoas, mesmo que em um show de karaokê, mas gostaria de ter um motivo para retornar ao bar e rever Daniel. Embora isso fosse muito errado e injusto com Gwen.

Droga, eu era mesmo a cadela insensível que Daniel tinha afirmado há pouco.

— Mas talvez não seja...

— Muito bem. Está decidido. Pode chegar aqui por volta das oito.

Tenho certeza de que será a melhor noite de todas. Caramba, quando todos souberem...

— Será que poderia deixar isso como uma surpresa? Não quero causar alarde antes do tempo.

— Sim. Você tem razão — concordou ela com um sorriso animado.

— Uma surpresa será mais impactante.

Timidamente olhei para Daniel, que apenas levantou o ombro, dizendo não se importar.

A indiferença doía mais que palavras duras.

— Então... — Pigarreei, tentando desfazer o nó se formando em minha garganta. — Acho que agora eu preciso ir.

— Mas nem terminou o café — disse Gwen com ar desapontado.

— Mas leve o copo. Depois pode trazê-lo de volta.

Agradei a gentileza de Gwen e olhei mais uma vez para Daniel antes de pegar meu casaco. Tivemos uma conexão pelo olhar. Ele ainda podia me odiar e sentir desprezo por mim, mas presa em seus olhos cheios de calor, sabia que alguma parte de seus sentimentos do passado ainda vivia dentro dele.

Isso me aquecia de uma forma que nada no mundo conseguiria fazer.

Sempre acreditei que a música, a minha carreira, fosse tudo para mim.

Até rever Daniel.

CAPÍTULO 3



Assim que o carro passou pelo portão, a casa majestosa começou a surgir diante dos meus olhos. Há exatamente sete anos, deixei esse lugar jurando nunca mais retornar. Parecia que eu era boa em quebrar promessas.

— Senhorita?

— Obrigada, Harry — murmurei, saindo do meu estado de estupor, descendo do carro.

Tantos anos tinham se passado, e ainda me sentia uma garotinha voltando da escola.

A casa estaria vazia tanto de pessoas como de calor humano?

Bom, pelo menos as brigas entre os meus pais, não haveria mais.

Um pouco nervosa, na verdade ansiosa, toquei a campainha. Esperei intermináveis quase dois minutos até que a porta fosse aberta e um rosto conhecido, apesar de agora muito mais enrugado, surgisse à minha frente.

— Louise? É você mesma, menina?

— Olá, Sra. Berkeley.

Em vez de me responder com a mesma educação e distanciamento, a velha senhora me puxou para um abraço amoroso.

— Oh, querida, senti tanto a sua falta.

O que ela disse me causou vergonha e bastante dor na consciência. Quando saí de Sta. Anna, jurei deixar tudo para trás: as dores, as tristezas, as lembranças amargas e as poucas pessoas que eu amava e me amavam. A senhora doce governanta, que muitas vezes tinha secado as minhas lágrimas, foi uma delas.

— Eu também senti, Sra. Berkeley — respondi, sendo realmente sincera. — Tive muitas saudades suas. Desculpe nunca ter ligado ou...

— Ah, não se preocupe, criança. Eu via você na TV e sei que é muito ocupada.

A compreensão da senhora Berkeley só me fez me sentir ainda pior. Realmente, desde que pisei em Los Angeles, procurando o meu lugar no mundo da fama, dediquei toda a minha energia em nome

disso. Simplesmente tinha trancado o meu coração e seguido em frente.

— E o meu pai?

— Saiu com Ewing e outros velhos amigos para pescar nos limites do rio Lee. Deve retornar no domingo à noite ou na segunda pela manhã.

Ao que Frank tinha me falado, ele tinha avisado ao meu pai que eu voltaria para casa. Mas seria uma grande tolice minha acreditar que ele me esperaria chegar.

— Mas por que não entrou? Não tem mais a sua chave?

Tirei uma cópia da bolsa, mostrando a ela que o problema não era esse. Eu só não me sentia à vontade para entrar, como se essa grande e solitária casa ainda fosse o meu lar.

— O seu quarto está pronto — avisou ela, conduzindo-me para dentro. — Não é o mesmo de antes, infelizmente. Por alguma razão que ainda não entendo, o seu pai mandou reformar assim que você partiu.

A informação não me deixou chocada. Era bem típico do meu pai se desfazer das coisas e das pessoas como se nunca tivessem passado por sua vida.

O quarto, assim como o resto da casa, era elegante e estava impecável.

— Vou pedir que tragam suas malas aqui para cima. Deseja alguma coisa?

— Apenas desejo um banho, Sra. Berkeley, e descansar um pouco da longa viagem.

— Certo. Não deixarei que ninguém a incomode — avisou ela, segurando a porta. — Deseja comer algo?

— Vou ficar apenas com o banho por enquanto.

Ela assentiu, começando a fechar a porta.

— Ah, devo acordá-la para o jantar?

— Eu mesma faço alguma coisa, se sentir fome — respondi com um sorriso. — Pode se retirar para descansar.

Não demorou mais do que alguns minutos para Harry surgir, trazendo as minhas malas. Eu já tinha começado a preparar a banheira para um banho relaxante.

— Obrigada, Harry. Você pode voltar para Nova Iorque — avisei a ele logo depois que colocou a minha mala ao lado da cama.

— Mas o senhor Frank disse...

— Sei o que ele disse, mas você viu a cidade. Realmente não vou precisar dos seus serviços. Falarei com Frank depois.

— Como quiser, senhorita. — Ele faz um gesto respeitoso, saindo silenciosamente em seguida.

As duas outras pessoas de quem gostaria de poder me livrar eram os seguranças, mas esses sei que Frank mandaria de volta o mais rápido possível, assim, apenas fingiria que eles não existiam.



O banho estava tão bom que até mesmo cheguei a cochilar, e acordaria como uma ameixa enrugada se não fosse o enorme estrondo que ouvi surgir do meu quarto.

Olhei para a janela e vi que já tinha anoitecido e parecia bastante escuro lá fora. Ao olhar no relógio do celular, vi que não

passava das seis. Mas como estávamos no inverno, escurecia cada vez mais cedo.

— Me solta, seus imbecis! — O resmungo cheio de fúria me fez voltar a atenção ao barulho que tinha me acordado, e rapidamente procurei o robe de seda, cobrindo meu corpo ainda molhado e com pingos de espuma.

Quando cheguei ao quarto, a cena que vi se desenrolando me fez estacar em choque. Daniel no chão, Craig segurando as pernas dele e Hugh mantendo os seus braços para trás enquanto tentava manter o seu rosto comprimido no chão.

— O que está acontecendo aqui? — indaguei, exaltada.

Embora os dois homens fossem treinados, Daniel era um cara forte e alto, logo ele conseguiria se soltar e uma grande tragédia iria acontecer.

— Vimos esse homem pulando a sua janela, Srta. Hale —
avisou Craig. — Não se preocupe. Assim que o contivermos
chamaremos a polícia.

Daniel MacDowell estava pulando a minha janela, assim como
tinha feito nos tempos do colégio?

Oh, meu Deus.

— A única coisa que irão fazer é soltá-lo.

— Mas, senhorita...

— Imediatamente! — Usei um tom ainda mais duro.

Sem alternativa, os dois seguranças fizeram o que pedi. Daniel
se livrou do agarre de um deles com um safanão e os encarou com
um olhar matador. Fiz um sinal para que eles saíssem, e eles
obedeceram, silenciosamente.

— Daniel? — Corri até ele, que ainda estava no chão, me ajoelhando ao seu lado. — Você está bem?

Ele passou a mão na nuca, e eu toquei o seu peito. O contato foi suficiente para eu sentir como se uma corrente elétrica passasse entre os nossos corpos.

— Hale — ele disse em um sussurro, e sua mão veio até o meu rosto, fechando os dedos em minha bochecha.

O calor foi se intensificando dentro de mim. E ao encarar os olhos brilhantes de Daniel, pude ver que ele passava pela mesma tortura que eu.

— Inferno... — O ouvi dizer segundos antes de seu rosto começar a se aproximar do meu. — Dane-se!

A sua boca buscou a minha. Não, ela reivindicou esse beijo, que na mesma velocidade que ficava mais profundo, também se

tornava mais quente e apaixonado. Quando dei por mim, estava caindo no colo de Daniel, e no momento seguinte rolava pelo carpete, enquanto ele girava o corpo, cobrindo o meu.

O nosso beijo ficava cada vez mais intenso. A mão de Daniel correu por minha coxa, segurando-a firme, e seu quadril esfregou contra o meu, mostrando o quanto eu estava mexendo com ele.

Um gemido frêmito escapou de meus lábios quando sua perna fez as minhas se abrirem mais, e eu senti seu membro duro se esfregar em mim.

Enrolei minha outra perna em volta de sua cintura, puxando-o mais para mim.

Eu queria Daniel nesse momento como jamais tinha desejado qualquer coisa em minha vida, até mesmo a música.

Precisávamos de ar, Daniel precisava de ar, pois eu nem me importaria em sufocar para continuar nos beijando.

— O que nós... — ele balbuciou quando nossos olhares voltaram a se encontrar. — O que eu...

Tão explosivamente como começou, ele se afastou de mim, sentando-se no chão. Observei-o passar a mão nos cabelos, depois na barba.

— Eu não deveria. Não posso...

Gwen. Nós esquecemos completamente dela.

Embora beijar Daniel e tudo que vinha com ele fosse o que mais desejava. Pensar em sua doce namorada e que ela não merecia ser tratada assim trouxe-me um grande peso na consciência.

Não importava o quanto eu tentava mudar e me mostrar uma pessoa diferente do que todos nessa cidade sempre pensaram. No final, acabava sendo a Louise Hale que todos no final acabavam odiando.

— Sinto muito, Daniel. — Levantei-me trêmula do chão, e assim que notei que seu olhar intenso estava fixado em um dos meus seios para fora do robe, tratei de fechá-lo rapidamente. — Nós não deveríamos ter feito isso. Eu não deveria ter feito.

Notei seu rosto se fechar. Ficar ainda mais duro. Com toda certeza, MacDowell estava acrescentando em sua lista mais um motivo para me desprezar.

— Eu que peço desculpas. Vir aqui, definitivamente, foi um erro.

Saber isso não doía menos que ouvir dos seus próprios lábios.

— E posso saber por que pulou a minha janela? — indaguei, levantando-me do chão.

Precisava colocar distância entre nós.

— Eu queria falar com você.

— E precisava pular a janela?

— Não seria a primeira vez que faço isso — recordou ele com um sorriso cínico.

Não. Contrariando as ordens do meu pai, o arruaceiro sem qualquer tipo de futuro tinha muitas vezes pulado a janela do meu quarto, no passado.

— Não somos mais adolescentes, Daniel — acusei, e quando vi seu olhar se fixar nas partes molhadas do robe grudado em meu corpo como uma segunda pele, cruzei os braços em volta dos seios, tentando esconder os mamilos enrijecidos, não de frio, mas ainda

pelo efeito de ter estado nos braços dele. — Da próxima vez, tente a porta.

— Não haverá uma próxima vez.

Como no passado, Daniel conseguia me fazer ir do ódio ao amor. Da felicidade em vê-lo, à raiva e ao desejo de esganá-lo.

— Bom, para que veio, então?

— Quero que desista dessa baboseira de apresentação no karaokê.

— O quê?

— Vamos ser honestos, Hale. — Ele deu dois passos decididos em minha direção. — Você não queria estar aqui. Nessa casa e nem nessa maldita cidade que despreza tanto. Está aqui porque foi humilhada e quer um canto para lambar as feridas. Mas sabemos que assim que elas estiverem curadas irá partir. Como sempre faz.

Porque você é muito boa em ir embora, não importa quantas pessoas deixe magoadas pelo caminho.

— Você disse que acreditava em mim.

— Acredito, mas isso não a torna uma boa pessoa.

No passado, Daniel dizia exatamente o oposto.

— Escuta, a Gwen, ela é importante para mim. Ela já passou por muitas coisas. — Ele inspirou fundo e voltou a soltar o ar. — Não quero vê-la magoada. E não quero que você a magoe por minha causa.

Ele a amava. Estava claro no olhar de Daniel que ele e Gwen se amavam. E isso foi como uma grande facada sendo cravada em meu peito.

— Tudo bem, Daniel. Não vou a essa noite estúpida de karaokê.

O silêncio se instalou entre nós, pesado e esmagador.

Daniel levou as mãos para os bolsos de trás do jeans e ficou me encarando por alguns segundos. Eu lutava contra as minhas lágrimas o máximo que conseguia enquanto meu peito ficava cada vez mais pesado.

— Fique longe do café e o mais longe possível da Gwen também. Ela se apega muito rápido às pessoas e...

— Eu vou embora em algumas semanas — finalizei por ele. — Já entendi. Não vou me aproximar nem de você, do pub ou da Gwen.

Não fazia nem vinte e quatro horas que cheguei à Sta. Anna, e uma enxurrada de sentimentos caiu sobre mim como uma avalanche rolando a montanha.

— Se cuida, Hale — murmurou ele, indo em direção à porta.

Assim que ele a fechou, sumindo do meu olhar, corri para a minha cama. Sendo racional, o pedido de Daniel era justo. Eu não tinha o direito de surgir na cidade, bagunçando sua vida pacata e perfeita.

Por outro lado, o meu coração apenas sentia a grande ferida aberta dentro dele aumentar.

Eu tinha trocado tudo o que eu amava pela música. Agora eu trocaria a música pela única coisa que amava.

Daniel.

CAPÍTULO 4



Três dias se passaram desde que Daniel invadiu o meu quarto. Em todo esse tempo me mantive reclusa. Fiquei o tempo todo em meu quarto e só saía para fazer as refeições porque a Sra. Berkeley me chamava para isso.

Apesar de parecer solitário, o que de fato foi, estive na companhia do meu grande amigo, o violão, e tinha feito cinco

composições e estava trabalhando na quinta. Como a maioria dos artistas, transformava a minha tristeza em arte.

Mais alguns dias em Sta. Anna e toda essa miríade de sentimentos me daria um novo álbum em pouco tempo.

Dedilhava as cordas, pensando nisso, quando a batida na porta me interrompeu.

— Não vou querer jantar hoje, Sra. Berkeley.

Ela me deu aquele olhar de quem não gostava nada de que eu fosse tão relapsa em relação a isso, mas dessa vez não expressou o que pensava.

— Você tem visita.

Como não tinha saído de casa, além da governanta, Daniel e Gwen, ninguém mais sabia que eu estava aqui. E eu não acreditava que nenhum deles tivesse quebrado esse sigilo.

— Visita?

— É uma jovem. Está lá embaixo e insistiu muito em vê-la.

Acho que se chama Gia.

— Gwen. Diga que desço em alguns minutos.

O que a namorada de Daniel poderia estar fazendo aqui?

Se ele pediu que eu ficasse longe dela, deveria ter feito o mesmo pedido a ela, não?

— Gwen?

A jovem, que estivera andando pela sala, observando-a em silêncio, virou em minha direção.

— Louise. — Eu a assisti caminhar animada até mim, depois rodear os braços em volta dos meus ombros, me dando um abraço.

— Estou feliz em vê-la.

Ela me libertou do seu aperto de urso, depois me encarou com seriedade.

— E um pouquinho zangada também.

— Desculpe, Gwen, eu não entendo.

— Bom, primeiro você nunca mais voltou ao pub. Eu tentei visitá-la no dia seguinte, mas aqueles seguranças lá fora são ossos duros de roer.

— Você tentou me visitar? Daniel sabe sobre isso?

Eu só esperava que ele não me acusasse de tentar descumprir sua ordem ridícula.

— Não tenho que contar a ele tudo que faço. Graças a Deus nossa relação não é assim.

— Fico feliz em saber que não.

Na verdade, não me sentia feliz em saber nada da relação deles. Mas precisava admitir que Daniel só estava agindo como um protetor, e não posso julgá-lo, meu histórico em magoar as pessoas era longo.

— Você esqueceu, não é? — Seus lábios fizeram biquinho ao perguntar.

— Do que exatamente? — fingi ignorar o que ela dizia.

— Da noite do karaokê. É hoje, não se lembra?

Eu não havia esquecido. Daniel me proibira de ir. E não queria mais causar confusão. E isso não se devia apenas à minha promessa a Frank.

— Escuta, Gwen, andei pensando e acho melhor não ir.

— Não. Louise, não diga isso. Vai ser divertido. E eu acho que por tudo o que está passando, precisa de um pouco de diversão. —

Ela uniu as mãos, dando-me um olhar cheio de súplica. — Além disso, o time de futebol da escola acabou de ganhar o jogo que os manterá no campeonato. Vamos comemorar a grande conquista do Jason.

— Jason está dando aula na escola?

— Não, mas está ajudando Damon com o time. Escuta, vocês foram namorados, não foram?

— Damon e eu? — indaguei, chocada.

O melhor amigo de Jason sempre me detestou e eu nunca fiz nada para mudar isso.

— Não. — Ela revirou os olhos. — Você e Jason. Foram namorados aqui e depois que saíram de Sta. Anna. Todos acharam que vocês iriam se casar.

— Aquilo foi há muito tempo e nós seguimos caminhos diferentes.

— Mas agora você está aqui e Jason também está na cidade. Só pode ser o destino, não?

Era só o que me faltava, eu ainda completamente apaixonada por Daniel, e sua namorada querendo me jogar para os braços de um ex-namorado.

— Acho que não é uma...

— Não vou deixar que passe a noite inteira trancada aqui, Louise Hale. — Decidida, ela cruzou os braços no peito. — Ou vem comigo, ou então passarei a noite aqui com você.

Eu estava presa em uma grande enrascada, porque o olhar e o sorriso determinado de Gwen me diziam que ela não iria mudar de ideia.

— Posso tomar um banho rápido e trocar de roupa?

— Leve o tempo que quiser — disse ela, vindo me acompanhar até o meu quarto — , mas não vá levar a noite toda.

Cada vez mais que conhecia Gwen, percebia que ela era o tipo de pessoa que ocupava o lugar apenas por existir. Se ela fosse uma cantora como eu, diria que teria uma excelente presença de palco. Era difícil ignorá-la.

— Sua casa é muito linda, Louise. Deve ter sido incrível crescer aqui.

— É do meu pai. E não foi tão incrível como você imagina.

Ao notar o tom amargo em minha voz, seu semblante entristeceu.

— Desculpe, não tinha a intenção de tocar em um ponto delicado.

— Não se preocupe. Bem, fique à vontade, não vou levar mais do que uns dez minutos no banho.

Ela assentiu, e eu corri apressada para o banheiro.

Depois do banho, tirei algumas peças do guarda-roupa e pedi que Gwen me ajudasse a escolher o traje para a noite.

— Sabe, isso me faz lembrar dos tempos do colégio. Eu tinha duas amigas e nós sempre escolhíamos juntas o que vestir.

— Onde elas estão agora?

— Soube que Mikaela se casou e vive na Itália com o marido, e Jess é arquiteta em Washington. Chegamos a nos corresponder por um tempo e depois perdemos contato.

— É uma pena. Mas você tem uma *personal stylist*, não?

Apesar de Collen ser excelente no que faz e duas vezes ter me ajudado a entrar na lista das mais bem vestidas, nunca aceitei usar

nada em que não me sentisse bem por causa da moda.

— Não é a mesma coisa, sabe? — eu disse, deslizando o vestido vermelho pelo meu corpo. — Escolher roupas com as amigas era uma atividade divertida.

— E sou sua amiga? — A pergunta é feita em tom de humor.

Mas eu gostaria muito que isso fosse verdade. Acho que o que mais eu sentia falta era disso. De pessoas que me amavam pelo que eu era, e não pelo que eu fazia ou que imaginavam que eu fazia na vida sempre glamorosa que eu levava.

— Vamos ver. — Pisquei o olho para ela e fui em busca das botas que combinariam com o vestido.

Por não querer atrasar Gwen ainda mais, optei em fazer uma maquiagem discreta e que fosse rápida, mas sem abrir mão do batom vermelho.

— Caramba, Louise! — Gwen assoviou e andou em volta de mim. — Você faz qualquer garota se sentir a irmã pobre da Cinderela.

A minha beleza sempre foi destacada pela minha mãe, principalmente quando eu era criança e ela tentava usar isso para ganhar algum tipo de vantagem entre as respeitosas senhoras da cidade. Claro que nunca deu certo, pois nenhuma delas realmente se importavam com isso.

— Você é linda, Gwen — afirmei, segurando os ombros dela, fazendo-a se olhar no espelho. — Nunca duvide disso.

E eu não dizia apenas para ser gentil. A doçura de Gwen a tornava bonita de dentro para fora, e seus traços marcantes eram premiados com toda essa luz.

— Então. — Ela buscou o meu olhar através do espelho. —

Hora da festa, gatinha.

Acho que jamais me senti tão nervosa quanto esta noite, nem mesmo quando compareci à primeira premiação a que fui indicada.

Não queria magoar Gwen recusando seu convite, mas sabia que iria irritar Daniel. Ao mesmo tempo que desejava muito vê-lo, mesmo que fosse por alguns minutos e de longe.

— Parece bem cheio — observei quando chegamos próximo ao bar.

Havia muitos carros na rua e pessoas no lado de fora.

— Como disse, estão comemorando a vitória do time.

— Isso mostra que Sta. Anna não mudou em nada — disse com humor.

— Não sei como era antes, mas acho que entendo o que você quer dizer.

— Oh, meu Deus! — Duas garotas emitiram um gritinho, chamando a atenção de todos para nós. — É a Lole!

Rapidamente tenho um grupo de adolescentes, bem como os meus dois seguranças, que até então estiveram tentando manter-se discretamente a distância, em volta de mim.

— Tira uma foto?

— Me dá um autógrafo?

— Você pode falar com a minha irmã?

— Claro. Um minuto — falei às garotas antes de pegar o telefone delas para tirarmos uma *selfie* juntas. — Uma pessoa de cada vez.

Já estava acostumada com esse tipo de recepção e sempre gostei muito de atender os meus fãs, não importava onde eu estivesse. Se não fosse eles, eu não teria chegado aonde cheguei e nem conquistado tudo o que conquistei.

— Pode postar na internet só depois de alguns dias? — pedi à jovem ao entregar o celular a ela.

Geralmente pedia algumas horas de tempo, para que eu conseguisse chegar ao meu destino seguinte sem causar alarde.

— Claro que sim. Não vamos postar nada por enquanto. A gente acredita em você, Lole.

Agradei, emocionada, e parti para a foto seguinte.

Levou alguns minutos até todos os que estavam no lado de fora serem atendidos, mas acho que consegui ser gentil e tirar fotos com todo mundo.

— Nossa. Isso deve ser cansativo, não é? — destacou Gwen quando seguimos para dentro do pub.

— Com o tempo a gente meio que se acostuma.

— Acho que eu não conseguiria.

Muita gente almeja a fama, mas poucas pessoas saberiam lidar com ela.

Assim que entramos, outras pessoas me reconheceram, mas essas, por serem mais adultas, foram um pouco mais discretas ao falar comigo. Reconheci muitos rostos e percebi que seus olhares para mim eram bem diferentes dos tempos do colégio. Eles pareciam...

Gostar de mim?

Em meio a tantos rostos, busquei o único que realmente me interessava por um motivo bem especial. E quando nossos olhares

se encontraram, foi como se todas as outras pessoas tivessem desaparecido como fumaça.

CAPÍTULO 5



Daniel estava vestindo um avental preto sobre as roupas escuras, e ele nunca me pareceu tão lindo como agora. Eu queria poder esticar a minha mão e afastar os cabelos rebeldes como ele, de sua testa, como fiz muitas vezes no passado, e tocar o seu rosto com a ponta dos dedos até que a expressão invocada ranzinza se desfizesse.

— Preciso avisar a algumas pessoas que você chegou —
avisou Gwen no meu ouvido para que fosse capaz de escutá-la,
devido ao barulho.

Apenas maneei a cabeça em concordância. Os meus olhos
ainda não conseguiam se desviar de Daniel, que agora caminhava
em minha direção.

— Eu sei que disse para eu não aparecer...

— Tudo bem, Hale. — Ele se aproximou o suficiente para os
nossos corpos ficarem grudados um no outro. — A Gwen avisou que
buscaria você, e sei que ela não sairia da sua casa até conseguir
isso.

Soltei o ar, grata por nosso reencontro não começar com brigas
e acusações, mas o alívio só durou até o que ele disse com rudeza
em seguida:

— De qualquer forma, o meu pedido continua o mesmo. — Ele se inclinou mais, sussurrando em meu ouvido, e apenas sentir o calor saindo de seus lábios, tocando minha pele, me fez estremecer.

— Fique longe de nós.

O aviso de Daniel me fez ficar rígida.

Ele estava agindo como um grande babaca desde que eu cheguei.

Eu tinha errado muito no passado. Feito escolhas das quais me arrependia em busca de um sonho. Mas precisava pagar a vida inteira por isso?

Tudo o que eu havia sofrido antes e depois de sair de Sta. Anna não era suficiente?

Daniel precisava mesmo, a cada segundo, pisar ainda mais no meu coração?

— Quer saber, MacDowel — iniciei, demonstrando que quem estava furiosa agora era eu —, sSe Gwen deseja ser minha amiga, será exatamente isso que serei.

E parecia que a velha, inconsequente e marrenta Louise queria colocar as garras de fora.

Tudo isso era culpa de Daniel, ele conseguia arrancar o melhor e o pior de mim.

— Você nunca foi amiga de ninguém — disse ele, segurando-me firme pelo braço.

Nos enfrentamos furiosamente com o olhar.

— Isso foi golpe baixo até mesmo para você, Daniel — acusei e puxei o meu braço, começando a colocar distância entre nós dois.

— E quer saber de uma coisa? Você que fique longe de mim.

Por dentro eu era uma garotinha chorando com e abraçando um ursinho nos braços, mas por fora dei o meu melhor sorriso sexy, inclinei-me em direção a ele e deposei um beijo demorado em sua bochecha.

Então aquele calor que sempre sentíamos quando estávamos juntos começou a surgir. Daniel poderia dizer em palavras o quanto me desprezava e odiava, mas os seus olhos em chamas, o seu corpo chamando pelo meu, negava tudo isso.

— Se conseguir, é claro.

Havia gente demais aqui para que Daniel pensasse em revidar sem causar um pequeno escândalo, então momentaneamente essa batalha havia sido vencida por mim.

Só que ao começar a me distanciar dele, eu não me sentia nada vitoriosa.

— Achei você de novo. — Gwen retornou, esfuziante. — Há um lugar reservado para você na mesa do Jason.

— Gwen?

— Vai ficar tudo bem, eu prometo — disse ela, alargando o sorriso. — E eu posso entender por que sempre foi apaixonada por ele. O homem é realmente bonito.

Não. Eu nunca fui apaixonada por Jason. Tenho um grande carinho por ele, sempre tive, mas nunca o amei como uma namorada deveria. Só que não deu tempo de esclarecer isso com ela. Após alguns passos pelo bar lotado, avistei a mesa onde Damon, o prodígio do futebol dos tempos de colégio, estava embrulhado em um cobertor. Após alguns passos pelo bar lotado, avistei a mesa onde Damon, o prodígio do futebol dos tempos de colégio, estava embrulhado em um cobertor, tendo e com Faith

agarrada a ele. Também reconheci a tímida Tess e Jason, que apesar do lugar cheio, só tinha olhos para a linda garota ao seu lado.

— Jason Cash. — O meu chamado animado fez todos olharem em minha direção. — Nos encontramos de novo.

Houve um pequeno movimento na mesa. Damon e Faith deixaram claro que não ficaram felizes em me ver; Jason demonstrou surpresa; e Tessa, bom, essa parecia estar diante do demônio em pessoa.

— Louise? — indagou Jason, ainda com incredulidade.

Enquanto Tessa dedicava a Jason suspiros apaixonados, eu sempre desconfiei que ele sentia mais do que empatia por ela ao defendê-la de qualquer maldade que eu e minhas amigas pudéssemos dizer.

Não é era com orgulho que admitiao ter sido uma pouquinho babaca na escola.

— Tessa Bale? — A chamei enquanto me encarava com olhar receoso. — Nossa, você continua exatamente como eu me lembrava.

Linda e com um ar doce, que achava que eu jamais conseguiria ter. Mas da forma que observei Tessa reagir ao que disse, e da qual sua amiga Faith também me encarou, as duas tinham absorvido a minha tentativa de elogio erroneamente.

— Não posso dizer o mesmo sobre você, Hale. — A voz de Tessa soou bastante firme, e eu acreditava que merecia que ela me enfrentasse com tanto rancor e mágoa.

Vi que a mão de Jason buscou a dela, dando um claro sinal de que estava ao seu lado. Mesmo ele, que conhecia toda a história da

minha família fodida e que sempre estivera ao meu lado, não se importando com o que as pessoas falavam, já tinha gastado todas as fichas comigo. Eu ficava feliz que nesse momento a sua escolha fosse Tessa Bale.

— Está muito bonita — ela concluiu após a rispidez inicial.

Claro que a delicada Tessa não diria nada de ruim sobre mim. Ela não era cruel, mesmo que pensasse uma ou duas coisinhas desagradáveis sobre alguém.

— Será que posso me sentar? — indaguei a todos.

— E nós temos escolhas? — rugiu Faith, fazendo-me rir.

Ela sempre foi a mamãe leão protegendo a amiga. Eu meio que sempre senti inveja dessa coisa entre as duas, a lealdade e o tipo de amizade que duraria a vida toda.

O único que não parecia incomodado com a minha presença era Jason, então, iniciei uma conversa rápida com ele, perguntando sobre como estava se sentindo e sobre o seu possível retorno ao futebol, antes que curiosos e fãs viessem à nossa mesa.

Entre as bebidas e comidas que nos foram servidas, muitas pessoas vieram nos cumprimentar. O alvo da atenção na grande parte foi Jason. A maioria aqui era fã de futebol ou fã dele desde os tempos da escola. E a noite era para comemorar sua conquista junto com o time juvenil.

Eu não me importava em dividir o estrelato com ele, e pelo que via ao observar Damon destacar os feitos do amigo, ele também não se ressentia com todo alvoroço em volta de Cash.

Além disso, quanto menos fotos tirassem de mim, menor seria a repercussão da minha breve passagem por Sta. Anna.

— Ei, pessoal! — A música foi desligada e a voz de Daniel MacDowel ressoou do microfone no palco perto do balcão do bar. — Gente, um segundo, por favor.

Bem próximo a ele, avistei Gwen com o mesmo sorriso entusiasmado de sempre.

O burburinho ao redor começou a diminuir quando todos focaram a atenção em Daniel.

— Como vocês bem sabem, nós temos esta noite duas grandes personalidades da nossa pequena cidade.

Quase todos os olhos viraram em direção à nossa mesa.

— Jason. Hale? — Daniel encarou nós dois, abrindo um sorriso cheio de más intenções.— Sei que pode ser um tanto em cima da hora, mas tenho recebido muito, mas muito, esse pedido desde que vocês chegaram.

Com certeza o pedido para que eu cantasse tinha partido de Gwen, mas estava certa de que o de acrescentar Jason foi ideia de Daniel, apenas para me provocar.

— Uma boa parte aqui se lembra quando você retornava trazendo vitórias para o time da escola, Jason, e que nas tardes de domingo comemorávamos aqui. — Ele seguiu com o discurso, mas sua atenção estava completamente em mim. — E você nos presenteava com sua bela voz, Louise.

Trocamos olhares cheios de lembranças. Sim, muitas vezes cantei aqui, após as vitórias do Jason e do time da escola, mas muitas dessas canções fiz dedicando a Daniel e ao que achava de nosso amor proibido.

E eu via em seu olhar intenso que ele também se recordava disso.

Pois é, tantos anos haviam se passado e Daniel continuava impossível para mim.

— Os dois, na realidade. — Daniel retornou rapidamente o olhar para Jason e permaneceu com a atenção nele. — Nossa estrela da música *country* e o nosso astro de futebol. Quando os teremos juntos no mesmo lugar outra vez?

Diferente de mim, Jason sempre amou Sta. Anna, e agora seus motivos para ficar eram mais fortes. Já eu, não sabia nem se conseguiria passar o tempo necessário, vendo dia a dia como Daniel estava feliz ao lado da gentil Gwen.

— Então em nome da cidade — continuou Daniel —, quero convidá-los a nos presentear com uma canção.

Um murmúrio empolgado brandiu por todo o bar. Faço Fiz o papel da artista encabulada, e Jason encarou Tessa, incerto do que

fazer.

— Vá lá, Jason. — Observei-a abrir um amplo sorriso, incentivando-o a ir. — Vocês sempre foram uma ótima dupla musical.

Porque tudo o que Jason se propunha a fazer, ele executava com excelência.

— Tess... — ele iniciou, mas Damon o provocou, indagando se ele estavaá com medo do público.

Nenhum de nós nos sentíamos realmente confortáveis com isso. Ele possivelmente, temendo magoar Tessa, e eu porque queria esganar Daniel por estar sendo tão cretino.

— As pessoas gostariam disso — Tessa afirmou com convicção. — Realmente está tudo bem.

Ela pegou exatamente no ponto fraco de Jason. Ele nunca decepçionava ninguém, sei disso porque usei essa vantagem diversas vezes para mantê-lo comigo. Fui extremamente egoísta, mas ele era para mim o meu porto seguro. Para quem eu sempre sabia que poderia voltar e quem me receberia sem julgamentos.

— Vamos, Jason — chamei, esticando a mão para ele, tentando encontrar em mim o máximo de animação. — Vamos terminar logo com isso.

Com os vivas das pessoas retumbando à nossa volta, arrastei Jason em direção ao pequeno palco.

Daniel entregou um dos microfones a mim, e eu comecei a verificar a seleção da base musical no karaokê. Depois de escolher, entreguei a pasta com a letra para Jason.

— Bom, eu escolhi essa música porque ando meio obcecada por ela nos últimos dias e... — Procurei Daniel rapidamente, e depois de encontrá-lo, voltei a minha atenção na para a plateia. — Espero que vocês gostem tanto quanto eu.

You're Still The One, um dos sucessos de Shania Twain, foi a canção escolhida. Fechando os meus olhos, me preparei para a música que eu sabia que falaria tanto comigo quanto com Daniel.

— *Quando eu te vi pela primeira vez. Eu vi o amor* — iniciei, colocando todo o meu sentimento nos primeiros versos — *E na primeira vez que você me tocou. Eu senti o amor. E depois desse tempo todo. Você ainda é aquele que eu amo.*

A emoção e a verdade nas palavras que estou estava dedicando a Daniel, mexiam demais comigo, e fico fiquei agradecida por esse ser um dueto entre mim e Jason, de ele entrar na música

logo em seguida, dando-me tempo para tentar me recuperar um pouco.

— *Parece que nós conseguimos. Veja como chegamos longe, minha querida* — cantou Jason, executando perfeitamente a parte dele da música, fazendo com que lhe desse um sorriso, agradecida.

— *Nós devemos ter seguido o caminho longo. Nós sabíamos que chegaríamos lá algum dia.*

Os olhos dele buscaram Tessa, como os meus voltaram a procurar por Daniel.

“Eles diziam: Aposto que eles nunca conseguirão.

Mas somente olhe para nós aqui. Nós ainda estamos juntos e fortes.”

Cantei, observando o lindo rosto de Daniel transpassar que ele também se recordava do passado. Do que os meus pais diziam

sobre nós. Das nossas diferenças. Só que nunca fomos diferentes e esse abismo só existiam aos olhos preconceituosos deles.

— *Você ainda é o único* — segui em minha parte solo, reafirmando para Daniel como me sinto. — *Você ainda é aquele para quem eu corro.*

Mesmo em turnê ou viajando pelo mundo com a minha música, em cada momento de dificuldade que passei, cada vez que precisava seguir em frente, sentindo-me sozinha, pensei em Daniel e no que ele teria dito a mim.

“Você é uma brigona, Louise Hale, então pare de choramingar e dê na cara deles com toda força.”

— *Você é aquele que eu quero na vida. Você ainda é o único. Você ainda é aquele que eu amo.* — O que eu precisaria fazer para

que Daniel voltasse a acreditar nisso? — *É aquele com quem eu sonho. Você ainda é aquele que eu dou um beijo de boa noite.*

Porque sempre que eu estava sozinha, beijava a nossa foto que tinha em meu telefone.

Olhei para Jason com carinho. Todos na cidade acreditavam que éramos perfeitos juntos. Por muito tempo, estive convicta de que ele fosse o meu lugar seguro, mas agora me dava conta de que só procurava o conforto dele quando brigava com Daniel. Eu fugia para Jason porque, na verdade, temia o grande sentimento que o garoto encrenqueiro da cidade fazia crescer dentro de mim.

Eu sempre, e inegavelmente, amei Daniel.

Estava prestes a declarar isso na frente de todos, quando o vi largar sobre o balcão a bandeja que segurava e se refugiar para os fundos do bar.

Jason finalizou a música com uma chuva de aplausos, e eu entreguei o meu microfone a ele, enfiando-me entre as pessoas querendo cumprimentar a gente, me desviando delas o mais rápido que conseguia, na direção por onde vi Daniel sair.

— Daniel? — chamei-o quando o vi afastar a testa da parede onde havia se apoiado, indo até uma porta. — Daniel...

Via que o lugar era usado como um escritório por ele. Tinha uma mesinha com computador, uma estante no canto com algumas pastas catalogadas. Engradados vazios de bebida e outras caixas empilhadas.

— Como você pôde, Louise? — Seu olhar acusador exigiu o meu. — Aquela música.

Ele se lembrava. Daniel se lembrava dela, tanto quanto ela nunca havia saído da minha mente.

— Foi a música que você cantou para mim a última vez que subi escondido em meu quarto, para pedir que eu não fosse ao baile com Jason, na noite da formatura.

— Eu implorei isso, Louise — ele destacou com voz acusadora e magoada. — E mesmo assim você foi.

Ele tinha todo o direito de estar magoado, mas como naquele dia, desconhecia completamente os motivos que me levaram a fazer aquilo.

— E não há um dia que não me arrependa disso, Daniel — lamentei com choro na voz. — Eu estava tão obstinada em me tornar famosa. Em fazer os meus pais me enxergarem, terem orgulho de mim e me amarem, que não via que estava perdendo a pessoa que mais havia me amado no mundo.

Mesmo conhecendo todos os meus pontos fracos.

— Aquela noite eu tinha certeza de que estava grávida —
murmurei em um fio de voz.

— O quê? — Daniel me encarou, estarrecido. — Você estava grávida? Você não... Louise...?

— Não, Daniel, por mais cretina que acredite que eu seja, não fiz um aborto, ok? — me defendi, exasperada. — Contei aos meus pais e eles disseram que se fosse do Jason, sabiam que ele iria corrigir o erro, mas se fosse de um zero à esquerda como você, me obrigariam a fazer um aborto. Foi por isso que fui ao baile com Jason. Eu...

Era difícil admitir isso, porque a decisão que tomei não era melhor do que ter feito um aborto, sendo obrigada pelos meus pais. Tirar de Daniel o seu direito de saber sobre o filho.

— Claro que iria contar tudo ao Jason, e eu o conhecia bem para saber que me ajudaria, dizendo que o bebê era dele.

— Por Deus, Louise! — Via a mágoa no olhar dele, e isso me feria ainda mais. — Como pôde esconder isso de mim? Como pôde pensar em colocar outro em meu lugar?

— Eu só tinha dezessete anos, Daniel. Não justifica, mas eu me sentia perdida e pressionada. Os meus pais não me amavam, estava apaixonada e possivelmente grávida do rapaz que eles desprezavam.

— Você poderia ter me procurado, Louise. E não me fazer acreditar que escolhia o Jason em vez de mim. Sabe como aquela noite me destruiu por dentro?

— O que nós iríamos fazer? Seu pai nunca apoiou a gente. Você se recorda daquela vez que fugi de casa e procurei vocês?

Eu tinha apenas quinze anos na época. Foi no meu aniversário, e eu tinha convidado Daniel para a festa. O papai não gostou nada disso, e além de expulsá-lo na frente de todos, levou-me até o seu escritório, fazendo um longo discurso do porquê eu deveria ficar longe de pessoas como os MacDowel.

Eu não consegui apoio da minha mãe, que assim que viu o meu pai sair, desferiu um belo tapa em meu rosto, chamando-me do pior nome que uma mãe ousaria dizer à filha. Foi o incentivo necessário para que eu tomasse a decisão de fugir de casa e procurar Daniel e o pai dele.

Só que o Sr. MacDowel tinha apenas nos enganado por algumas horas. Então ele chamou a polícia, que surgiu com os meus pais, obrigando-me a voltar para casa, fazendo-me prometer nunca contar do ocorrido a ninguém.

E foi assim que meu namoro secreto com Daniel, entre idas e vindas nossas, passou a ficar mais forte.

— Naquela noite você insistiu para que a gente fosse embora, como tantas as vezes dissemos que iríamos — murmurou ele. — Que abandonássemos tudo. Que fugíssemos naquele momento.

— Mas você não queria ir. Precisava ficar com o seu pai. O homem que a vida inteira foi violento com você.

— Então acreditou que estava trocando você por ele, não foi?

Assenti, permitindo que as lágrimas finalmente caíssem dos meus olhos.

— Ele estava doente, Louise. O meu pai estava morrendo — confessou Daniel com ar cansado. — Contou isso naquela noite, algumas horas antes do baile. Por isso fui procurar você. Sempre que ele me batia ou a gente brigava, eu dizia que quando me

formasse iria embora dessa droga de cidade. O meu pai sabia que eu faria isso e me pediu para ficar.

E Daniel nunca abandonava quem precisava dele, mesmo sendo alguém tão cruel como o seu pai. Eu sempre o conheci melhor do que qualquer pessoa dessa cidade. Sabia que sua rebeldia não passava de um escudo, do medo dele de também ser agredido por outras pessoas.

Como disse, sempre fomos, de alguma forma, iguais. Dois jovens buscando amor onde achavam que não existia.

— Não consegui fazer o pedido a Jason naquela noite e nem nos dias seguintes. Parece que sou uma mentirosa patológica, não é? Como dizer ao meu namorado oficial que eu não era mais a garota virgem me guardando para ele, como também que estava grávida de outro? No fim, decidi que não era justo enganar o Jason

também. Queria procurar você, mas toda vez que nos víamos, me encarava com ódio ou se recusava a me deixar me aproximar.

Foram os dias mais difíceis da minha vida. Saber que teria que dar adeus à música e que havia perdido Daniel.

— O bebê me dava forças para seguir em frente. Então, quando em uma manhã acordei determinada a enfrentar os meus pais por você, por nós, descobri que não havia bebê. Foi só a minha menstruação atrasada devido a todo o estresse da formatura e das incertezas com a vida depois dela.

— Então você decidiu dar as costas a tudo e partir.

— Não. Eu estava arrasada, Daniel. E cansada de lutar para que as pessoas que eu amava me amassem de volta — confessei com um soluço. — Você escolheu o seu pai e não havia mais nenhum motivo para permanecer aqui. Eu estava farta de continuar

fingindo ser indiferente a tudo. De bancar a durona. Porque até mesmo os mais fortes têm suas fragilidades também. Por isso eu parti.

Achei que poderia recomeçar, que em algum lugar longe de Sta. Anna encontraria o sucesso e a felicidade que sempre procurei. E fui feliz em alguns momentos. Todas as vezes que estive no palco, fui feliz. O problema era quando saía dele e me via sozinha no carro que me levaria até o hotel, onde geralmente não havia ninguém me esperando.

— E o Jason? Vocês voltaram depois que foram embora daqui. Sabe como foi vê-los pela TV e em matérias de revistas?

— Aquilo foi ideia do meu empresário. Jason estava se destacando no futebol e eu precisava de visibilidade — confessei, nada orgulhosa por ter dado ouvidos a Frank sobre isso. — No fim, a

gente percebeu que estava cometendo os mesmos erros do passado. Eu segui com a música e ele com o esporte. Eu nunca fui perfeita, Daniel. Ainda não sou — lamentei, indo em direção à porta.

— Sinto muito por tudo.

Após revelar o que guardei sufocado em meu peito por tanto tempo, com a minha vista embaçada pelas lágrimas, virei as costas e parti.

— Louise? — Gwen se chocou contra mim assim que passei pela porta. — Você está bem?

Mesmo que as lágrimas permitissem vê-la, a minha vergonha não deixaria. Não era certo com Gwen que eu continuasse a amar o namorado dela e que, se tivesse a oportunidade, e se Daniel não me odiasse ainda mais, ainda lutaria por ele.

— Desculpe, Gwen — murmurei após um soluço. — Você tem que ficar longe de mim.

— Mas... não! Louise, o que aconteceu?

— Eu machuco as pessoas. Cedo ou tarde, destruo tudo o que eu amo.

“Você é igualzinha à sua mãe, Louise, apodrece tudo o que toca. Vá embora, e é melhor não voltar.”

Foi o que o meu pai disse quando comuniquei que não iria para a faculdade, como ele desejava, e seguiria em busca do meu sonho em Los Angeles.

Essas palavras nunca saíram da minha cabeça, e agora retornavam com toda força.

Gwen me chamou, e em meu desespero sufocante pensei ter ouvido a voz de Daniel também, mas deveria ser apenas o meu

coração pedindo por ele. Segui apressada em direção à portas dos fundos, que eu conhecia bem das vezes que fiquei aqui escondida, no passado.

Eu saí na rua que dava para os fundos do pub. Para a minha sorte, não havia ninguém, todos estavam dentro do pub bajulando Jason, ou na entrada, esperando-o sair.

Comecei a caminhar sem rumo. Passei por uma praça e vi o antigo balanço onde Daniel e eu tantas vezes passamos horas conversando e tomando cervejas, proibidas para a nossa idade, que ele roubava do pub do pai.

Ele dizia, com ironia, que eu só aceitava vê-lo no escuro, como se ele fosse alguma criatura da noite ou outra coisa. A verdade era que não tinha vergonha de Daniel, como muitas vezes ele chegou a acusar. O que eu não queria era que as pessoas, os meus pais

principalmente, nos julgassem e eu acabasse sendo enviada para longe, onde nunca mais poderia vê-lo.

Sendo uma adolescente que sentia tudo de forma exagerada, uma menina, na realidade, como poderia enxergar além das emoções vividas na época?

Segui adiante e vi outros lugares onde eu e Daniel nos divertimos ou brigamos, nos desentendemos e fizemos as pazes. Sta. Anna estava cheia de lembranças e histórias de nós dois juntos. Como também vi Tessa Bale caminhando sozinha, parecendo desolada.

Parecia que a noite também não havia acabado bem para ela e Jason. Poderíamos formar uma bela dupla de garotas com o coração partido, mas em vez de me unir a Tessa, acabei indo para a minha casa.

E, diferente do que fiz no pub, aceitando apenas refrigerantes, quando entrei, segui direto para o bar.

— O melhor uísque do papai — murmurei com ironia amarga ao pegar uma das garrafas.

Dei o primeiro gole quando subi as escadas, e quando cheguei ao meu quarto, o calor em meu estômago já começava a se espalhar por meu corpo. Eu gostava disso, parecia que a bebida era a única a conseguir aquecer o meu corpo frio.

— E Daniel MacDowel — acusei, olhando pela janela a lua começando a ser coberta pelas nuvens no céu —, o desgraçado que nunca saiu da minha mente e coração atormentados.

Talvez Daniel tivesse razão e ele fosse mesmo uma criatura noturna, uma que tinha me deixado completamente enfeitiçada por

ele, e nem o tempo ou qualquer desentendimento entre nós poderia arrancá-lo de mim.

O pensamento completamente alienado, mas com uma boa dose de razão, me fez rir e voltar a virar a garrafa em minha boca.

Frank tinha aconselhado que eu evitasse confusão em Sta. Anna, mas se eu continuasse aqui, faria exatamente isso.

Eu precisava ir embora, concluí, deixando a garrafa cair no tapete, seguindo até as malas que joguei de qualquer jeito na cama.

— Fugindo de novo, Louise?

A voz me fez estacar no lugar. Tive certeza de que estava tendo uma alucinação causada pela bebida. Pois eu não poderia estar vendo Daniel pendurado na minha janela, como nos velhos tempos.

CAPÍTULO 6



Eu só podia estar sonhando ou, no mínimo, delirando.

— Daniel? — Cheguei a esticar minha mão em direção a ele, que em um instante estava parado diante de mim.

— Que droga, Louise! — Sua expressão zangada era real demais para que ele fosse uma ilusão. — Eu te procurei por toda parte.

— Você... — balbuciei debilmente. — Procurou por mim?

Não. Daniel me odiava, e depois do que revelei a ele essa noite, tinha todos os motivos para me desprezar ainda mais.

— Você me odeia. — Transformei em palavras o que minha mente atormentada acusava. — Tem que me odiar.

Aprendi há muito tempo a lidar com esse sentimento das pessoas em relação a mim.

— Eu tentei, Louise. Tentei muito. — Suas mãos envolveram o meu rosto e ele o ergueu, fazendo-me encará-lo. — Mas eu nunca consegui odiar você.

Sua declaração fez as comportas dentro de mim se abrirem, e todas as dores, mágoas e decepções que mantive trancadas foram liberadas com o choro.

— Eu sinto — soluzei mais alto quando ele me abraçou, apoiando o meu rosto em seu peito. — Sinto muito ter ferido você.

Ter estragado tudo.

E principalmente por perdê-lo. Por ter ido embora, deixando a parte mais importante da minha vida para trás.

Fama. Dinheiro. Sucesso. Nada disso fazia sentido sem Daniel ao meu lado. A primeira vez que me dei conta disso quase me destruiu. E foi em um desses momentos de fragilidade, com inúmeros troféus ganhados em uma noite de premiação, em meu maior período de fragilidade, que conheci Jimmy. A ânsia de ser novamente amada foi o que me fez mergulhar em uma relação tóxica.

— Eu sinto, tanto — soluzei, agarrando-me mais forte a ele.

— Nós nos machucamos, Louise — murmurou ele, enquanto nos levava em direção à cama. —Nós dois tivemos culpa no que aconteceu. Se eu tivesse contado sobre o meu pai...

Então eu não teria me sentido trocada por ele. E nem teria partido de Sta. Anna jurando nunca mais regressar.

Mas a vida tinha suas formas de conduzir as coisas. Estava nessa cidade da qual tanto quis fugir, enfrentando todos os fantasmas do meu passado.

— É hora de virar a página, Louise. — Ele segurou o meu queixo quando nos sentamos na cama, mantendo nossos olhares fixos. — De se perdoar. De nos perdoar.

Acho que passei os últimos anos esperando por isso. Ouvir de Daniel que ele me perdoava.

— Eu amo você. — Não conseguia mais mentir ou negar isso.

— Eu sempre amei e sempre vou amar, Daniel. Não importa como a gente acabe. Será sempre meu primeiro e único amor.

Porque Daniel tinha sido tudo. O primeiro beijo. O primeiro coração partido. O meu primeiro homem.

Seus olhos intensos e profundos examinaram o meu rosto banhado em lágrimas mais uma vez. Eu vi a consternação passar em seu semblante antes de ele afagar minha bochecha e aproximar mais os nossos rostos.

— Louise — murmurou fracamente como se perdesse uma guerra contra si mesmo. — Inferno. Dane-se tudo!

Então, atendendo ao meu desejo mais secreto, sua boca tocou a minha, inicialmente apenas esmagando os meus lábios com a força do seu desejo, depois sua língua encontrou a abertura para transformar esse beijo em algo quente e explosivo.

Cada centímetro de minha pele que as mãos afoitas de Daniel tocavam o recebia com festa. Ansiei isso por tempo demais. Estar

como antes nos braços dele.

Gemi, pesarosa, quando interrompemos o beijo em busca de ar, e voltei a gemer, dessa vez jubilosa, quando voltamos a unir nossas bocas.

As minhas mãos trêmulas foram parar em sua camisa, e com urgência desesperada comecei a puxá-la, tentando arrancá-la de seu corpo.

Sua boca estava em meu pescoço agora, e eu ardia como ferro sendo colocado no fogo.

— Sonhei tanto com isso, Daniel — confessei sem qualquer timidez ou medo de revelar isso. — Eu quero ser sua. De novo.

Como no passado. Não, um milhão de vezes melhor que no passado. Pois a forma que ele me fazia sentir era única.

— Louise... — ele gemeu, segurando a minha mão quando tentei enfiá-la por dentro da sua calça. — Por favor, pare.

— O quê...? — indaguei, ainda um pouco fora de mim. — Eu quero você, Daniel.

Tentei avançar, e novamente sua mão me impediu.

Nós nunca tivemos que fazer o joguinho de quem precisava conquistar o outro. Nunca tivemos tempo para ficarmos juntos, bastava nos vermos para a atração fazer o resto.

— Você está bêbada, Louise — ele declarou, fazendo-me encará-lo.

— Eu não me importo — afirmei com urgência. — Preciso de você.

— Mas eu me importo — disse Daniel, firme, depois tocou o meu rosto, afastando com os dedos as mechas de cabelo caindo

sobre ele.

Encolhi-me na cama, coberta de humilhação pela rejeição. Talvez na manhã seguinte eu fosse ficar agradecida a Daniel por não tirar proveito da situação, mas nesse momento só me sentia desprezada.

Só que em vez de vê-lo se afastar como imaginei, o observei tirar os sapatos, deitar-se ao meu lado e buscar minha mão.

— Descanse, Louise. — Fui levada novamente para o conforto do seu abraço. — Foi uma longa noite.

Que eu não queria que acabasse, mesmo que só nos restasse isso, ficarmos apenas abraçados. Era mais do que um dia sonhei ter outra vez.



Daniel ainda estava aqui. Ainda estava me abraçando, e acordar com ele ao meu lado era incrível demais para que conseguisse colocar em palavras.

— Bom dia — murmurou ele.

Seu sorriso lindo iluminava o quarto mais do que o sol brilhando timidamente lá fora.

— Bom dia — sussurrei de volta.

O meu coração parecia se preparar para se apresentar em uma banda de heavy metal. Então tive uma breve lembrança da noite anterior, e que tinha consumido, pelo menos, quase metade da garrafa de uísque do meu pai.

Soltando um grito alarmado, tapei a minha boca e corri feito uma maluca para o banheiro.

Eu nunca mais vou beber!

Prometi a mim mesma enquanto caçava a escova e a pasta de dente.

Eu havia acordado ao lado de Daniel, o maior sonho da minha vida desde que nos separamos, e definitivamente eu não queria que sua lembrança sobre isso fosse a do meu bafo de uísque.

Eu nunca mais vou beber.

Com toda certeza Frank ficaria grato por isso. Daniel iria se tornar o seu mais novo e favorito amigo.

— Louise? — Olhando através do espelho, o vi surgir na porta.

— Tudo bem?

Afirmei que sim com a cabeça, enquanto movia a escova duramente dentro da boca.

O sorriso de Daniel era lindo e difícil demais para eu conseguir ignorar agora, então me concentrei na missão de escovar os dentes.

— Tem uma extra? — indagou ele, se colocando ao meu lado.

Em resposta, abri uma das gavetas de onde Daniel tirou uma escova de dentes rosa e lilás.

— Tudo bem. — Ele colocou a pasta, e seguimos juntos fazendo a higienização matinal.

Era estranho ter passado a noite juntos sem nada sexual ter rolado entre nós, ao mesmo tempo parecia supernatural estarmos aqui fazendo algo tão íntimo.

— Louise, sobre ontem... — ele iniciou quando retornamos ao quarto.

— Café — gritei, alarmada. — Sabe que só consigo pensar de manhã depois de um bom café. Vamos descer.

Estava em pânico. Completamente receosa com o que Daniel poderia querer me dizer. Eu já sabia. Ele tinha a Gwen agora. Esquecer o passado, como ele tinha falado ontem à noite, significava aceitar o presente. E, no agora, ele não pertencia mais a mim.

— A Sra. Berkeley está de folga — avisei, seguindo para a cozinha. — Então terá que se contentar com... — Enruguei a testa, pensando nas opções. — Cereal?

— Não aprendeu a cozinhar nada desde que esteve fora.

Se não fosse soar rudemente arrogante, destacaria que tenho dinheiro suficiente para contratar 24 cozinheiros, um para cada hora do dia.

— Ainda consigo queimar um ovo como ninguém — relembrei-o da minha tentativa no apartamento dele, em cima do bar.

Foi quando o Sr. MacDowel precisou fazer uma viagem para fazer negócios com alguns fornecedores, e Daniel e eu decidimos dar um importante passo em nossa relação secreta. Eu não queria que fosse em um motel de beira de estrada, como faziam muitos jovens da cidade, e nem poderia ser na minha casa, por maior que ela fosse.

— Sua sorte que sempre soube me virar na cozinha — disse ele, arregaçando as mangas da camisa. — Ainda ama panquecas?

— E irei morrer amando.

— Algumas panquecas saindo.

Enquanto Daniel seguia olhando os armários e a geladeira, buscando tudo que iria precisar, sentei-me em um banco e fiquei observando-o se mover.

Se tivesse uma varinha mágica ou o controle remoto como o de Adam Sandler, no filme *Click*, em vez de acelerar o tempo iria pará-lo ou fazer que corresse bem devagar.

— Não acredito nisso. — A surpresa em suas palavras me fez inclinar no balcão de mármore, curiosa para saber o que ele via no telefone.

— O que foi? Daniel?

Ele lançou o aparelho pelo balcão, que veio deslizando até mim. Era uma foto de Tessa mostrando uma tatuagem que havia feito em homenagem a Jason.

— Uau! Quem diria que a santinha da Bale faria algo como isso.

— Ela sempre gostou dele — defendeu Daniel.

E Jason sempre sentiu algo por ela. A pedra no sapato dos dois tinha sido eu, concluí, nada feliz.

— Canela e açúcar? — ele indagou, colocando sobre a mesa a pilha das mais apetitosas panquecas que eu já havia visto.

— Sim, por favor.

— E... — Daniel colocou à minha frente uma fumegante xícara de café com creme. — Não tinham sementes de chocolate, mas acho que o em pó fará um efeito semelhante.

— Panquecas e o melhor café *latte* preparados pelo incrível Daniel MacDowel. Não me acorde se isso for um sonho.

— É realidade, Louise, e isso me faz lembrar que...

Não diga nada. Não diga nada, Daniel.

O meu pedido fervoroso não foi atendido exatamente por ele, mas sim pela garota gritando, furiosa, do lado de fora da casa.

— Vocês sabem que conheço ela, seus imbecis. Estive aqui no outro dia.

— Gwen? — Cheguei à entrada no momento que Craig tentava impedi-la de passar por ele. — O que está acontecendo, Hugh?

— Desculpe, senhorita Hale. A jovem queria vê-la, mas sabemos que não gosta de ser interrompida pela manhã.

Isso era quando estava em turnê ou virava a noite buscando diversão com Jimmy.

— Podem deixá-la.

Com minha permissão obrigando Craig a soltá-la, Gwen faz uma careta, mostrando a língua para ele. Como era bem treinado, o meu segurança não emitiu qualquer reação.

— Brutamontes — resmungou ela ao se afastar.

— O que Gwen faz aqui? — indagou Daniel, incomodado.

Foi então que recordei que a cena romântica que estava vivendo na cozinha com ele era apenas fruto da minha cabeça. Daniel tinha uma namorada, e ela era uma pessoa incrível que nenhum de nós desejava magoar.

— Olha, Gwen... — comecei a dizer, tentando explicar que, apesar de estar bem claro que Daniel havia passado a noite aqui, nada tinha acontecido entre nós.

Bom, não exatamente nada, havíamos nos beijado. Então caiu a ficha que ele ter se afastado, quando as coisas ficaram quentes demais, não era apenas por causa de minha embriaguez. Ele deveria ter se recordado de seu compromisso e fidelidade a Gwen.

— Eu gostaria muito de conversar, Louise, mas preciso falar com Daniel — avisou ela apressadamente. — O Hendrix não está nada bem.

Eu tinha escutado direito? Ela tinha citado Hendrix?

Pela forma que Daniel desceu os degraus e Gwen o seguiu apressada, vi que não ouvira errado.

— Rapazes, há panquecas na cozinha, podem comer à vontade — avisei, correndo na mesma direção que Daniel e Gwen.

— Estão dispensados por hoje.

— O senhor Frank... — Hugh começou a dizer.

— Eu resolvo com ele depois — gritei, e felizmente consegui chegar ao carro antes que Daniel saísse. — Estamos em Sta. Anna.

Nada acontece por aqui.

Se não estivesse preocupada com Hendrix e com Daniel preocupado com ele, com toda certeza teria rido das caras nada contentes dos meus dois seguranças. A sorte que Daniel saiu em

disparada, não dando tempo de eles nos seguirem. De qualquer forma, saberiam onde me encontrar se quisessem.

Agora eu precisava estar ao lado de Daniel.

CAPÍTULO 7



Assim que estacionou o carro em frente ao pub, Daniel desceu apressadamente e se dirigiu à porta lateral. Uma escada nos levava até o apartamento que havia em cima do bar.

Ele entrou e foi direto para o quarto, e eu fiquei parada na porta, indecisa se devia continuar, mas Gwen segurou a minha mão, me puxando para dentro.

— Ei, amigão. — Ouvi o sussurrar de Daniel e como seu tom era carinhoso. — Já estou aqui.

Hendrix era um lindo e grande cachorro Akita. Uma raça bem antiga, que costumava proteger a realeza japonesa. Eles também eram conhecidos pela sua lealdade extrema ao dono, uma característica ainda bastante evidente até hoje.

— Hendrix? — sussurrei, me aproximando enquanto Daniel afagava o corpo dele. — Oi.

O cachorro ergueu lentamente a cabeça e emitiu um ganido lamurioso para mim.

— Ele se lembra de você, Louise — afirmou Daniel, e isso me fez cair sentada na cama enquanto um rio de lágrimas começava a correr por meu rosto.

Hendrix foi muito presente na minha relação com seu dono, porque Daniel sempre que podia o carregava para todo lugar.

O cachorro o seguia até a escola e ficava esperando-o sair. Ficava vigiando os nossos encontros secretos, ou assim nós achávamos na época. Eu tinha muitas lindas memórias de Hendrix.

— Está tão velhinho — murmurei, tocando o focinho dele com a minha mão.

— Já tem quinze anos — disse ele.

Uma vez Daniel tinha falado que a expectativa de vida de um Akita era de dez a treze anos, o que me deixou muito triste na época. Isso significava que Hendrix tinha sido forte por muito mais tempo. Segundo o veterinário que o tratou, quando Daniel o achou todo sujo e faminto na estrada que levava ao rio Lee, ele tinha por volta de três anos.

— Eu acho que Hendrix estava esperando você, Louise — disse ao ver o cachorro lambeir minha mão, depois apoiar a cabeça em meu colo.

Algumas vezes, principalmente quando Daniel e eu brigávamos para valer, achava que Hendrix era o único na cidade que me amava. E a maior parte de nossas reconciliações acontecia porque não conseguia me manter longe do cachorro, e Hendrix e Daniel pareciam ser um só.

— Eu senti a sua falta, Hendrix. — Afaguei seus pelos grisalhos, e minhas lágrimas pesadas caíram sobre eles. — Senti muito.

— Ele sabe, Louise. — Daniel também tinha os olhos marejados ao dizer. — Ele nunca esqueceu você.

Não podia ousar duvidar, pois a forma que o cachorro tinha me recebido provava isso, mas ao acompanhar o olhar de Daniel através da parede, vi o enorme pôster musical que foi dado como brinde aos fãs em meu primeiro álbum.

Isso fez o meu choro ficar mais ruidoso e Hendrix se aninhar mais a mim.

Não foi apenas Daniel que perdi quando decidi ir embora. E isso me machucava bastante.



Não sabia dizer quantos minutos ou horas haviam se passado. Apenas via que Hendrix sofria e que todos nós estávamos sofrendo com ele.

— O doutor Waterston está aqui — Gwen surgiu no quarto, e eu nem havia percebido que ela tinha saído.

Vi um homem mais jovem surgir no lugar do antigo veterinário que ocupou esse cargo em Sta. Anna por muitos anos. Ele nos cumprimentou educadamente e pediu que déssemos espaço para examinar Hendrix.

Quando voltou a nos encarar, pelo seu olhar vi que as notícias não eram nada boas.

— Posso dar um remédio para diminuir a dor dele, Daniel — ele disse com pesar. — Mas não acredito que deva passar de hoje. Acho que deve ficar preparado.

Um soluço, que ele tentou segurar, mas não conseguiu, emocionou tanto a mim quanto a Gwen. Acho que até o Dr.

Waterston ficou tocado com isso, mas quem não ficaria? Um homem barbudo e tão grande, sofrendo pela partida de seu cachorrinho.

Não, Hendrix era mais do que isso. Ele era família. Iria doer a todos nós dizer adeus, mas com Daniel, que esteve o tempo todo ao seu lado, doeria mais.

— A vovó Jolie — ele murmurou.

E eu lembro da estranha avó de Jason. A mulher era cercada de gatos e tinha uma ligação profunda com seus animais e cristais.

— Eu vou buscá-la — avisei a ele.

— Obrigado, Louise. É importante que ele tenha uma partida especial.

Nunca me dei bem com a mulher e não sabia se ela iria me receber bem, mas não podia deixar Daniel se separar de Hendrix nem que o cãozinho viesse a partir sem que estivesse ao seu lado.

— Você fica com ele, Gwen? — pedi com um sussurro quando chegamos ao corredor.

— Não vou sair desse quarto por nada.

Assenti, e antes de seguir para fora, avistei no suporte um casaco de Daniel com capuz e o vesti, esperando que fosse suficiente para me manter discreta o máximo possível.

Andei apressada por todo quarteirão, quando avistei Tessa Baile descer do carro.

— Ei, Tessa!

Achava que ela não queria me ver e que iria ignorar o meu chamado, por causa de ontem à noite e meu dueto com Jason.

— Que bom que encontrei você hoje — murmurei, encarando-a seriamente.

Se eu queria deixar o meu passado para trás, me perdoar e aceitar o perdão de Daniel, precisava resolver algumas coisas com algumas pessoas da cidade. E Tessa, definitivamente, era uma delas.

— Será que a gente pode conversar? É importante. Hum... —
afirmei, um tanto nervosa. — É sobre o Jason.

Seu olhar deixou claro que ela não queria falar sobre o assunto, pelo menos não comigo, e podia entendê-la. Mantive Jason ao meu lado como uma âncora e os impedi de construírem uma história juntos.

Pensar em como tinha sido egoísta naquela época fazia com que quisesse estapear a mim mesma.

— Olha, Louise...

— Só por alguns minutos, prometo.

Ainda precisava ver a avó de Jason, por isso, realmente, a nossa conversa não poderia ser longa.

— A gente pode ir naquele Café da esquina?

— Tudo bem. Vamos conversar, Louise.

O Café escolhido por mim não ficava longe da casa da Sra. Bale, que era para onde acreditava que Tessa se dirigia. Em Sta. Anna, tudo era relativamente perto, como se a cidade fosse formada por círculos.

— Olá, Srta. Bale — disseram a dupla de meninas que veio nos cumprimentar antes de entrarmos no café. — Srta. Hale.

Seus olhares pidões me deram a dica do que elas queriam, e eu afastei o capuz dos cabelos.

— Srta. Hale — chamou a mais decidida, apesar de claramente estar tímida. — Poderia tirar uma foto com a gente?

— Claro que sim.

As duas ficaram claramente eufóricas, e Tessa se ofereceu para bancar a fotógrafa. Depois de algumas fotos tiradas, recebemos sorrisos agradecidos. Antes de as duas garotas partirem, pedi que não publicassem nas redes sociais por alguns dias. E elas gentilmente concordaram. Se iriam cumprir? Bom, precisava acreditar.

— Ah, Srta. Bale, bonita tatuagem — disse a mais atrevida após terem dado alguns passos. Então saíram correndo.

Dei risada, porque não entendia o motivo de Tessa se sentir tão mortificada por causa da tatuagem.

Depois disso, entramos no café sem mais interrupções. Não levamos muito tempo para escolher nossas bebidas, e assim que a

atendente saiu, levando os pedidos, Tessa voltou a me encarar com um questionamento silencioso.

— Tessa, quando disse que você não tinha mudado nada, não quis soar ofensiva — iniciei, lembrando do nosso primeiro contato ontem à noite. — Apenas que continua a jovem linda e cativante dos tempos de colégio.

— Você me achava linda e cativante? — ela indagou, incrédula.

— Todo mundo a achava, e ainda acha. — A seriedade em minha expressão deveria confirmar não estar mentindo ou tentando fazer piada dela. — Principalmente o Jason.

O seu queixo literalmente caiu, fazendo-me abrir um sorriso divertido.

Jason sempre dizia que ela era fofa e que eu também veria isso se desse uma chance para Tessa se aproximar. Ele nunca esteve tão certo, e eu arrependida de não ter dado esse espaço.

— É verdade. Às vezes eu tinha ciúmes. Eu me perguntava o que Jason fazia comigo, se você era a garota perfeita.

— Eu não entendo... — Tessa balbuciou.

— Havia muitos problemas na minha casa, Tess. — A tristeza era difícil de controlar, ainda mais hoje, que me sentia tão sensível por causa de Hendrix. — Minha mãe, com problemas de bebida, e meu pai apenas se importando com sua carreira política. Os dois viviam brigando e tornavam os meus dias um verdadeiro inferno.

— Eu não sabia disso, sinto muito.

Presenciei o inferno naquela casa. Tentando ser a filha perfeita que os pais nunca enxergavam.

— Muitas coisas acontecem ao nosso redor sem que nos demos conta, Tessa. Apenas Daniel MacDowel e Jason sabiam disso. Minha família é muito boa em esconder as coisas — assumi com um tom de rancor. — O primeiro me incentivava a chutar o balde, e o segundo me compreendia. Você deve saber quem escolhi, certo?

Daniel dizia para que mandasse os meus pais ao inferno, eles nunca me mereceram, e Jason, sempre crente na humanidade, dizia que um dia tudo iria melhorar. Eu precisava acreditar em Jason, mesmo no fundo sabendo que Daniel que tinha razão.

— O Jason me dava a segurança que não encontrava em casa e uma vida cheia de fantasia. A garota popular da escola com o capitão do time de *football*. Foi assim que as coisas seguiram. — Encolhi os ombros, e acho que transmiti a ela um pedido de

desculpas. — A gente não se amava de verdade. Não como deve ser, mas Jason esteve lá para mim todas as vezes que chamei.

Como uma muleta. E eu deveria ter deixado que ele voasse para Tessa.

— Você sempre amou o Jason, não? — perguntei e continuei antes que ela pudesse admitir: — Claro que sim. Tem uma bela tatuagem provando isso.

— Oh, meu Deus! — A vi cobrindo o seu rosto, envergonhada.
— Todos nessa cidade já devem saber.

Deixei Tessa viver seu momento de comiseração enquanto as nossas bebidas eram servidas.

— Sabe que sempre quis fugir dessa cidade por isso? — indaguei a ela. — E depois de longos anos fora, foi exatamente essa aproximação entre as pessoas que me fez desejar voltar.

Pensei que havia apenas sido a sugestão de Frank, para me afastar dos problemas em Los Angeles, mas agora via que não. A cada dia mais em Sta. Anna, eu percebia que não era a cidade o meu bicho-papão; os monstros estiveram dentro de mim.

— Foi isso que a fez voltar?

— O motivo que me fez partir foi mais do que a música. —

Desviei o olhar para a janela ao nosso lado, ficando ausente quando dolorosas lembranças surgiram. — Acho que nunca voltaria aqui se minha vida não estivesse um pouco complicada no momento. Pensa que é ruim as pessoas ficarem sabendo sobre a sua tatuagem? O que imagina que dirão de mim quando souberem que estou sendo processada por plágio, de uma canção pela qual fui premiada há alguns meses?

Quer dizer, o restante do mundo, porque no país, embora Frank esteja tentando conter os estragos, o bochicho já rolava solto.

— Louise...

— Espere! Posso ter infinitos defeitos, Tessa, mas não sou desonesta, não com a minha música. Só que, no momento, está um pouco complicado conseguir provar que não trapaceei.

Seu olhar compreensivo, dizendo que ela acreditava em mim, era mais do que eu merecia pela forma que sempre fui fria e distante com ela.

— Mas o que queria dizer é que não fazia ideia de que Jason estaria aqui. Só foi um lugar que achei bom para ficar, enquanto essa história não explode. Acredito que um dos motivos de ter ido embora ontem à noite foi por minha causa, Tessa.

— Não — Ela buscou a minha mão sobre a mesa. — Admito que senti ciúme e um pouco de insegurança. Muita insegurança, para ser sincera. Mas não é culpa sua, Louise.

— Só quero garantir que não há qualquer chance de Jason e eu voltarmos a ser um casal. Somos apenas amigos, e é assim que pretendemos ficar. Não vou ficar no caminho de novo e realmente sinto muito ter feito isso no passado.

— A vovó Jolie me disse hoje que as coisas acontecem como tem que ser — disse Tessa para me confortar. — Acho que precisava de Jason naquela época mais do que eu.

Precisei como amigo e acabei sendo uma cretina egoísta mesmo.

— Aquela senhora sempre me meteu um pouco de medo. Não por causa dos gatos ou da casa estranha — confessei em um fôlego

só —, mas porque ela parece ver além. Ela via em mim o que ninguém mais enxergava. Como uma bruxa.

— Vovó Jolie não é bruxa — Tessa garantiu, sorrindo. — Apenas uma senhora muito sábia.

— Acho que você tem razão. — Sorri de volta e bebericamos nossa bebida quente. — Quem sabe não faça uma visita a ela.

Eu não queria isso, mas fiz essa promessa a Daniel. E por Hendrix, iria enfrentar a única mulher que sempre me colocava em meu devido lugar.

Conversei ainda por alguns minutos com Tessa, adiando um pouco mais meu encontro com a vovó Jolie, e então a deixei partir, aliviada de ter conseguido seu perdão e de nossas diferenças ficarem agora no passado.

Desejava de todo coração que ela e Jason encontrassem a merecida felicidade juntos.

Quando cheguei à pitoresca e mais famosa casa da região, os meus dedos estavam trêmulos ao tocar a campainha.

— Louise Hale — murmurou a avó de Jason, sem nenhuma surpresa em me ver batendo à sua porta. — Você finalmente voltou. As cartas nunca mentem.

Sinceramente, não acho que queria saber o que mais as cartas dela poderiam estar falando sobre mim.

— Daniel precisa da sua ajuda, Sra. Jolie. Será que pode esquecer o quanto me odeia por algumas horas e ir até ele?

Ela me encarou atentamente do jeito avaliador que sempre me fez temê-la.

— Nunca odiei você, garota tonta. Odiava o fato de ficar no caminho do Jason quando o destino de vocês nunca esteve entrelaçado — ela avisou, entrando na casa e mantendo a porta aberta como um convite para eu entrar. — Eu sabia que era só uma garota perdida. Às vezes má, mas perdida. Também, sendo filha de quem é, não é mais do que um verdadeiro milagre ter algo bom em seu coração.

— A senhora acha que tenho algo bom?

— A música ajudou você — Ela se virou para mim, e me senti novamente acuada por seu olhar de águia.

Tessa afirmou que a senhora não era bruxa, mas não era o que sentia no momento ao encará-la.

— E claro. O fato de ser louquinha pelo MacDowel.

— A senhora sabia do Daniel?

A sobancelha erguida indicava que minha pergunta era estúpida.

— Mas por que nunca disse nada ao Jason? Isso o teria afastado de mim.

— Interferir nas escolhas do meu neto teria mudado a história dele, e algumas coisas precisavam acontecer. Apreendi isso com o meu filho.

Eu não conseguia entender a lógica da avó de Jason, mas contanto que ela me acompanhasse e não jogasse uma praga em mim, ficaria tudo bem.

— Deixe-me ver sua mão?

— O quê? — indaguei ao mesmo tempo que ela pegava o meu pulso.

— Hum... interessante. Sua vida terá uma encantadora surpresa em breve.

— Que surpresa?

— Querida, não se canta os números da loteria antes do tempo. Apenas aguarde.

Talvez eu fosse ganhar algum prêmio no futuro ou o processo movido por Jimmy terminasse ao meu favor.

— Agora me ajude a pegar algumas coisas que vamos precisar. Pobre Hendrix. Esperar por você gastou toda a energia que ele ainda tinha.

Estranho ela dizer a mesma coisa que Daniel tinha me falado.

Pois, sim. Tessa poderia não acreditar, mas a avó de Jason era realmente uma feiticeira.

Não uma bruxa má como acreditei no passado, mas alguém que conseguia ver além e muito mais do que qualquer um nessa cidade pequena.

CAPÍTULO 8



A vovó Jolie, com seus cristais e cantigas que só ela entendia, fez um lindo ritual para conduzir a partida de Hendrix. Tanto eu quanto Gwen estávamos segurando as mãos de Daniel quando o cachorro deu seu último suspiro, no finalzinho da tarde.

— Fique tranquilo, querido, ele não sofreu — disse a amável senhora, tocando o ombro dele. — Agora Hendrix é mais uma estrela no céu brilhando por você.

Ele poderia não ter sofrido ao partir, mas sem dúvida Daniel estava sofrendo. Nunca se esqueceria de seu grande companheiro; acho que nenhum de nós.

Eu fiquei no quarto enquanto Gwen acompanhava vovó Jolie até a saída. Não sabia o que ela podia estar pensando, se estava me achando invasiva demais, mas desde que retornei ao seu apartamento, trazendo a avó de Jason, que não conseguia deixar Daniel.

— Ele nos deu bons momentos, não foi? — indagou Daniel, entrelaçando ainda mais os nossos dedos.

— Os melhores e mais inesquecíveis momentos.

E sou grata por essa grande confusão em minha vida, causada por Jimmy, ter me trazido de volta à Sta. Anna. Acho que jamais

conseguiria me perdoar se Hendrix tivesse partido sem que pudesse me despedir dele.

Ainda afagava as costas de Daniel quando vi Gwen surgir na porta e fazer um sinal para mim.

— Preciso cuidar do bar — avisou ela com um sussurro. — Mesmo que não o abrindo hoje, algumas coisas precisam ser feitas. Os funcionários da noite têm que ser avisados, e como a cremação será amanhã logo cedo...

— Tudo bem, Gwen. — Eu segurava minhas lágrimas tanto quanto ela tentava segurar as dela. — Eu não vou sair de perto do Daniel. De perto de nenhum dos dois.

— Você promete?

— Com a minha vida.

Ela assentiu, chorosa, e me abraçou. Voltei silenciosamente para o lado de Daniel, que seguia tristemente ao lado de Hendrix.

Entre um cochilo e outro, em algum momento da madrugada notei que tinha acabado deitada junto com Daniel, que agora ressonava baixinho, abraçado a mim. Não vi nenhum sinal de Gwen pelo quarto. Não sabia se nos ver juntos a manteve afastada ou se apenas estava respeitando o momento do namorado com seu cachorro e uma velha amiga.



Nós acordamos no finalzinho da madrugada. Gwen e eu nos oferecemos para ajudar a preparar Hendrix, mas Daniel disse que podia cuidar de tudo sozinho e que nós nos aprontássemos.

Quando chegamos ao carro, percebi que começava a nevar. Havia passado os últimos anos fugindo da neve, porque me fazia lembrar de Daniel e das nossas batalhas com macias bolas de gelo.

A cremação na cidade vizinha foi mais rápida do que eu poderia ter imaginado. Graças aos óculos escuros e a um lenço que Gwen emprestou para esconder meus cabelos, ninguém me reconheceu.

— Quer ir ao rio Lee agora, querido? — Gwen indagou Daniel quando passamos pela placa de boas-vindas de Sta. Anna.

Como ele não tinha se desgrudado da urna desde que lhe foi entregue, Gwen se ofereceu para dirigir de volta. E foi ela que tinha me contado que Daniel pretendia espalhar as cinzas de Hendrix no rio Lee.

— Ainda não posso fazer isso.

Nós duas trocamos um olhar através do espelho e compreendemos que ele precisava de seu tempo. Assim que chegamos, Daniel agradeceu por todo apoio e disse que queria ficar sozinho.

— Por mais que ele tivesse se preparado, a realidade é bem mais difícil — disse Gwen. — Vamos deixá-lo descansar um pouco.

Queria ficar com Daniel, meu coração teimoso pedia por isso, mas, no fim, decidi que a namorada dele tinha razão. Era estranho pensar em Gwen assim, ao mesmo tempo que me machucava, ficava feliz que havia alguém como ela cuidando dele.

Gwen conhecia a rotina do pub e tudo o que precisava ser feito.

— Você quer ajuda?

— O que você entende sobre bares?

— Acho que aprendi a conhecer todas as bebidas.

Uma coisa certa, mesmo sendo errada para mim, Jimmy havia feito. Rodamos quase todos os bares badalados de Los Angeles e Nova Iorque em busca de farra e diversão, encontrando brigas e confusões na maior parte deles.

— Já deve ser um começo — ela respondeu com um sorriso.



Passaram-se três dias e nenhum sinal de Daniel sair do quarto. Eu estava terrivelmente preocupada, mas Gwen garantiu que ele ficaria bem.

Nesse meio tempo, descobri dolorosamente que a relação entre ela e Daniel era mais séria do que eu imaginava, pois ela

também morava com ele no apartamento sobre o pub.

Ainda assim, não foi suficiente para me manter longe dele e continuar ajudando no bar. Eu passava a maior parte do tempo ajeitando tudo antes de abrirmos, na sala dos fundos, mantendo a papelada em dia e ajudando a colocar as coisas de volta no lugar quando fechava.

Só voltava para casa pela manhã, para dormir um pouco e receber alguma atualização dos advogados através de Frank. Em relação ao meu pai, tivemos um único encontro, e apesar de não ter sido rude comigo como esperei, também não demonstrou imensa felicidade ao ver.

O mais importante de tudo era que, dessa vez, sua indiferença não me feria. E na verdade fui eu a tratá-lo com indiferença. Não por

vingança ou qualquer sentimento parecido, apenas não buscava mais cegamente sua aprovação e amor.

— Louise?

Estava distraída, olhando as prateleiras do mercado, procurando um item da lista de Gwen, quando ouvi o chamado que me fez olhar para trás.

— Sra. Jolie. — Abri um sorriso para ela. — Olá, Jason.

O meu velho amigo, apesar de me responder educadamente, não expressava uma cara muito boa. Será que ainda não tinha se acertado com Tessa?

— Pode me chamar de vovó, como todo mundo — disse ela, gentilmente.

Ora, ora, as coisas realmente estavam mudando por aqui.

— Animada com o Dia de Ação de Graças? — indagou vovó Jolie com animação. — Lembro que seus pais sempre faziam uma grande ceia.

E que os convidados rigorosamente selecionados eram bajuladores do prefeito ou tão esnobes quanto os meus pais, ou a minha mãe, para ser mais exata. Desde os doze anos passei a fugir, no final dos jantares, para encontrar Daniel.

— Nossa. Já é Ação de Graças? — indaguei, transparecendo a surpresa. — Esqueci completamente.

— Claro que esqueceu, e o pobre do Daniel nem deve estar pensando nisso — murmurou vovó Jolie, tocando o meu braço em sinal de conforto.

— De qualquer forma, acho que meu pai terá outros planos.

— Então está convidada à nossa casa, não é mesmo, Jason?

Apesar de ele assentir positivamente, estava claro que sua cabeça se encontrava em outro lugar.

— E obviamente que o convite também se estende a Daniel e a Gwen. Aquela jovem foi a melhor coisa que aconteceu na vida dele.

Ouvir isso da avó de Jason me feriu profundamente, mas dessa vez, sentia que ela não tinha dito aquilo de forma maldosa. Gwen já tinha me provado que era alguém com um papel importante na vida de Daniel.

— Direi isso aos dois — avisei apressadamente antes que me afundasse ainda mais em constrangimento. — Agora preciso ir. Gwen está precisando dessas coisas para o pub.

Peguei o item faltando na lista e o joguei rapidamente dentro do carrinho.

— Esperamos vocês para a Ação de Graças — destacou a avó segundos antes de eu conseguir virar o corredor.

No pub, avisei Gwen sobre o convite da Sra. Cash para o jantar. Ela ficou emocionada, mas disse que a resposta final seria de Daniel. Ela destacou que eu deveria aceitar, e garanti que iria pensar, informando que essa noite não poderia ficar para ajudá-la.

Encarar os dois como um casal, agora que conhecia Gwen melhor e havia recebido o perdão de Daniel, machucava demais. Eu me dividia entre o que sentia por ele e a honestidade que devia a ela.

Mesmo que me dilacerasse por dentro, talvez fosse melhor me afastar.

CAPÍTULO 9



Quem poderia dizer que uma das grandes estrelas do cenário musical da atualidade estaria sozinha na cozinha de uma mansão, em uma cidade visitada por quase ninguém, meditando entre a escolha de leite com cereal ou sanduíche de queijo para o jantar de Ação de Graças?

Pois bem, aqui estou eu, a pessoa que tem milhares de fãs, mas que nesse momento se sente a criatura mais solitária do

mundo.

Até Hugh e Craig estavam na varanda, dividindo a refeição que deveriam ter encomendado em algum restaurante local. Bom, eu poderia ter pensado em cozinhar alguma coisa e tê-los chamado para cear comigo, se não tivesse ficado esse tempo todo trancada no quarto, lambendo minhas feridas como um cão sarnento.

— Louise Hale! — O chamado inesperado, ou o grito, para ser mais exata, levou-me a saltar, fazendo a caixa de leite despencar aos meus pés, batendo bem no meu dedo mindinho.

Vi estrelas, e palavras não muito educadas saíram da minha boca.

— Que susto, Gwen! — encarei-a com olhar assassino.

— O que você está fazendo aqui sozinha? — Ela levou as duas mãos à cintura, e ao me analisar de cima a baixo, uma careta

engraçada formou-se em seu rosto bravo. — Em pleno Dia de Ação de Graças e ainda por cima usando esse pijama de bolinhas horroroso.

Eu me recusava a rever meu reflexo pelo vidro da janela e conferir que a minha imagem estava tão deplorável como Gwen destacou.

— Ei, eu amo esse pijama, sabia? — Exibi uma expressão ofendida. — É gostoso e quentinho para essa noite fria.

— As únicas coisas gostosas e quentinhas que terá hoje serão da ceia maravilhosa na casa da vovó Jolie.

— Ah, eu não acho que seja...

— Eu não disse que aceitaria recusa, Louise Hale. — Com o mesmo tom autoritário que afirmou isso, ela veio por trás de mim e com firmeza me empurrou pelas costas em direção à saída. — Irá

colocar algo bonito e festivo e vamos nos juntar aos amigos que nos esperam.

Eu não queria estragar a noite de Ação de Graças da Gwen e nem de qualquer pessoa que estivesse na casa dos Cash, mas continuar mentindo, escondendo o que eu sentia, sufocava demais. Então assim que entramos em meu quarto e ela se dirigiu ao meu closet, busquei sua mão, nos conduzindo até a cama.

— Gwen, sei que vai me odiar pelo que vou dizer, mas preciso ser honesta com você.

— Eu jamais odiaria você, Louise.

— Isso vai mudar — avisei, respirando fundo. O melhor era ir direto na ferida. — Eu amo o Daniel. Sempre amei, desde que éramos apenas dois jovens tentando nos encontrar nessa cidade.

Começamos brigando, nos apaixonamos e terminamos exatamente como inciamos.

Esperiei alguns segundos que ela demonstrasse alguma reação, mas Gwen continuou calada.

— Voltar à cidade me fez ver o quanto eu ainda o amo. Achei em alguns momentos que também ainda sentisse algo por mim. Sei que te fere ouvir isso...

— Está dizendo que acredita que Daniel ama você?

— Já não sei mais, Gwen. — Quando uma lágrima insistente deslizou pelo meu rosto, sequei-a rapidamente. — É claro que ele te ama. Eu vejo isso.

Com o coração cada vez mais apertado no peito, observei-a se levantar com o semblante pensativo.

— Então era por isso que nunca queria tocar no seu nome. Faz sentido. Você chegou, e o Daniel anda todo esquisito.

— Desculpe. Você está mais do que certa em nunca mais querer me ver de novo. Sempre disseram que eu era egoísta e... — Eu realmente não queria causar essa dor em Gwen.

Mas até quando conseguiria sufocar o que sentia por Daniel?

Preferia perder a amizade de Gwen agora do que continuar a ser desonesta com ela. Aprendi da forma mais dura que ninguém conseguia chegar à felicidade causando dor ao outro.

— Por que eu faria isso?

— Você também ama o Daniel.

— Sim, eu amo muito.

— Então...

— Oh, meu Deus! — Ela me encarou espantada, e era como se um clarão iluminasse sua mente. — Você acha que Daniel e eu... que nós somos um casal?

— Não sei que nome decidiram dar a isso, mas...

— Não. Isso seria muito estranho.

Ela começou a rir enquanto eu ficava ainda mais perdida.

— Louise... Daniel é meu irmão. Apenas o meu irmão mais velho.

— Seu irmão?

Sabe quando uma coisa soa tão irreal que precisamos ficar repetindo até conseguir acreditar? Eu me sentia assim ao encarar Gwen.

Pelo que eu sabia quando saí daqui, Daniel era filho único.

— Essa é uma longa história — disse Gwen, indicando uma cadeira. — O meu pai... o nosso pai conheceu a minha mãe enquanto ainda era casado com a mãe do Daniel. Ele não contou isso, e quando a minha mãe veio à cidade falar sobre mim, descobriu o grande babaca mentiroso que ele era. Depois disso ela foi embora e nunca quis me falar sobre ele.

Agora fazia um pouco mais de sentido, embora ainda não explicasse como ela reencontrou Daniel.

— A minha mãe se casou de novo. Um cara muito bom e que foi um excelente padrasto para mim. — Sua expressão ficou triste, e foi nesse momento que percebi que viria a parte ruim da história. — Há uns cinco anos, eles tiveram um acidente de carro e faleceram. A minha mãe ainda estava viva quando cheguei ao hospital. Ela disse o nome do meu pai e contou sobre Sta. Anna. Acho que não queria

que eu ficasse sozinha. Depois de alguns meses eu vim para cá e conheci o Daniel. Ele me convidou para ficar e ajudar no pub. E aqui estou.

— Como ninguém nunca disse nada?

Nem mesmo Daniel havia me dito alguma coisa sobre isso.

— Talvez você não tenha perguntado ou não tenha perguntado da maneira correta.

Eu juntei as peças de forma errada e concluí que os dois eram um casal. Se parasse para refletir melhor, veria que entre eles nunca houve qualquer contato físico além de abraços e beijos fraternais. O ciúme nos fazia ver coisas onde não existiam.

— É por isso que tem nos evitado?

— Sim. Primeiro Daniel me fez prometer que ficaria longe de você, mas quanto mais a conhecia, mais eu gostava da sua

amizade. E não queria magoá-la. Já machuquei muitas pessoas que eu amava no passado, incluindo Daniel. Eu não queria causar um sofrimento a você, Gwen, e nem trair a sua confiança, mas a cada dia fica mais difícil resistir ao Daniel. Eu estava me sentindo uma cretina.

— As pessoas mudam, e você não é uma cretina. Daniel sabe disso. Eu acredito que sempre soube disso, ou não teria aquele pôster no quarto — disse ela, estendendo a mão para mim. — Não pense no que perdeu, mas no que realmente quer. E se é o Daniel, lute por ele.

E se havia uma coisa que eu sabia fazer e não mudara com o tempo, era lutar pelo que eu desejava.

Eu precisava de Daniel de volta à minha vida.

CAPÍTULO 10



O Dia de Ação de Graças e o Natal são datas que eu acredito que devemos passar com pessoas próximas. Excluindo o meu primeiro ano em Los Angeles, onde as minhas únicas companhias haviam sido a TV e um enorme pote de sorvete, os anos seguintes passei com Frank, sua esposa, os dois filhos, noras e netos cheios de energia. E para mim, aquelas simples comemorações em família

eram um milhão de vezes melhores do que todas as festas badaladas que eu comparecia ao decorrer do ano.

Ao olhar a casa da Sra. Jolie toda iluminada, ouvir a música, risadas e os miados dos gatos, quando nos aproximamos da porta, consegui sentir exatamente essa magia que amo.

— Eles realmente precisavam vir? — cochichou Gwen ao meu lado, referindo-se aos seguranças atrás de nós. — Não poderia ter dado a noite de folga?

— Eu tentei, mas a pulga e o carrapato só seguem as ordens de Frank — expliquei antes de tocar a campainha. — Você realmente não gosta deles, não é?

Não era muito divertido ter os dois homens no meu pé, em qualquer lugar que eu fosse, ainda mais em Sta. Anna, onde o acontecimento mais importante era a nova tatuagem de Tessa.

— Bem, eu não gosto daquele ali. — Ela indicou Craig, disfarçadamente.

Hugh era realmente bem mais comunicativo e fácil de se lidar.

— Cuidado. Daniel e eu começamos assim. Primeiro nos odiávamos, e depois...

Fui salva de receber um discurso contrariado de Gwen, depois que seu rosto abriu uma careta indignada, quando a porta foi aberta por Faith.

Eu não esperava vê-la aqui. Tessa havia me perdoado, mas não sabia se o mesmo aconteceria com sua amiga.

— Gostei do que disse a Tessa. Então significa que não é mais uma cretina.

— Uau! Faith... — Abri um sorriso divertido. — Você sempre foi direta.

— É o meu charme. — Ela sorriu de volta. — Agora entrem. E vocês dois aí também. Ninguém ficará no frio.

Essa era a maneira de Faith dizer que o passado tinha ficado para trás e eu estava feliz e agradecida por isso.

Guardamos os nossos casacos. Enquanto os outros foram se dispersando pela casa, caminhei à procura da pessoa que mais me interessava esta noite e o encontrei próximo à árvore de Natal, afastando três gatinhos peraltas da pilha de presentes.

Dizem que os apaixonados tinham algum imã que os atraíam, e o olhar de Daniel encontrando o meu provava que sim.

Eu passei a ignorar tudo, os ruídos, os chamados, as pessoas passando em volta de mim. Toda a minha atenção estava no homem lindo se erguendo e com um destruidor sorriso no rosto, caminhando até mim.

— Louise.

— Oi, Daniel. — Sorri timidamente de volta.

Era tão bobo que quando estávamos apaixonadas nos sentíamos juvenzinhas românticas. Ou era apenas esse o efeito que Daniel causava em mim?

— Oh, vocês estão debaixo do visgo — destacou a Sra. Jolie, surgindo do nada .— Sabem o que diz a tradição.

— Mas isso é no Natal — ressaltou a ela com humor.

Para minha surpresa, ou deveria dizer contentamento, Daniel buscou as minhas mãos, puxando-me para ele até que nossos corpos estivessem grudados, e inclinou a cabeça, roçando os lábios em minha orelha.

— Acredito que não deveríamos desapontar uma senhora tão gentil. — O calor saindo dos seus lábios, com a vibração da sua voz,

fez cada centímetro da minha pele arrepiar. — Não acha, Louise?

Quando seu rosto ficou novamente diante do meu, vi no seu olhar com brilho de travessura que ele não esperava uma resposta.

A boca cobriu a minha em um beijo cheio de carinho e doçura.

Era como se fôssemos peças de um relógio se encaixando. Sem Daniel eu não funcionava da forma correta e eu precisava dele para me sentir completa.

— Desculpe — ele murmurou, unindo sua testa na minha — por ter te afastado no passado. Por ter te afastado agora.

Daniel admitir que ambos erramos tirava o restante do peso em meu coração. Acho que finalmente poderíamos olhar para frente, sem culpas ou mágoas. Não dava para mudar as escolhas ou o que fizemos, mas poderíamos escrever um novo futuro.

— Eu te amo, Daniel. Não importa o quanto tenha lutado. Isso nunca mudou.

— Amo você, Louise Hale, e eu nunca tentei te esquecer — declarou ele, segurando o meu rosto com as mãos. — O que vamos fazer sobre isso?

Eu ainda tinha uma carreira que me fazia viajar constantemente, e a vida de Daniel estava em Sta. Anna, gerenciando o pub. Não seria fácil conciliar as agendas, mas...

— Daremos um jeito — murmurei, cobrindo o seu rosto com a minha mão. — Eu gostaria de tentar, se você quiser.

— Quando Hendrix se foi, custei a aceitar isso. — Seu rosto transmitiu a dor que ele ainda sentia, e que se refletiu em mim. — Mas nesses últimos dias, vendo fotos e vídeos, em dezenas em que

você também estava, pude perceber que ele nos deixou lembranças incríveis.

— Daniel... — sussurrei, emocionada, enquanto os meus olhos ficavam úmidos.

— Eu não posso te perder de novo, Hale.

— Não vamos. Não vamos nos perder de novo, Daniel.

Talvez tivesse sido necessária toda essa reviravolta em minha vida para corrigir o passado e enxergar o que realmente me importava. Daniel e, bom, também essa cidadezinha peculiar, mas repleta de pessoas amorosas, chamada Sta. Anna.



As surpresas da noite não acabaram com Daniel e eu dando finalmente a chance merecida ao nosso amor. O irmão de Tessa tinha surpreendido a todos com um pedido de casamento à namorada, que obviamente, depois de um minuto de lágrimas, disse sim.

Ao cair da noite, Tessa disse que Faith sugeriu que finalizássemos o dia com uma fogueira no lago. Eu fiquei um pouco indecisa sobre o convite, mas os olhares suplicantes de uma e o fato da outra destacar que Daniel também iria, ao que me parecia que seria um encontro de casais, me deixou mais animada.

Agora eu só precisava de uma pequena ajudazinha.

— Você quer que eu seduza o seu segurança? — Gwen indagou, abismada.

— Não. Eu quero que o distraia. Mas se quiser tirar uma casquinha dele...

— Nem morta. Homens mal-humorados não fazem meu tipo.

— Ela usou um desdém exagerado na voz, demasiado a meu ver.

Mas não podia provocar Gwen sobre isso.

— Por favor. — Uni minhas mãos. — Quero ficar alguns minutos sozinha com o Daniel.

— Mas outros casais estarão lá.

— É completamente diferente — ressaltai, fazendo charme. —

Gweeennn...

— Tudo bem. Mas eles são dois.

— Eu me viro com o Hugh. Só tem que afastar o Craig.

— Isso vai custar todos os seus shows que eu quiser ir no futuro, e na primeira fila.

— Combinado. — Estendi minha mão para a dela, e quando as unimos, a puxei para um apertado e longo abraço.

Seguimos em três carros em direção ao lago. Faith e Damon no carro dela, Jason e Tessa no meio, no carro dele, e eu com Daniel em sua caminhonete.

Um sorriso tolo surgiu em meu rosto enquanto via Daniel dirigir.

— O que está pensando, Hale? — indagou ele, pegando a minha mão, levando-a aos lábios.

— Deveria ter sido assim — confessei, observando os carros seguindo na frente. — Tudo exatamente em seu devido lugar.

Faith e Damon. Jason e Tessa. Daniel e eu.

Apenas amigos apreciando uma linda noite juntos.

— O importante é que chegamos aqui. — Ele me encarou, sorrindo de volta. — Juntos. Como deve ser.

Outra vez.

CAPÍTULO 11



A fogueira foi acesa pelos rapazes, depois cada casal encontrou um cantinho para se acomodar. Abraçada a Daniel, vi Jason ajeitar o coberto sobre ele e Tessa e sussurrar algo no ouvido dela, que a fez sorrir. Faith estava sentada no colo de Damon, e os dois trocavam beijos e sussurros apaixonados.

Daniel e eu estávamos acomodados em uma pedra, com cobertores quentinhos nos mantendo aquecidos. A quem visse de

longe, poderíamos parecer bons amigos, mas nossas mãos unidas, debaixo do tecido grosso, e o olhar apaixonado que trocávamos, diziam exatamente o oposto.

Enquanto tomávamos as bebidas quentes que Faith havia trazido e conversávamos sobre o passado, dos bons e maus momentos da escola, agora vistos com humor, o tempo foi passando mais rápido do que eu gostaria. Então a neve começou a cair, fraquinha de início, e foi a desculpa perfeita que os casais, assumidamente românticos, queriam para voltarem para casa. Daniel e eu decidimos, corajosamente, ficar um pouco mais.

— Enfim, sós — disse Daniel quando o último casal seguiu em direção ao carro.

— Enfim, sós — o imitei, tendo um largo sorriso no rosto quando busquei seus lábios para um beijo apaixonado.

Seus dedos eram firmes sobre meu vestido de algodão, e agarrando-me mais a ele, o aroma irresistivelmente másculo dominou os meus sentidos. A fogueira nos iluminava o suficiente para ver seu rosto, assim como o meu, tomado pelo desejo.

— Louise... — Daniel tocou os meus lábios inchados por seus beijos com a ponta dos dedos.

Beijei-os com carinho, e nossas bocas famintas voltaram a se unir.

A neve começou a ficar espessa, nos obrigando a ter que abandonar o lugar. Depois de recolher nossas coisas, Daniel uniu minha mão à sua, e rindo como dois adolescentes bobos, voltamos para a caminhonete dele.

A volta à cidade, para o apartamento dele, foi um pouco mais demorada por causa da neve, mas cada vez que seus olhares

apaixonados caíam sobre mim, dando-me inúmeras promessas para esta noite, fazia valer a pena a espera.

E ele mal tinha estacionado e desligado o carro em frente ao pub, para eu estar novamente presa em seus braços. No segundo seguinte, tínhamos mãos ansiosas arrancando as roupas um do outro e os corpos febris por nossos toques.

Daniel estava me beijando com uma paixão de tirar o fôlego, quando entramos na sala e esbarramos em um porta-retrato na mesinha ao lado do sofá. Rimos e paramos um segundo para verificar se o barulho havia acordado Gwen, mas não surgiu nenhum sinal dela, pelo que fiquei grata, pois só me encontrava com a lingerie e ele, apenas com a calça aberta.

Daniel me pegou em seu colo e me fez rodear as pernas em sua cintura.

— E as nossas roupas? — sussurrei, lembrando-o da pilha que fomos deixando cair pelo chão.

— Elas não importam, Hale. — Seus olhos eram como duas chamas acesas me fitando, e eles me faziam arder por dentro. — Cuido disso depois.

Voltamos a nos beijar, e Daniel nos conduziu para dentro do quarto. Quando ele me colocou no chão, pude observar com calma o corpo masculino tentador. Pernas de um corredor dedicado, abdômen definido, músculos bem desenvolvidos no peitoral. Com certeza, uma boa parte de toda essa perfeição era adquirida com seu trabalho diário no pub.

— Você sempre foi lindo, Daniel — confessei, passando a ponta dos meus dedos em seu peito largo. — Mas agora, minha nossa.

O que falei, com os meus dedos descendo lentamente por seu peito, fez Daniel estremecer. Ele me encarou de cima a baixo, lentamente, como se me acariciasse com os olhos, e isso fez o fogo ardendo dentro de mim se intensificar.

— E você ainda tira o meu fôlego, Louise. — O tom rouco com que ele me disse isso arrepiou toda a minha pele.

Então Daniel agarrou os meus braços com visível possessividade e com desejo voltou a me beijar. E me entreguei a esse beijo como se necessitasse dele para viver. Como se fosse Daniel a dar o ar que meus pulmões precisavam para eu continuar viva.

O beijo durou menos do que eu gostaria. Ficaria a vida inteira sendo beijada por ele, mas quando a sua boca foi descendo devagar pelo meu queixo, chegou ao pescoço e foi descendo mais até seus

lábios estarem em meio seio, o breve esquecimento dos meus lábios valeu a pena. Quando seus dedos firmes afastaram o sutiã, depois bruscamente o arrancaram de mim, dando toda a liberdade para que sua boca faminta abocanhasse o meu mamilo teso, uma explosão de fogos ocorreu em minha mente.

— Oh, Daniel... — Meus dedos se afundaram nos cabelos dele.

Sua língua me atormentava e suas carícias eram quase que torturantes. Daniel retornou à sua trilha de beijos por meu corpo. Ele fez a calcinha de renda, úmida por todo prazer que já me causava com seus toques, deslizar por minhas coxas, depois a jogou ao lado do sutiã. Totalmente despida diante dele, não me sentia envergonhada. O que ele demonstrava, através de seu olhar de

veneração por mim, era que me via como a mulher mais linda e sexy do mundo.

Isso me dava toda confiança para beijá-lo do mesmo modo, cada pedacinho perfeito de seu corpo delicioso, até que ele também estivesse completamente nu diante de mim.

Sua potência me fez engolir em seco. Daniel era um homem másculo em todos os sentidos. E em vez de recuar, estava ansiosa e febril para que ele estivesse logo em mim, tornando-me sua.

Ele passou a mão em meu rosto, tomou os meus lábios, beijando-me com intensidade, fazendo-me ter consciência apenas dele, de nós. Fui colocada na cama em seguida. Nos beijamos e nos acariciamos com entusiasmo. Daniel afastou minhas pernas usando a dele. Tocou o meu clitóris com a ponta dos dedos, causando ainda mais prazer e me deixando mais molhada.

Gemidos incontroláveis escapavam dos meus lábios, retumbando no quarto. Gemidos nos quais eu chamava por ele.

— Eu que...ro vo...cê — gaguejei, os olhos vidrados sem conseguir um ponto certo para me fixar.

Daniel me deixava alucinada por ele. Precisando de mais. Eu desejava tudo.

Então, com um movimento de quadril, seu pau se afundou dentro de mim em uma estocada firme. O prazer foi tão intenso que minhas unhas se cravaram em suas costas úmidas.

Ficamos alguns segundos parados, deixando nossos corpos se ajustarem. Daniel era grande e me preenchia centímetro a centímetro. Logo nossos corpos exigiram mais, e ele voltou a se mexer sobre mim.

A minha respiração mudou, o meu coração pulsava em uma batida mais acelerada, minha pele parecia que iria derreter e meu sexo latejava em volta de seu pau a cada investida dura que ele dava.

O desejo corria por nós dois como lava derretida. Ficando mais intenso, forte, gostoso. Então o orgasmo veio tão vigoroso que me deixou mole, e apenas permiti que o prazer reverberasse por meu corpo, me sacudindo inteira.

Daniel conseguiu seu prazer logo em seguida, e pela forma que seus gemidos ecoaram no quarto, foi tão violento quanto o meu, fazendo-o cair sobre mim.

Ninguém me fez sentir essa conexão entre corpo e alma como Daniel. Talvez porque ninguém tenha conseguido chegar ao meu coração como ele.

Era mais do que sexo excelente e quente. Era um encontro de almas. As nossas finalmente estavam juntas.

Durante todo esse tempo que estive longe, eu meio que me desliguei de qualquer tipo de fé e crença, e agora senti-as retornando. Ainda podia ter esperança na vida. Tudo me parecia certo agora.

— O que está pensando, Louise?

Olhei para ele e vi que estive acariciando sua barba macia com um sorriso sonhador em meu rosto.

— Em nós — respondi, e Daniel escorregou para o lado da cama, colocando-me em frente a ele. — Parece que tudo foi tão rápido, mas levou anos para a gente se reencontrar. Agora eu sinto que tudo está perfeito.

— A avó do Jason disse que tudo precisa acontecer como tem que acontecer. É assim a nossa história, Louise. Você precisava ter ido atrás do seu sonho...

Coloquei os meus dedos sobre os seus lábios.

— Daniel, eu não vou negar que a música foi e é importante para mim, mas eu parti porque achei que aqui não havia mais nada. Mas havia tudo, porque existia você.

— Não dá mais para pensar como poderia ter sido, Lou, mas podemos fazer como queremos que seja. É o hoje que importa, porque nem sabemos se teremos o amanhã.

— Daniel MacDowel é um homem filosófico — brinquei com ele, mas na verdade estava tocada e acreditava em cada palavra que ele disse. — Poderia me ajudar a compor.

— Talvez, tenho muitos talentos — ele provocou de volta com um olhar recheado de más intenções que estremeceu o meu corpo desejoso pelo seu. — Mas tenho talentos muito melhores do que escrever versos bonitos.

Ao dizer isso, sua mão deslizou sensualmente por meu corpo, arrepiando a minha pele ao mesmo tempo que excitava cada parte que tocava.

— É mesmo? — Um sorriso de puro prazer foi se alargando em mim. — E quais seriam?

— Algumas coisas, Hale... — Ele beijou minha boca, e de novo e. — Precisam ser mostradas.

E ele me mostrou com maestria por todas as horas da noite que conseguimos manter os nossos olhos abertos.

CAPÍTULO 12



Acordar com Daniel ao meu lado e descobrir que não foi apenas um sonho causava, além de imensa felicidade, alívio ao meu coração, que agora começava a cicatrizar.

— Bom dia, Dani — cumprimentei cheia de energia, fechando a minha mão em seu rosto lindo e sonolento.

Cheia de alegria vibrando em meu peito, inclinei-me sobre ele, dando um selinho longo e demorado em seus lábios.

— O quê? — Ele ergueu a sobrancelha com olhar de provocação. — Não vai correr para o banheiro?

— Vou — avisei antes de me levantar rapidamente da cama. — Mas antes precisava fazer isso... e mais isso.

Antes que Daniel pudesse me agarrar e aprofundar um dos beijos que salpiquei em seus lábios, saltei para o chão e corri para o banheiro. Bom, ele veio correndo atrás de mim, agarrou minha cintura e pressionou as minhas costas contra a parede.

— Você é perfeita, Hale. Até mesmo com bafinhos matinais.

A declaração, possivelmente mentirosa, pois ninguém é perfeito com bafinhos matinais, me tocou mesmo assim. Eu já estava deixando essa tolice de lado quando Daniel se afastou e, com ar sacana, foi em direção à pia.

— Mas eu não sou. — Ele pegou sua escova de dentes e me entregou uma nova. — Você tem quinze minutos para se preparar.

— Me preparar para o quê? — indaguei, dissimulada.

— Lembre um pouquinho da outra noite e use a imaginação.

Caramba! Só mesmo Daniel com poucas insinuações para me deixar completamente excitada pela manhã.



Estávamos esparramados na cama, tentando encontrar forças para nos levantar. Por mim, eu ficaria o dia inteiro deitada sobre o peito de Daniel, enquanto ele passava os dedos por minhas costas nuas.

— Posso perguntar uma coisa, Louise?

— Tudo o que quiser — ronronei, esfregando o meu rosto em seu peito.

— O que aconteceu com o Jimmy?

Ergui a cabeça de seu peito para poder encará-lo melhor.

— Não sobre o relacionamento de vocês. Quero saber sobre o processo.

Acho que a angústia ficou bem evidente em minha expressão, pois Daniel se sentou na cama e puxou-me para o seu lado.

— Se não quiser contar...

— Não. Eu quero. Precisamos falar sobre isso.

Ajeitei-me melhor ao lado dele, que passou os braços sobre o meu ombro, mantendo-me acolhida.

— Conheci o Jimmy quando não estava numa fase muito boa. Quer dizer, na carreira estava crescendo e ganhando cada vez mais

destaque, mas na vida pessoal — desabafei respirando fundo — nunca me senti tão sozinha. Sabe, eu tinha tudo o que desejava: músicas nas listas das mais tocadas, indicações a premiações, o álbum mais vendido do ano. Muito dinheiro entrando na conta. Marcas me patrocinando ou me enviando presentes. Tudo o que qualquer pessoa sonharia ter. Mas, por dentro, eu me sentia vazia.

Porque dinheiro, fama e sucesso podiam proporcionar momentos divertidos, mas a verdadeira felicidade, aquela que habita dentro de nós, não se compra.

— Além do Frank, não havia com quem compartilhar, sabe? Foi nesse momento de fragilidade que conheci o Jimmy. Os mesmos sonhos, os mesmos ideais. Ele me fazia lembrar de mim quando comecei e como foi difícil chegar a Los Angeles sozinha, sem dinheiro, apoio da família e dos amigos.

— Eu tenho orgulho do que você fez, Louise. De onde chegou.

Apesar de ter algumas coisas das quais me arrependia, a maior parte delas em Sta. Anna, também sentia orgulho de onde consegui chegar.

— Los Angeles me ensinou muitas coisas, Daniel. Definitivamente, não foi fácil. Eu vi como a vida realmente era. — Encarei-o, deixando transparecer as emoções emergindo de mim. — Isso me mudou de verdade. Mas, voltando ao Jimmy, começamos como amigos. Eu queria ajudá-lo, tornar o caminho dele menos difícil do que o meu. Mas as pessoas começaram a nos ver muito juntos e logo saíram as fofocas. Então, um dia, ele se declarou para mim.

Aceitar namorar o Jimmy, sem dúvida, foi uma das piores decisões que tomei na vida.

— Eu precisava desesperadamente de amor. De alguém que me amasse e eu amasse de volta. No começo foi divertido. Íamos a muitas festas juntos. Erámos o casal do momento. — Daniel me encarava com compreensão, e eu nem tinha chegado à pior parte da história. — Só que musicalmente a carreira do Jimmy não estava indo bem, as pessoas não o levavam a sério como cantor. Eu cheguei a colocá-lo como coautor em algumas músicas, aí disseram que ele era melhor como compositor do que no palco e, bom, isso significava que ele não era bom nem em uma coisa nem em outra, pois as músicas foram todas feitas por mim.

O Jimmy era o tipo de homem que não suportava ver o sucesso de sua parceira ou que ela brilhasse mais do que ele.

— Isso foi afetando o nosso relacionamento. O ciúme dele cresceu, principalmente de você. Olha, o que vou dizer agora, o que

vou mostrar, na realidade, vai te deixar muito chateado, mas quero que saiba que apesar de ser algo ruim, não fiz com intenção de te machucar.

Enquanto ele me encarava curioso, saí da cama e fui em busca do meu celular, entregando a ele depois.

— É uma foto nossa — disse Daniel depois de olhar. — Por que iria me chatear?

Na foto estava eu, Daniel e Hendrix ao lado, sorrindo, felizes. Naquele dia, acreditávamos que o mundo seria nosso.

— A primeira vez que Jimmy viu essa foto, eu não queria dar explicações a ele e disse que vocês tinham falecido. Se eu dissesse a verdade, ele iria querer que eu apagasse a foto, e não podia fazer isso... — A minha voz falhou, e antes que começasse a secar as lágrimas começando a cair pelo meu rosto, Daniel passou

delicadamente os seus dedos por elas. — Isso era tudo o que eu tinha de vocês, entende?

— Eu tenho uma caixa de sapatos cheia de fotos nossas, Louise, e embora nunca tenha mostrado você para nenhuma garota que conheci, também me causou problemas não conseguir dar adeus ao passado. — Ele abriu um sorriso compreensivo. — Então, sim, eu entendo.

— Lembra que te falei que vim até aqui? — Ele assentiu, ainda sem saber em que ponto eu queria chegar — Eu te vi com outra garota. Pareciam tão felizes. Fiquei muito mal naquele dia. Quando voltei para a casa dos amigos de Jimmy, todos estavam muito bêbados, entre outras coisas. Eu bebi bastante naquela noite e fiz a canção, a que o Jimmy acusa de plágio.

— Mas foi há três anos. Esse lançamento não é recente? E por que ele levou tanto tempo para te acusar?

— Eu escrevo muito. Só algumas canções são aproveitadas para o álbum, algumas são vendidas a outros artistas e outras eu guardo. Aquela canção eu fiz para você — confessei. — Escrevi pensando em você e no nosso amor perdido. Quando pediram para fazer a canção para o filme, eu estava muito mal. Só bebia e vivia em festas com Jimmy, onde a gente sempre brigava e aparecia nas capas de revistas e sites de fofoca.

Foi uma época realmente ruim.

— O Frank dizia que a minha carreira estava em risco, mas se eu fizesse a música eu poderia dar uma amenizada nisso. Então eu lembrei da música que escrevi para você. Nunca quis mostrar para ninguém, porque era uma coisa nossa e que me doía.

Naquela canção eu me despedia de Daniel, e acho que estava desistindo até mesmo de mim.

— Voltando àquele dia, como eu estava bem alta, sabia que iria acabar esquecendo quando acordasse, então peguei o celular e fui escrevendo, depois enviei para mim mesma, dizendo que era a melhor música que já tinha feito. — Um sorriso sem humor surgiu em meus lábios. — Só que era o telefone do Jimmy, e não o meu. Ele nunca deixava bloqueado, porque dizia que sempre esquecia as senhas. Então eu mandei a minha música do telefone dele, do e-mail dele para o meu.

— O que faz parecer que foi ele que escreveu — concluiu Daniel.

— Exatamente. E como coloquei o nome dele em outras músicas, está complicado provar que não foi ele que escreveu.

— Nossa, Louise...

— Sim, eu sei que foi burrice. Mas a nossa relação era tóxica, Daniel. Eu fazia as coisas sem pensar. O Jimmy, de alguma forma, sabia que eu me sentia culpada por coisas do passado — confessei, angustiada. — Que eu não queria mais ser vista como egoísta e fútil. E usava isso emocionalmente contra mim. Então eu cedia. Até o dia que descobri que ele e a minha mãe estavam tendo um caso às minhas costas.

— Porra!

Sim, a minha reação foi a mesma de Daniel, quando voltei de um show da turnê e peguei os dois juntos na cama dela em Nova Iorque.

— Aquilo foi o fim para mim. Não havia mais nada que ele pudesse falar ou usar contra mim que me fizesse voltar para ele. A

minha mãe disse que só queria provar que ele não valia nada e estava afundando a minha carreira. Consegue acreditar nisso?

— É a sua mãe, mas você sabe o que penso sobre ela. Sinceramente, embora ela tenha ido mais longe do que eu poderia imaginar, não me espanta.

Então se a minha mãe fez alguma coisa boa na vida, com certeza foi isso.

— Depois da raiva e da decepção ter passado, nem a mim. E, sinceramente, por mais louco que pareça o que vou dizer, no fundo ela estava certa. Eu precisava de um grande choque para me livrar daquela relação destrutiva. — Fiz uma pausa antes de continuar a narrativa do filme de terror da minha vida. — Ele começou a me seguir por todo canto, e uma vez, em uma festa, me agrediu.

Daniel moveu o corpo para sair da cama, mas eu o segurei. Sabia o que estava na cabeça dele, e não queria que ele se metesse em confusão por algo que já passou.

— Foi um tapa, meus seguranças chegaram a tempo de impedir que acontecesse algo pior e eu consegui uma medida protetiva contra ele.

Achei que com isso teria paz, mas isso só deixou Jimmy ainda mais irritado e obcecado comigo.

— Primeiro ele me chantageou para não me acusar de plágio. Eu tinha certeza de que ele não tinha nada contra mim, e os meus advogados aconselharam a não ceder. Mas dois dias antes daquela festa, Jimmy disse que tinha provas e queria me ver. Ele estava com uma garota que fez o possível para me provocar. Eu acabei perdendo a cabeça e, bom...

Tudo isso me trouxe até aqui.

— Mas aquele dia que fez a música, alguém deve ter visto você tocando aquela noite, não?

— Eu não queria socializar e fiquei a maior parte do tempo no quarto com o meu violão. Acho que, além do Jimmy, o único que poderia saber é o Brandon. Só que eles são muito amigos. Acredito ser muito difícil depor contra ele, até porque se eu perder, o Jimmy ganhará muito dinheiro, do qual Brandon também vai usufruir.

— Você não vai perder, Louise.

— Obrigada por sua fé. Mas estou pronta para o pior e sei que isso colocará uma mancha na minha carreira. Até porque estão surgindo outras pessoas fazendo acusações.

— Oportunistas! — Daniel expressou com raiva.

— Sim, mas a maioria está apenas querendo aparecer e quase todas já provaram ser falsas acusações. Sabe por que o Jimmy fez isso, depois de tanto tempo?

— Porque você se recusou a voltar para ele.

— Também, mas porque eu contei a verdade sobre você. Que não tinha morrido e que sempre te amei e vou amar. Esse era o meu maior motivo de não o perdoar, além do que ele fez, claro. Ele disse que daria o troco e que iria me arrepender.

— Desgraçado.

— Mas sabe, não me arrependo. Não me arrependo de nada, Daniel. Isso me trouxe você. E embora esse processo seja um grande problema na minha vida, nunca me senti tão feliz como agora.

— E você não está mais sozinha. De agora em diante sempre estarei ao seu lado, Louise.

Suas palavras me emocionaram, e o beijo cheio de carinho que veio depois ainda mais.

O mundo parecia girar dentro de um furacão, mas nós estávamos protegidos em nossa bolha de amor.



Quando finalmente conseguimos sair do quarto para o café da manhã, Gwen já estava na cozinha. Nós a cumprimentamos, e ela nos recebeu com um grande sorriso e nenhuma surpresa em me ver

aqui. Também notei que em vez de dois, havia três lugares à mesa, e quando Daniel puxou a cadeira para se sentar, ela piscou o olho para mim.

— Daniel, você sabia que a Louise acreditava que nós éramos um casal? — indagou Gwen, chamando a atenção dele.

Ele, que estava buscando o bule de café, imediatamente dirigiu o olhar para mim.

— Sério?

— Bom. Eu tenho uma justificativa para isso. Há três anos, estive em uma cidade vizinha, na casa de uns amigos do Jimmy.

Citar o meu ex-namorado não agradou muito Daniel, mas ele se manteve calado. Não era minha intenção ficar remoendo isso, mas para esclarecer meu engano, precisava contar como ele começou muito antes.

— Eu vim até aqui, porque... — Lembrar daquele dia, de como fiquei arrasada ao ver que Daniel tinha finalmente seguido em frente, ainda era dolorido, mesmo sabendo que eu não tinha direito de cobrar nada. — Bom. Acho que vocês estavam abrindo o bar, não sei dizer, mas pareciam tão felizes. E se abraçaram, e eu apenas saí correndo sem falar alguma coisa ou avisar que estive lá. Por isso que quando cheguei e vi Gwen, acreditei que vocês dois...

— Somos irmãos, Louise. Apesar de termos nos conhecido muito tempo depois, esse laço foi maior. — Daniel buscou a mão dela e depois pediu a minha. — Porque o amor acaba unindo as pessoas de uma forma ou de outra, não importa quanto tempo passe.

O amor nos uniu outra vez. Daniel e a irmã. Eu e ele.

— Você já sabe como eu reencontrei o Daniel — murmurou Gwen, animada. — Agora, como vocês se apaixonaram antes?

— Em Sta. Anna todo mundo meio que se conhece, e eu conhecia a Hale desde quando brigávamos pelo balanço ou escorregador no parquinho.

— Eu conheci Daniel a minha vida toda, mas foi pelos treze anos que acho que a birra começou a virar outra coisa.

Nós passamos um ano vendo nossos sentimentos pelo outro mudarem. Então Jason chegou à cidade, e eu quis colocar na cabeça que o garoto perfeito, a promessa do futebol, era melhor que o *bad boy* juvenil.

Eu estive errada em tantas coisas, mas como Daniel tinha ressaltado, não dava para ficar retornando ao passado. O que temos

hoje é o que importa e nunca mais irei magoar Daniel ou qualquer outra pessoa por me sentir ferida.

— Louise era difícil de engolir, mas acho que era isso que eu mais amava nela.

— Eu sempre andei por aí dizendo a todos o que pensava, eles gostando ou não. Pessoas como Tessa Bale fazem isso sendo fofinhas — destaquei, sem grandes dificuldades em admitir isso.

O problema não estava em ser verdadeiro com as pessoas, mas se fazemos isso de forma cruel. Sinceridade e grosseria são coisas completamente diferentes.

— Elas parecem freiras dando conselhos bons, e no meu caso, eu parecia um padre na inquisição. Era natural que todo mundo me odiasse.

— Eu nunca odiei você, Louise — destacou Daniel, levando a minha mão aos seus lábios. — Talvez no início, odiava quando jogava areia em mim. Mas, na verdade, admirava sua coragem, e na maior parte do tempo a sua tentativa de me tirar do sério me divertia.

— Todo mundo tinha medo de mim, até os mais valentões da escola desviavam o olhar quando eu erguia a sobrancelha, menos o *Daniel MacDowel*.

— Bem, eu era o rebelde. Precisava manter o meu status.

Agora eu via que diferente do rebelde sem futuro, como os meus pais sempre diziam para tentar me fazer ficar longe dele, Daniel, na verdade, foi incompreendido.

Ele sempre esteve nas ações sociais da escola ou da cidade. Sempre defendeu os mais fracos das versões masculinas da Hale e várias vezes me fez enxergar o que era certo.

— Se lembra que quando estávamos bem, combinávamos quem iria vencer as nossas brigas e depois ríamos de todo mundo?

— Eles pensavam que a gente se odiava — lembrou ele.

— Dã! Às vezes a gente se odiava mesmo — repliquei, rindo.

Quando eu insistia em manter o meu relacionamento com Jason e todas as vezes que via Daniel saindo com outra garota. O real da história era que quando ficava escondida com Jason estava brigada com Daniel, e o ciclo se repetia. As idas e vindas ocorriam entre os dois. Até que Daniel e eu terminamos de vez.

— Por que fomos tão covardes, Daniel? Por que não enfrentamos os meus pais, o seu pai e a cidade inteira para ficarmos juntos?

— Éramos jovens demais. Perdidos demais e, de certa forma, sonhadores. Achávamos que crescer iria nos unir, quando na

verdade nos separou.

— Caramba. Vocês viveram como Romeu e Julieta ou aqueles seriados adolescentes — destacou Gwen, sonhadora. — Só que com um final feliz, agora.

Era uma boa forma de analisar toda a nossa trajetória.

— Bom. Vou deixar que os pombinhos curtam um pouquinho mais — avisou ela, se levantando da mesa e indo até o armário para pegar outra xícara. — Preciso fazer algumas coisas antes de liberar o pub.

Assistimos em silêncio ela embrulhar alguns biscoitos e um pedaço de bolo no guardanapo e sair, sorridente.

— Para quem será o café da manhã? — indagou Daniel, curioso.

Eu fazia uma pequena ideia, mas em vez de responder, levei minha xícara à boca, ocultando um sorriso.

Talvez eu tivesse aposentado o inquisidor para dar espaço ao cupido dentro de mim.



Embora eu tenha uma grande parte das minhas roupas e coisas na casa do meu pai, passava a maior parte do tempo no apartamento de Daniel ou em seu escritório no pub, quando ele estava em seu turno noturno.

— Louise? — Daniel surgiu na porta do quarto. — Pode vir um minuto aqui?

— Daniel? — chamei, receosa ao encontrá-lo com as mãos apoiadas sobre a mesa e de costas para mim.

Quando ele se virou, percebi que algo estava acontecendo.

— Decidi que é hora de deixar Hendrix ir — murmurou ele, se afastando para que eu pudesse ver a urna sobre a mesa. — Vou levar suas cinzas ao rio.

— Oh, Daniel. — Caminhei apressada até ele e abracei sua cintura. — Tem certeza?

Via as lágrimas em seus olhos, mas também notava sua determinação.

— É o certo a fazer, e sempre poderemos ir ao rio.

Assenti. Dizer adeus a quem amamos era sempre muito difícil.

— Gostaria de ir comigo?

— Eu ficarei muito grata se me permitir ir.

— Você também amava o Hendrix e ele te amava, Louise.

Nos abraçamos e deixamos que a saudade e as lembranças dele transbordassem por nós.

Alguns minutos depois, eu, Gwen e Daniel seguimos para o Rio Lee. Não houve um discurso e nem uma cerimônia de despedida, como a vovó Jolie tinha feito antes de Hendrix partir. Apenas olhamos a água corrente, deixamos que a natureza se conectasse a nós, e depois de alguns minutos pensativos de silêncio, Daniel abriu a urna e deixou que as cinzas de seu melhor amigo – do nosso melhor amigo – se misturassem ao vento e à água.

O momento foi marcado por lágrimas, mas por sorrisos também, porque Hendrix, em cada dia de vida, nos fizera feliz.

— Obrigado, Louise. — Ele me puxou para um abraço, depois trouxe a irmã para o meio de nós.

Essa lembrança eu queria guardar para sempre no canto mais especial do meu coração.

CAPÍTULO 13



Dezembro chegou, e com ele as decorações de Natal eram mais perceptíveis e podiam ser vistas de todos os lados que olhássemos. Sta. Anna era conhecida pelo seu inegável charme de cidade pequena, mas nessa época do ano ficava ainda mais bonita.

— Pelo visto você vai se mudar de vez para aquele apartamento minúsculo do MacDowel. — A voz do meu pai me surpreendeu quando estava descendo os últimos lances de escada.

— Essa não seria uma má ideia. Eu sinto muito mais calor ali do que nessa casa solitária e imensa.

O papai não rebateu o que eu disse, e eu caminhei com segurança até a porta, então decidi parar.

— Por que nunca gostou de mim, papai?

Essa era uma pergunta que sempre quis fazer, mas nunca havia encontrado coragem até hoje.

— Sempre fui a Louise perfeita que queria. As melhores notas. Líder de torcida. Fui aceita na melhor faculdade.

— Para a qual você não foi...

— Porque era o seu sonho — rebati, nervosa. — Seu desejo, e não o meu. Ainda assim, não justifica a frieza com que sempre me tratou.

— Você era muito parecida com a sua mãe.

Na adolescência, talvez. Eu tentava imitá-la para ver se ganhava aprovação e com isso um pouco de carinho.

— Nós somos completamente diferentes.

— Vejo isso agora — ele murmurou, e soava sincero. — Você fez o seu próprio caminho enquanto ela só buscava dinheiro e luxo. Sabia que essa casa foi tudo o que nos restou? Não há mais nada, Louise. Eu precisei voltar a trabalhar, dar consultoria jurídica para voltar a me manter. As coisas estão começando a ficar bem.

— Foi por isso que ela pediu o divórcio e foi à minha procura em Los Angeles?

Sem esperar resposta, continuei:

— Sinto muito pela mamãe, mas eu não sou mesmo como ela, pai, e... — Engoli em seco, segurando a emoção que sentia em

poder dizer isso. — Se algum dia quiser realmente me conhecer, sabe como e onde me encontrar.

Esprei por um instante alguma resposta, mas ela não veio.

Bom, havíamos dado alguns passos até aqui.

— Louise?

Virei-me, encontrando seu semblante consternado.

— Preciso dizer uma coisa. MacDowel foi o primeiro a se oferecer como cliente, sem usar isso para se vingar ou tentar me humilhar pelo passado — confessou ele. — Eu o julguei mal no passado.

Não era um emocionante pedido de desculpas, e eu tinha as minhas falhas como filha também.

— Achei que você não iria ter coragem de ir embora sem um centavo meu aquele dia, mas você simplesmente pegou a sua mala

e partiu, continuou sem mim. Eu também a julguei erradamente, filha. Você não é nada como a sua mãe, mas fui orgulhoso demais para admitir.

Em todos os prêmios que ganhei, sempre olhava para a plateia, procurando os meus pais. Mesmo sabendo que eles nunca estariam lá, eu fazia um discurso voltado a eles, e quando me deparava com a dura realidade, apenas agradecia ao meu empresário com poucas palavras e saía do palco. Ouvir o meu pai dizer que estava orgulhoso de onde cheguei amenizava um pouco essa dor.

— E eu também não acredito em nada sobre o que aquele homem está falando. Você tem suas falhas, Louise, mas nunca seria desonesta sobre a sua música. Eu queria que soubesse disso.

— Obrigada, papai. — Tomei a iniciativa e puxei-o para um abraço.

Teremos um longo caminho pela frente, mas sentia que podia construir uma nova história com ele, porque diferente da minha mãe, que nunca demonstrou arrependimento sincero pelas marcas que me causou, o meu pai e eu desejávamos nos dar uma segunda chance.

De vivermos com o coração em paz.



— Por que não disse que estava ajudando o meu pai? —
indaguei Daniel quando desabamos na cama, depois de termos feito amor loucamente.

— Ele tinha trabalho a oferecer e eu aceitei, Louise —
respondeu ele, dando de ombros.

— O papai disse que sabia que não era por vingança ou alguma coisa assim, que ele te julgou mal, mas quer saber de uma coisa? — afirmei, emocionada, enquanto ele passava os dedos em meus cabelos. — Sei que foi por mim. Sempre que podia estava cuidando de mim, mesmo quando eu não via, Daniel.

— Você também sempre esteve lá, ou se esqueceu que roubava as comidas das ceias do Dias de Ação de Graças e dos Natais para levar para mim? — apontou ele com a voz gentil, assim como seus dedos enroscando em meu cabelo. — E era a única a lembrar do meu aniversário, mesmo quando estávamos brigados. Desde que partiu nunca mais recebi um bolo, sabia? Gwen tentou, mas disse a ela que não gostava. Acho que o que não curtia eram

as lembranças. E foi você que pagou a conta do veterinário do Hendrix quando o achei na estrada, e todas as outras consultas que ele precisou depois. Então pare de só olhar para as coisas erradas, dê mais crédito às boas que fez e ainda faz. Eu sei sobre as suas doações e da instituição que fundou.

— Sabe? — indaguei, surpresa.

Não que eu ficasse por aí revelando as caridades que fazia, a maior parte delas nem chegava ao conhecimento das pessoas, mas se tratando de grandes valores, precisava ser declarado por causa da receita. A instituição, essa não era de conhecimento público porque queria ajudar o máximo de jovens possível.

— Hale, eu tenho um pôster seu na parede do quarto — ele destacou com humor. — Nunca deixei de pensar em você, Louise.

Como eu nunca consegui esquecê-lo.

— Eu te amo, Daniel MacDowel — Ofereci os meus lábios enquanto ele fitava os meus olhos marejados. — Obrigada por fazer os meus dias mais felizes.

— Amo você, Louise Hale — murmurou ele antes de me beijar.

CAPÍTULO 14



Era muito cedo para que enjoos, tonturas e todos esses sintomas de grávida surgissem para que eu começasse a desconfiar que havia algo de errado. Quase quatro semanas de atraso na menstruação, vindo de uma pessoa completamente regulada e atenta, eram suficientes.

Quando Daniel e eu começamos a fazer sexo, eu com dezesseis e ele com quase dezoito, nos deixávamos levar pelas

emoções causadas pela saudade ou reconciliações e vacilávamos algumas vezes, e isso sempre me deixava tensa até a menstruação chegar. A partir daí, comecei prestar mais atenção.

Só que não nos prevenimos quando estivemos em seu apartamento pela primeira vez e outras depois dela.

— Você está grávida? — Gwen soltou a pergunta com um grito que reverberou pelo apartamento inteiro, e eu esperava que não fosse por toda a cidade.

— Gwen, fale baixo! — a repreendi, fazendo-a levar as mãos à boca. — Ainda não sei. Acho que estou. Poderia fazer esses testes caseiros, mas quero fazer um no laboratório da cidade vizinha e ter certeza.

Não sabia como explicar, mas algo dentro de mim já me dava essa certeza. Daniel e eu íamos ter um bebê. Eu estava entre

apavorada e radiantemente feliz.

Eu não sabia como Daniel ia receber essa informação. No passado, quando ele também acreditava ser filho único, dizíamos querer muitos bebês. Muita coisa mudou em nossas vidas e entre nós.

— É por isso que preciso de você.

— Se for para ir junto, é claro que sim, nem precisava me pedir.

— Seu sorriso alargou mais, mas dessa vez ela manteve o tom brando. — Eu vou ser titia. Já vou avisando, Louise. Eu vou ser a tia mais coruja do mundo e não haverá nada que você possa fazer.

Contar com o apoio de Gwen deixava-me completamente emocionada.

— Certo. Antes de qualquer comemoração ou planos futuros, precisamos de uma desculpa perfeita para ir até lá. Então pensei

que você pudesse inventar algumas coisas para comprar para o pub.

Algo que Daniel não desconfiasse.

— Bom, as decorações de Natal andam meio ultrapassadas e sempre falei que devíamos mudar. Agora que você está aqui, ele vai aceitar fazer algo diferente. E não há muitas opções na loja da Sra. Reynolds, vamos combinar.

— O Daniel não pode saber ainda, Gwen. Quero ter certeza até poder contar a ele.

— Pode confiar em mim. Quando vamos?

— Bem, a clínica fechará para o Natal depois de amanhã, então pensei em irmos amanhã bem cedo. O que acha?

— Perfeito. Já vou avisá-lo e pedir que libere a caminhonete — disse ela, dando um salto do sofá. — E, hum... aqueles seus cães de guarda vão com a gente?

— Posso dispensar o Craig, se quis...

— Não! — ela interrompeu, exaltada, e ao notar meu olhar curioso, abriu um sorriso amarelo. — Quer dizer... A sua segurança é importante, agora mais do que nunca. E o Hugh nunca incomoda. E aquele outro...

— Craig.

— Posso suportá-lo por algumas horas.

— Sei. Se não há problemas, então saímos amanhã bem cedo.



O plano não saiu tão bem como gostaríamos, porque minutos antes de sairmos do apartamento de Daniel, ele simplesmente tinha surgido, avisando que iria com a gente. Eu quase desmaiei ali

mesmo de pânico. A sorte que Gwen foi mais ágil que eu, alegando precisar voltar para o quarto, e seja lá o que ela tivesse arquitetado com um dos meus seguranças, acabou fazendo Daniel ficar na cidade para ajudá-lo.

— Avisa quando chegarem lá? — pediu Daniel, alguns minutos antes de eu entrar no carro.

Nos despedirmos, mesmo que só por algumas horas, estava ficando difícil.

— Vai sentir a minha falta, Daniel MacDowel?

— Já estou sentindo, Louise Hale. Volte logo, ou juro que vou até lá e arrasto você.

Não duvidava que ele cumprisse a ameaça e fosse nos buscar. De qualquer forma, eu era a mais interessada em voltar logo para Sta. Anna e com uma linda notícia para dar a ele.

— Tenho que ir... — avisei quando outro de nossos beijos apaixonados terminou. — Quanto mais rápido for, mais rápido eu volto.

— Sim. Eu preciso socorrer o seu segurança. Ainda não consegui entender como...

— Você já falou demais, Daniel. — Gwen veio ao meu socorro e me puxou para dentro da caminhonete. — Nos vemos depois.

Antes de partirmos, ele disse a Craig para cuidar bem de mim e da sua irmã, ou ele faria picadinho dele quando voltasse. Apesar da ameaça, achei muito fofa a sua preocupação.

— Eu sinto por ser Craig a ter que nos acompanhar — disse a Gwen quando chegamos à clínica. — E não entendi por que escolheu o Hugh para...

— Já disse, esse aí — ela apontou com o dedo para o homem seguindo atrás de nós —, o que tem de lindo, tem de sério demais. Ele não conseguiria fazer aquela cena toda para o meu irmão.

— Lindo, é? — provoquei, dando uma cutucada de ombro no dela. — Não lembro de ter citado a parte que achava o meu guarda-costas lindo.

Pega em seu próprio vacilo, os olhos de Gwen piscaram como luzes de Natal e sua boca abriu e fechou como um sapo coaxando.

— Eu não... claro que...

— Srta. Hale? — Uma enfermeira surgiu no instante seguinte, livrando Gwen de continuar a ser torturada por mim.

— Vai levar alguns minutos, Gwen. Você pode convidar o guarda-costas bonitão, também conhecido como Craig — sussurrei,

mas em um tom que ele também pudesse ouvir —, para tomar um café.

Recebi de Gwen o primeiro olhar matador desde que nos conhecemos. E sorrindo, segui a enfermeira até o local para o exame. O sorriso durou até que a mulher surgisse com o material para colher o meu sangue. Eu odiava agulhas, e ainda havia o fato que estava bastante ansiosa para saber o resultado.

Nesse momento, vi que foi uma tremenda bobeira deixar Daniel de fora, pois ele poderia segurar a minha mão ou me distrair com beijos.

— Pronto. — Ouvi a enfermeira dizer alguns minutos depois. — Não foi tão ruim, foi?

Realmente, até que ela tinha mãos de fada, e tirando a picada inicial, quase nem notei o procedimento sendo feito.

— Quando terei o resultado?

— Em alguns minutos. A médica irá falar com você.

Assenti, agradecida, e quando comecei a pegar o meu casaco, a mulher me chamou.

— Poderia tirar uma foto? A minha filha é muito sua fã.

Apesar de ter pedido que toda a minha chegada à clínica fosse feita sem alarde, e até terem me dado uma entrada particular, dificilmente eu sairia dali sem ser reconhecida. Então tirei a foto com a simpática mulher e fiz o pedido de sempre, de que ela só divulgasse a foto quando eu fosse embora, e que nesse caso em específico, não revelasse que tinha me visto na clínica. Bom, pelo trabalho ela estava proibida de passar qualquer tipo de informação, então eu me sentia mais segura em manter esse segredo.

Quando voltei à recepção, não havia nenhum sinal de Gwen ou de Craig. Concluí que ela havia aceitado a minha sugestão e saído com ele para tomar um café. Assim, fui até uma poltrona, escolhendo uma revista para folhear.

Gwen e Craig, eu jamais teria pensado nos dois como um casal, mas pensando melhor, até que eles combinavam. Ele todo sério e calado e ela toda cheia de vida. Poderia ser um dos casos em que os opostos se atraem?

— Desculpe, Louise. — Falando nela, ou melhor, neles, o casal surgiu de repente e Gwen parecia bastante afobada. — Não esperávamos que o café fosse demorar tanto.

Estudei os dois atentamente e vi que Gwen tentava discretamente arrumar os fios de cabelo no lugar.

— Deve ter demorado muito mesmo — provoqueei, tentando conter um sorriso incontrolável. — O Craig até bagunçou a gravata.

Chocado pelo que eu disse, o meu segurança rapidamente tratou de colocar o nó da gravata em seu lugar. Gwen, dessa vez, abriu um sorriso vitorioso. Eu queria puxá-la para um canto e exigir que me contasse cada detalhe dessa história, mas fui chamada para entrar na sala da médica.

Finalmente iria saber se estava grávida ou não.

CAPÍTULO 15



Fortes nevascas vinham acontecendo por essas regiões, houve cancelamento de voos, e a estrada que dava acesso a Sta. Anna foi fechada por medida de segurança. Também aconselharam a todos que pudessem para ficarem em casa.

Por isso, a comemoração de Natal, que acontecia no Pub MacDowel, teve que ser cancelada. Era uma pena, porque o lugar estava muito bonito, festivo e cheio de calor, esperando as pessoas.

Apesar disso, Daniel, Gwen e eu decidimos fazer a nossa ceia, contando apenas conosco. Nas primeiras horas, devoramos a deliciosa ceia, fizemos um campeonato no karaokê, bebemos, no caso, eu apenas tomei sucos ou outras bebidas sem teor alcoólico, por causa do bebê, e dançamos até a exaustão.

Nesse breve momento de descanso, eu os observava em uma discussão boba entre irmãos enquanto considerava esse o melhor Natal de toda a minha vida. Isso porque ainda nem tinha revelado a minha grande surpresa, que eu já não conseguia mais segurar dentro do peito.

Com um assovio estridente, os fiz silenciarem e olharem para mim.

— Quero um minuto de atenção dos dois. Eu sei que vocês esperavam abrir o pub hoje e que para os negócios não foi bom toda

essa nevasca. Vai sobrar muita comida...

— A gente abre por causa das pessoas, que por algum motivo passariam a ceia sozinhas — avisou Daniel. — Como já aconteceu comigo...

— E comigo — completou Gwen, lembrando de como foi para ela depois que os pais morreram. — Mas não tem nada a ver com negócios para nós. Vamos congelar o que não consumimos hoje e doar quando a nevasca passar. De qualquer forma, fico feliz de sermos nós três.

Eu também ficava. A minha felicidade era tanta que queria gritar isso ao mundo, mas hoje queria dividir o momento especial com a minha família. Porque era isso que Daniel e Gwen significam para mim.

— Bom... — Levantei-me da cadeira e fui até a árvore de Natal, de onde peguei a caixinha de presente com o nome de Daniel escrito nela. — Não exatamente só nós três.

— Já vamos trocar os presentes? — ele encarou a caixinha com curiosidade.

Os lábios de Daniel não se moveram, mas os seus olhos sorriam.

Será que ele sabia?

— Esse é muito especial, Daniel.

Com um sorriso curioso, ele começou a desfazer o laço prateado, e ao ver apenas uma folha dobrada dentro da caixinha, me encarou intrigado.

— Pelo amor de Deus, Daniel, veja logo isso! — exigiu Gwen, ansiosa.

Conforme ele abria e lia o que estava escrito na folha de exame, nós duas nos entreolhamos, inquietas.

— Louise? — O seu semblante espantado buscou o meu. — Isso é verdade?

Não conseguia emitir uma única palavra, então, com os olhos marejados, apenas afirmei que sim com a cabeça.

— Nós vamos ter um bebê. Você está feliz?

Eu mal pronunciei a última palavra, e já tinha os braços de Daniel levantando-me em seu colo.

— Feliz? Louise! Não existem palavras para expressar o que estou sentindo. Nós vamos ter um filho.

— Amor, a gente vai ter um bebê...

Eu ria e chorava ao mesmo tempo enquanto Daniel me girava com ele, demonstrando toda sua felicidade com a notícia.

— E eu vou ter um sobrinho lindo para estragar com tanto mimo — ressaltou Gwen quando a encaramos através da nossa imensa alegria. — A nossa família está crescendo.

Quando voltei à Sta. Anna, não tinha qualquer esperança de ter Daniel de volta. Nós conseguimos resolver todos os problemas do passado, ganhei a mais doce e melhor cunhada-irmã como presente, e agora, como ela dissera, nossa pequena família iria aumentar.

— Por um minuto, achei que você tinha descoberto — confessei quando ele me colocou no chão.

— Você estava esquisita nos últimos dias, e sua viagem para a St. Miles estava bastante estranha — disse ele. — Mas achei que estava procurando adotar um novo mascote, sabe, por causa do Hendrix. Eu jamais teria imaginado que...

Sua testa encostou na minha, e falamos com os nossos olhares emocionados como estávamos encantados com minha gravidez.

— Eu também tenho uma coisa para você. Daria mais tarde, mas esse é o momento perfeito.

Então, diante de meu ar contido e de um gritinho empolgado de Gwen, Daniel tirou um lindo anel de dentro do seu bolso e se ajoelhou diante de mim.

— Louise, você é a mulher da minha vida. — Sua voz tinha a mesma emoção que eu via brilhar em seu rosto transbordando amor.

— Agora é a mãe do meu filho. Você me daria a honra e a felicidade de se tornar minha esposa?

— Oh, Daniel... — soluzei, ajoelhando em frente a ele. Os meus olhos pareciam duas cachoeiras inundando o meu rosto de

lágrimas. — Eu aceito. Além do nosso bebê, não existe mais nada que eu deseje tanto.

Nos beijamos, e foi como se nesse instante o mundo parasse de girar.

— Você me tornou o homem mais feliz do mundo, Louise Hale.

— E agora eu me sinto realmente completa, Daniel. E feliz como nunca estive antes.

A vida não era sempre perfeita, mas nesse momento estava.



Era noite de Ano Novo, e dessa vez conseguimos dar uma grande festa no pub de Daniel, que sem nenhum espanto para mim, estava lotado. Ele disse que foi por minha causa, que as pessoas

vieram para me ver, mas eu não acreditava totalmente nisso. As pessoas na cidade admiravam Daniel, o fato de ele ter ficado cuidando do pai quando ficou doente, mesmo todos sabendo da relação complicada entre eles, e por tudo que ele sempre havia feito e ainda faz para tornar Sta. Anna um lugar melhor.

Daniel era o típico garoto rebelde que tinha entrado na linha e que as pessoas aprenderam a amar.

— Estão pedindo para você cantar, Louise — Gwen ressaltou, tentando se fazer ouvir através dos clamores dos presentes.

Desde que abrimos, por segurança, mantive-me com Daniel atrás do balcão, ajudando, sempre que ele deixava, a atender os pedidos.

— Sei que você quer fazer isso, Hale — disse ele com divertimento. — Vá lá.

Eu realmente sentia falta do palco, e com o processo ainda rolando e a gravidez a caminho, não tinha a menor ideia de quando ou se iria fazer um show novamente. Eu nem havia contado sobre o bebê para o Frank.

— Eu ficarei tranquilo aqui, porque aqueles dois vão ficar de olho em você.

Os dois aos quais ele se referia eram Hugh e Craig, que tinham retornado da sua semana de férias para gozarem o Natal com suas famílias. Cada um deles estava em uma extremidade do longo balcão, de olho em cada movimento meu. Bem, Hugh estava, porque Craig, vez ou outra, parecia ter olhos para outras coisas, ou dizendo melhor, para outra pessoa.

— Vem comigo? — indaguei a Daniel, estendendo a mão para ele.

A última vez que cantei no pub foi com Jason e aquele dia não terminou muito bem, magoei Daniel e quase prejudiquei mais uma vez a relação entre meu amigo e Tessa.

— Não sou um cantor tão bom quanto Jason.

Ele estava brincando? Sua voz tinha uma rouquidão sexy que deixaria cada garota aqui babando por ele.

— Sua voz é perfeita assim como você, Daniel — insisti, entrelaçando nossos dedos. — Vem. Canta comigo.

Endless Love, um dueto entre Lionel Richie e Diana Ross, foi a escolha perfeita, e poderia muito bem ser a trilha sonora dessa segunda fase da nossa vida.

— *Meu amor. Há somente você na minha vida* — Daniel iniciou a parte masculina da música, e como eu esperava, suspiros femininos logo começaram a surgir. — *A única coisa que é certa.*

— *Meu primeiro amor. Você é "tudo que respiro"* — entrei, cantando completamente emocionada a minha parte da canção. — *Você é cada passo que dou.*

— *E eu...* — dissemos juntos. — *Eu eu eu eu eu. Eu quero dividir. Todo o meu amor com você.*

— *Ninguém mais o fará.* — Quando Daniel cantava, eu sentia que cada palavra da música ele dizia somente para mim.

— *E seus olhos. Seus olhos* — Passei a mão carinhosamente em seu rosto, enquanto através desses versos também me declarava a ele. — *Seus olhos. Eles me dizem o quanto você se importa. Oh sim, você sempre será.*

— *Meu amor sem fim* — cantamos juntos.

Se algum dia me perguntassem qual foi a melhor apresentação da minha vida, eu sempre diria que foi essa.

A música terminou, mas eu continuei com o microfone em minha mão enquanto o encarava com o olhar cheio de amor.

— Daniel MacDowel, eu quero que todos essa noite saibam que você foi e sempre será o meu eterno amor.

Tantas vezes eu quis fazer essa mesma declaração a ele no passado, e agora me sentia livre e segura para revelar ao mundo o quanto eu amava esse homem incrível.

Após a minha declaração, Daniel sussurrou que também me amava muito e me puxou para um beijo apaixonado, que fez o lugar inteiro explodir em aplausos e gritos felizes por nós.

CAPÍTULO 16



Era o dia da padroeira de Sta. Anna, e a cidade em peso compareceu ao evento realizado pela igreja. Eventos assim eram os que mais me deixavam animada, porque facilitavam a minha fuga para ir encontrar Daniel.

Hoje era especial porque não precisávamos mais esconder de ninguém que estávamos juntos e nos amávamos. Até o meu pai

tinha ficado feliz em saber sobre o bebê e que o mais breve possível nós iríamos nos casar.

— Daniel? — Grudei no braço dele depois que um trio de adolescentes conseguiu tirar uma foto conosco.

Sim, namorar uma celebridade transformava a outra pessoa em famosa também, e nosso pequeno e romântico show de Ano Novo estourou nas mídias sociais. Já havia alguns paparazzi rondando a cidade em busca de um flagra de nós dois.

— Vai ficar muito bravo se enfrentar a longa fila de maçã do amor por mim?

Ele tinha acabado de voltar da fila gigante de algodão doce. E por mais que as pessoas tivessem tentado ser gentis, alegando que ele poderia passar na frente, Daniel não usufruiu dos privilégios da fama, dizendo que esperaria como todo mundo.

Sua simplicidade e visão de igualdade e justiça só me fazia amá-lo ainda mais.

— Você quer maçã do amor agora? — ele indagou com um olhar divertido para o doce que eu já tinha devorado pela metade.

— Ah, você sabe — puxei-o para me ouvir cochichar. — É tudo culpa do bebê.

— E no passado, a culpa era de quem?

Apesar de manter uma alimentação saudável, antes por causa da minha rotina de shows e agora por causa do bebê, sempre fui uma formiguinha para doces. Eram a minha maior fraqueza.

— Daniel MacDowel... — iniciava o discurso que me defenderia de sua acusação muito justa, quando um ruído de microfonia me interrompeu.

Logo surgiu a voz de Tessa, Faith e de uma senhora que não consegui reconhecer, chamando a atenção de todos.

— Como a senhora ficou sabendo disso? — A voz angustiada de Tessa repercutiu no salão. — Faith! Você jurou que não iria contar a ninguém.

— Mas eu não contei a ninguém — Faith se defendeu. — Nem mesmo para Damon.

A discussão continuou entre as três, mantendo todo mundo interessado no assunto, inclusive Daniel e eu, como se estivéssemos vendo o último capítulo de um seriado preferido.

— Não posso revelar a minha fonte, já disse — retrucou a senhora como se ela fosse uma profissional de alguma e importante revista de fofoca, e não provavelmente membro de um clube de igreja com as senhoras mais intrometidas e fofoqueiras do planeta.

— Algo como isso não se esconde por muito tempo, Tessa, você sabe.

— Tudo bem, não importa quem te contou. Só não conte a mais ninguém.

— Ora, vocês pensam que...

— Esse é o desejo da Tessa. Aliás, eu digo que é uma ordem, Sra. Cooper — Faith interrompeu, finalmente identificando quem discutia com elas. — A única que vai contar ao Jason que eles vão ter um bebê é ela.

Oh... Essa é a minha reação, de Daniel e de todos que seguiam fazendo o burburinho no salão aumentar.

— Jason e Tessa também vão ter um bebê — murmurou Daniel, feliz por nossos amigos.

Eu fiz um sinal para que ele ficasse quieto e olhei disfarçadamente em volta, para saber se havia alguma das senhorinhas das Damas dos Girassóis à nossa volta. Afortunadamente não vi nenhuma e soltei o ar, aliviada.

— Desculpe, Louise, esqueci por um momento.

Por preservar a minha gestação e segurança do bebê em relação à curiosidade da imprensa e do público, combinamos de manter a gestação em segredo até que eu completasse três meses pelo menos, quando os riscos de um aborto seriam menores.

— Tudo bem. — Fiquei nas pontas dos pés para beijar seus lábios e garantir que eu não tinha ficado aborrecida com o seu quase vacilo. — Ninguém percebeu.

Até porque, assim que Jason surgiu ao lado de Tessa, todo mundo queria dar parabéns ao casal. Eu faria uma visita a ela em

breve e contaria que estava grávida, acho que poderíamos dividir essa nova e emocionante experiência de sermos mães de primeira viagem.

— Louise, se não quisermos pegar fila no estacionamento, é melhor sairmos agora — avisou Daniel assim que me despedi de Tessa.

— Sim. Também estou bastante cansada. Não sei de onde vem tanto sono.

Seguimos para fora, e quando estávamos perto do nosso carro, a neve que caía fina começou a ficar mais forte.

— Oh, Daniel! — disse quando não achei o cachecol no meu pescoço. — Acho que esqueci o meu cachecol lá dentro. Foi presente da Gwen nesse Natal.

Chateava-me ter que abandoná-lo.

— Vá indo para o carro, que eu vou buscar — avisou ele.

A caminhonete de Daniel não estava longe, mas de qualquer forma, tinha de esperá-lo voltar para entrar. Na pressa de buscar o cachecol perdido, ele se esqueceu de deixar a chave do carro comigo.

— O papai já vai voltar, meu amor — murmurei, alisando a minha barriga ainda sem qualquer sinal de gravidez.

Ainda era cedo para sentir algum movimento do bebê, mas eu gostava de ficar conversando com ele sempre que podia.

— Louise?

Paralisei no lugar ao ouvir o chamado. Infelizmente, a voz evocando o meu nome não era de Daniel.

— Jimmy? — Virei-me, encarando-o completamente chocada.

— O que você faz aqui?

A última pessoa no mundo que esperava ver em minha cidade natal era Jimmy. Assim, olhei em todas as direções em busca de Hugh e Craig, e lembrei que por Sta. Anna ser uma cidade muito tranquila e principalmente quando estava com Daniel, mesmo desagradando a eles, dispensava os dois. Hoje foi uma péssima ideia ter feito isso.

— Queria ter uma conversa com você...

— Nós não temos nada a conversar, e você está descumprindo a ordem de restrição.

— Foda-se a ordem de restrição. Vim até aqui esperando que depois de todo esse tempo você tivesse colocado a cabeça no lugar. Que reavaliasse tudo o que fez...

— O que eu fiz? — Encarei-o, enraivecida. — Você me traiu com a minha mãe e sei lá com quantas mais. Me bateu e ainda está

tentando roubar a minha música. Se existe alguém aqui que precisa mudar é você, Jimmy.

Sempre que olhava para ele não conseguia compreender como fui capaz de me envolver com alguém tão destrutivo e tóxico.

— Olha só quem fala em traição. A garota que não tirava a foto do ex-namorado morto da tela do celular. Pera aí. — Jimmy fez uma irritante cara de deboche. — Ele não estava morto, no final das contas. Na primeira oportunidade veio rastejar para esse Zé Ninguém, e agora...

Seus olhos odiosos se fixaram em meu ventre, e eu levei minhas mãos a ele para proteger meu bebê de todo ódio que via exalar de Jimmy.

— Agora está grávida. Quem é a traidora aqui?

Com certeza não era eu, até porque quando comecei a me envolver com Daniel de novo, estava solteira. Mas Jimmy via as coisas de forma completamente distorcida.

— Mas eu juro que todo mundo saberá a cadela que você é!

Junto com sua frase raivosa, ele veio em minha direção. Quis escapar de seu ataque e acabei sendo jogada contra a lateral do carro, onde bati fortemente com a cintura.

— Solta ela, seu desgraçado!

Enquanto as lágrimas surgiam como um rio transbordando em meus olhos, vi Daniel agarrar Jimmy pelo pescoço, depois desferir um belo soco que o fez cair no chão.

A fúria que via no rosto de Daniel e que ele deixava sair, dando novos socos em Jimmy, me deixou assustada. Não por causa do

verme covarde que tinha me atacado, mas por Daniel ir longe demais e acabar saindo prejudicado.

— Daniel? — chamei, arrastando-me até ele e o rapaz choramingando, em quem ele dava uma lição. — Pare, por favor. Ele não vale uma reação sua.

Só que ele estava enraivecido demais por tudo o que Jimmy tinha feito comigo antes e pelo que tentou fazer há pouco. Só havia uma forma de fazer Daniel parar, e era algo que também me preocupava.

— Daniel. — Acho que meu soluço e choro, ficando desesperado, finalmente o fez ouvir a voz da razão. — O bebê.

Logo após Jimmy ter me arremessado contra o carro e eu ver Daniel surgir como um leão para defender sua família, uma umidade nas calças, que eu sabia não ser da neve, me preocupou.

— Louise... — Seus olhos cheios de horror olharam para os meus dedos manchados de sangue.

— Não quero perder nosso bebê, Daniel — soltei em um choro desesperado. — Eu não quero perder.

Eu via que o pânico também estava dentro dele, mas ele precisava tomar as rédeas da situação.

— Não vai, amor. Eu vou te levar para o hospital.

Assenti, deixando que ele me pegasse no colo e me colocasse no carro. Daniel prendeu o cinto em mim, e ao sairmos do estacionamento, vi pelo retrovisor Jimmy começar a se levantar do chão com a ajuda da mulher com quem eu tinha brigado naquela festa em que fui tirar satisfações com ele, provando que a minha mãe não foi a única com quem ele esteve envolvido.

Não sabia por que Jimmy tinha saído do inferno para vir me atormentar, e agora também não importava. Todos os meus pensamentos precisavam ser concentrados no bebê.

Assim que chegamos ao hospital, Daniel conseguiu uma cadeira de rodas e fez o possível para que eu fosse atendida rapidamente.

— O senhor tem que esperar aqui fora — disse uma enfermeira.

— Daniel... — O encarei com medo.

Ele se inclinou para beijar minha testa.

— Vai ficar tudo bem, amor. Vão cuidar de você.

Enquanto era afastada dele, via através dos meus olhos marejados que ele estava chorando também. Não era justo o que

estava acontecendo. Não planejamos esse bebê, mas já o amávamos e queríamos muito tê-lo em nossos braços.



Os minutos pareciam se arrastar. Fui medicada. O médico de plantão fez várias perguntas e passou exames. E tudo o que eu queria saber era como estava o meu filho.

— Bom... — O médico me olhou sério e depois aumentou o volume no aparelho para que eu escutasse. — Esse coraçãozinho batendo forte diz que ele está bem.

O choro de alívio veio forte, e ele me pediu para ficar calma. Disse também que iria mandar o pai do bebê entrar. Daniel surgiu como um furacão menos de um minuto depois.

— Louise — Ele buscou minha mão assim que entrou, e a dele estava tão trêmula quanto a minha.

— Ele está bem, Daniel — respondi, rindo e chorando ao mesmo tempo, o conforto em meu coração em saber que nosso pequenino ainda estava seguro dentro de mim era grande demais.

— Ouça. É o coração do nosso bebê. Ele está bem.

Depois de nossa reação emocionada, o médico disse que me deixaria no hospital por alguns dias e que daqui para frente precisávamos ter cuidado redobrado durante a minha gestação.

Daniel garantiu que ficaria atento e que não iríamos passar por esse susto novamente. Eu confiava cegamente que ele cuidaria de nós.

Gwen foi a primeira a me visitar assim que soube do acontecido. Hugh e Craig me trataram com a preocupação que

sempre mostraram comigo e avisaram que Jimmy seria um homem morto se tentasse se aproximar novamente.

Também recebi uma ligação de Frank. No início, achando que eu pudesse ficar aborrecida, Daniel mostrou-se resistente para que fosse atender, mas consegui garantir a ele que estava tudo bem.

— Certo, Frank. Avise-me quando toda essa loucura acabar. E obrigada.

Assim que desliguei meu telefone, Gwen e Daniel abrigaram novamente a minha mão entre as deles.

— Vocês não vão acreditar. Temos finalmente uma explicação do porquê o Jimmy estava aqui. — Ouvir o nome dele causou visível desgosto em Daniel. — Parece que ele teve uma briga séria com o Brandon. Não sei exatamente o motivo, mas estavam bêbados e foi bem feio. A namorada do Brandon estava gravando e filmou toda a

discussão onde ele acusava o Jimmy de ter me denunciado falsamente de roubar a autoria da música.

— Então? — Gwen indagou, irrequieta.

— O Jimmy, para se gabar, disse tudo. Que não precisava do amigo para depor contra mim, porque o celular e o e-mail que eu usei eram dele, e não havia nada que eu pudesse fazer para provar minha inocência.

— Então você ganhou o processo? — indagou Gwen, animada.

— Ainda não, os meus advogados precisam anexar essa confissão como prova e ela precisa ser aceita pelo juiz. O que eles acreditam que irá acontecer.

— De qualquer forma, agora todo mundo sabe que você nunca mentiu, Louise — afirmou Daniel.

— E que estou grávida também — afirmei com um gemido. —

Um paparazzi que Jimmy contratou o seguiu até aqui, tirou fotos de toda a sua briga com ele e depois vendeu a notícia para um grande site de fofoca.

— Ninguém — falou Daniel segurando o meu rosto, e a determinação que via em seu olhar fazia meus medos diminuírem — vai tocar novamente em você e em nosso filho. Eu não vou permitir.

— Tenho certeza disso — afirmei com um sorriso surgindo em meu rosto, apesar das lágrimas emocionadas que as palavras dele me causavam. — O país e o mundo inteiro também já estão sabendo que o garoto rebelde não está tão adormecido assim.

— Eu viro uma fera para proteger quem eu amo, Louise. Vocês são tudo para mim.

— Eu te amo, meu amor — confessei no momento que seus lábios vinham de encontro aos meus.

Os próximos dias não seriam fáceis, mas com o apoio de Gwen, o amor e a proteção de Daniel, eu sabia que enfrentaria o que viesse, e tudo ficaria bem, assim como nosso bebê, crescendo em meu ventre.

CAPÍTULO 17



Como eu imaginava, assim que a notícia sobre a mentira de Jimmy se espalhou e a minha gravidez também, Sta. Anna ficou pequena para as inúmeras comitivas de paparazzi e outros profissionais da imprensa.

Mas como Daniel tinha garantido ao médico, ele não deixaria nada nem ninguém tentar afetar a minha paz. O apartamento dele virou um verdadeiro quartel-general com ele como comandante,

Hugh, Craig e até mesmo Gwen como os seus subordinados. Também descobri que muitas pessoas em Sta. Anna agiam como vigias, contando onde os repórteres poderiam estar escondidos ou fazendo uma barreira para que nenhum conseguisse se aproximar de mim.

O que me provava que todos que realmente se arrependiam dos erros cometidos e desejavam melhorar mereciam uma segunda chance, como a que eu tive.

Isso me emocionava bastante, porque nunca imaginei que eu, vista no passado como a garota megera de Sta. Anna, fosse encontrar redenção, tornando-se a princesa que conquistaria o carinho de todos, ao ponto de ser defendida.

Muito tinha a ver com o fato de que, especialmente, Daniel, Jason, Tessa e Faith me receberam de volta com os braços e

corações abertos.

Não chegou a vazar uma única foto minha, mesmo quando precisei sair de casa para ir ao obstetra da cidade que acompanharia a minha gestação. Nem quando eu queria caminhar e tomar um pouco de ar puro ou visitar os meus velhos-novos amigos, principalmente Tessa e Faith, que estavam animadas organizando os casamentos delas.

— Nossa, Louise... — Estava tão distraída, ajustando o laço no vestido que evidenciava a minha gravidez, que nem vi ou ouvi Daniel surgir atrás de mim, rodeando a minha cintura com seu abraço amoroso. — Tem certeza de que a noiva não é você?

— Bobo, elas usarão branco. — Eu ri enquanto me aconchegava mais em seu abraço gostoso. — Eu não estou usando, e acho que não poderei usar nem no meu casamento.

— Por que não? — Ele parou o suave movimento que fazia com nossos corpos e me encarou sério através do espelho.

— Bom, talvez porque nós — aponteí o indicador em direção à minha barriga — colocamos a carroça na frente dos bois.

A minha brincadeira, em vez de fazê-lo rir, o deixou mais sério, e eu sabia que o papai/noivo/urso surgiria em três... dois...

— Nunca mais diga isso, Louise. — Ele me virou para si, e apesar de por dentro eu querer rir, a expressão aborrecida dele me fez manter o ar sério que Daniel esperava. — Se tem algo certo que fizemos até agora, foi a nossa garotinha. E não importa quantas etapas pulamos, você entendeu?

A emoção com que ele disse isso fez os meus olhos ficarem marejados. Nos últimos dias eu andava bastante emotiva, e Tessa avisou que o mesmo vinha acontecendo com ela. No caso da minha

amiga, eu acreditava que fosse devido à chegada do seu casamento, mas agora achava que fosse a gravidez nos deixando mais sensíveis. Nosso médico, que era o mesmo, garantiu que por causas dos hormônios isso era normal.

— Além disso — continuou ele, começando a suavizar a expressão —, a Tessa também está grávida e ela vai usar branco, não?

Assenti, lembrando com emoção que no dia da escolha dos vestidos Tessa e Faith haviam me convidado para dar opinião. Segundo Faith, elas não poderiam desperdiçar o olhar crítico de alguém que estivera nas melhores festas e eventos mais badalados. No fim, as duas tinham extremo bom gosto, dentro do estilo de cada uma, e fariam os noivos ficarem ainda mais apaixonados quando as vissem caminhar até o altar.

— Então você também pode, se quiser — afirmou ele com determinação. — Você pode tudo o que quiser, Louise.

— Hum... — Mexi com fingido desinteresse na gravata dele. — Tudo mesmo, Daniel MacDowel?

Os seus olhos, quando capitaram as minhas reais intenções, brilharam como duas chamas, fazendo o desejo dentro de mim aumentar.

— O que quiser. Se pedir a lua, dou um jeito de buscar para você.

— A sua sorte — falei, começando a desfazer o nó com os meus dedos trêmulos — é que o que eu desejo está infinitamente mais perto.

Então nos beijamos, e antes de Daniel começar a me amar com paixão, meus últimos pensamentos foram torcer para que o

vestido não ficasse muito amassado e que eu conseguisse chegar a tempo de ver as noivas passando pelo tapete, mas quando ele me tornou sua, o mundo inteiro sumiu da minha mente.



Eu não amassei tanto assim o vestido, diferente do meu penteado, que teve que ser desfeito, me levando a comparecer à cerimónia de cabelos soltos. Daniel, com um sorriso satisfeito no rosto que ele não sabia tirar, disse que eu estava melhor assim. No entanto, chegamos à casa da avó de Jason antes que as noivas surgissem.

Foi um casamento duplo lindo, do início ao fim. As noivas estavam perfeitas, e os noivos mal conseguiam desviar os olhares

apaixonados delas para receberem os nossos votos de felicidade.

Quando se estava rodeada de pessoas que realmente gostavam de você, tudo ficava perfeito, e assim foi a festa de casamento das meninas. A única coisa que quase colocou uma mancha nesse dia foi o surgimento de um garçom, que na verdade era um paparazzi disfarçado, tentando tirar fotos exclusivas minhas.

O homem tentou fugir ao capturar várias imagens minhas na mesa de doces, mas Daniel, Damon, Jason, Hugh, Craig e até mesmo Gwen foram ferozes em direção ao invasor. As meninas ficaram comigo, tentando me tranquilizar como se não fosse o dia delas que quase foi arruinado por esse evento indesejado.

— Veja, eles estão voltando — anunciou Faith, quando Damon voltou com uma expressão toda convencida e feliz de um guerreiro que havia voltado da guerra vitorioso. — O meu herói.

Aliás, todos eles agiam como se tivessem enfrentado um exército de mafiosos, em vez de apenas um homem com uma câmara na mão. Mas eu já aprendi que em Sta. Anna tudo tem uma proporção maior do que deveria.

— Botamos ele para correr, Louise — disse Damon, inflando o peito ainda mais. — Agora você pode continuar apreciando a nossa festa em paz.

Na verdade, eu não fiquei nem um pouco nervosa. A intenção de manter a minha gravidez o mais discreta possível era para que pudesse ter uma gestação em paz, e não uma perseguida por tabloides, e para dar a Daniel toda a normalidade que a minha vida de celebridade pudesse proporcionar. Esse era um momento especial nosso. E quando eles saíram como soldados em busca de

justiça, só temi que pelo calor do momento alguém viesse a se machucar, e não por causa de algumas fotos.

— Na verdade, quem tirou a câmera dele e apagou a foto foi a Gwen — Daniel disse com um sorriso que não negava o seu orgulho dela. — Sério, eu nunca vi a minha irmã tão brava. Se não fosse Craig, tirando-a de perto do homem borrando as calças, juro que ela iria mandá-lo diretamente para o hospital.

— Bom, se soubesse que ele estaria aqui hoje, nem teria me preocupado em contratar um fotógrafo. Que desperdício de dinheiro — soltou Faith, fazendo todos rirem.

O grupo gradativamente foi se dispersando, e eu procurei Gwen pela festa, vendo-a dançar com ninguém menos que Craig, o meu guarda-costas que hoje estava ainda mais bonito do que já era. Que Daniel nunca viesse a descobrir esse meu pensamento.

— Bom, pelo menos os dois parecem que não vão se esganar

— destacou Daniel, que estava olhando na mesma direção que eu.

— Nos últimos dias eles parecem mais amigos, não acha?

— Sério, amor? — O encarei com incredulidade. — Você não percebeu nada?

Sua expressão confusa me deu a resposta.

— O quê?

— Vem, vamos dançar — Peguei sua mão e o levei para próximo de Gwen e Craig, mas de forma que o casal, que parecia alheio ao mundo, não percebesse nossa presença e nem que estávamos os observando. — Será que de perto você consegue enxergar?

Depois de alguns segundos observando o casal, finalmente a ficha de Daniel caiu.

— Ah... — murmurou ele, fazendo-me rir.

Após ter sua curiosidade sanada, Daniel concentrou toda a sua atenção em mim, nos enviando para nossa própria bolha de amor.

— Foi um belo casamento, não é verdade? — Daniel destacou quando parou o carro em frente ao pub.

— Lindo como eles mereciam — disse, abrindo a boca sem conseguir controlar um bocejo, e continuei passando a mão na barriga. — Mas confesso que estamos um pouco cansados.

— Então vamos para cama, mamãe — ressaltou ele, saindo do carro, e antes que eu conseguisse colocar os meus pés no chão, fui pega em seu colo.

Eu nem o provocaria reafirmando que a gravidez não tinha me transformado em um cristal frágil porque, primeiro, estar nos braços

de Daniel sempre era um grande prazer para mim, e nessa noite estava bastante cansada.

Bem, não cansada o suficiente para tentá-lo com as minhas carícias provocadoras, fazendo com que me amasse cheio de paixão quando chegamos ao quarto.

Agora estava bastante sonolenta, mas havia um assunto que ainda não tínhamos discutido, e comparecer ao casamento me fez pensar nele.

— Daniel, sei que deve gostar muito desse apartamento, principalmente porque tem muitas lembranças do Hendrix — murmurei, passando os dedos em círculos no peito dele. — Mas vamos precisar de uma casa maior para quando o bebê chegar.

Só havia mais um quarto no apartamento, e esse estava sendo ocupado por Gwen.

— Já tinha pensado sobre isso, antes mesmo do Hendrix partir — avisou ele com bastante calma. — E conversei com o seu pai. Ele está disposto a vender a casa onde cresceu para mim, se isso não for aborrecer você. Podemos fazer uma reforma e mudar o que você quiser.

Apesar de todo o passado amargo, a casa não me assombrava, e se a deixássemos com a nossa cara, seria um excelente lugar para os nossos filhos crescerem.

— Podemos reformar o meu antigo quarto e transformar em uma suíte para nós dois? — indaguei, empolgada. — É o único lugar da casa que não quero mudar. Sempre que estava nele me recordava das vezes que você subia pela árvore e pulava a minha janela.

Uma vez o meu pai quase o pegou lá dentro, fazendo Daniel ficar pendurado na janela apenas de cueca.

— Faremos o que você quiser, Louise. — Ele passou a mão no topo da minha cabeça e beijou a minha testa com carinho. — Desde que se sinta feliz.

— Desde que te reencontrei, Daniel, eu só sinto felicidade.

Às vezes discutíamos por coisinhas muito bobas, mas nunca ficamos mais do que um minuto aborrecidos um com o outro. Sim, eu era realmente feliz com Daniel, nessa pequena e acolhedora cidade que me fazia amá-la cada dia mais.

— Sobre o apartamento, penso em deixá-lo para Gwen — avisou ele. — Acho que ela vai gostar de finalmente ter um espaço só para ela.

— Eu penso que é uma ótima ideia.

Gwen merecia isso, e no que dependesse de mim, ela seria imensamente feliz como eu estava sendo ao lado do irmão dela.

Eu até já tinha bancado o cupido.

— Eu te amo, Daniel — murmurei antes de meus olhos começarem a perder a guerra contra o cansaço.

— E eu te amo infinitamente mais, Louise.

EPÍLOGO

Daniel

Eu queria que Louise tivesse um casamento de princesa, como Faith e Tessa, cheio de convidados e decoração deslumbrante, mas parecia que não era com isso que minha noiva, e esposa dentro de alguns minutos, sonhava.

Tudo o que ela queria era que nos casássemos antes da nossa filha nascer. Descobrimos, há alguns meses, que teremos uma linda garotinha, e agora estamos ainda mais ansiosos pela chegada dela.

Então, depois de muita insistência de Louise – uma pequena e fingida inocente chantagem emocional de que não atender ao seu pedido poderia afetar sua gestação – finalmente cedi, e hoje teríamos o nosso casamento no pub, contando apenas com um pequeno e seleto, mas muito especial, número de convidados.

— Meu irmão, se continuar andando assim vai acabar furando o chão.

— Gwen, você tem certeza de que Louise está bem? — indaguei, me dirigindo até a porta mais uma vez. — Ela já deveria ter chegado. Você não deveria estar com ela?

— Daniel, é tradição toda noiva se atrasar um pouco — disse o pai de Louise com toda paciência.

Da família dela, ele seria o único presente. Infelizmente as diferenças entre mãe e filha não foram resolvidas. Eu teria engolido

a presença da mulher, mas Louise afirmou que era melhor ela ficar longe de nós.

— Além disso, Tessa e Faith estão com ela — disse Gwen, tomando a minha atenção para si. — Me incumbiram de cuidar do noivo e garantir que ele não invadissem o apartamento para buscá-la. Vendo você agora, Daniel, acho que elas tinham razão.

— Pega mais leve com o coitado, Gwen — Jason surgiu para me dar apoio moral. — Você não tem ideia de como ficamos nervosos e ansiosos.

Vendo minha honesta expressão de inquietação, minha irmã deu um sorriso gentil.

— E você, amigão. — Jason deu um tapa camarada em meu peito para tentar me tranquilizar. — Louise não vai fugir, ela só está no andar de cima, terminando de se arrumar.

Mal ele tinha pronunciado essas palavras, Faith, que também estava grávida, surgiu na porta dando ordens para que todos ocupassem seus lugares, porque a noiva iria descer.

Um pouco mais aliviado, comecei a seguir para o meu lugar no palco, que foi transformado em altar.

— Não sei como o padre aceitou uma barbaridade dessas — ouvi uma das Damas dos Girassóis dizer à outra, mostrando completamente sua indignação. — Realizar um casamento em um bar? Onde já se viu isso?

Diferente do que a senhora estava falando, o padre não fez qualquer objeção pelo local escolhido. De acordo com ele, após ter dado um pequeno sermão, o importante era estarmos finalmente fazendo o correto aos olhos da igreja.

— É um sacrilégio — respondeu a outra, cochichando, mas não baixo o suficiente para que eu não ouvisse. — Mas deve ser porque, você sabe, comeram o bolo antes do casamento.

Estava prestes a dizer umas boas verdades a essas duas enxeridas, quando a Sra. Jolie tomou a minha frente.

— Pecado são vocês duas não cuidarem das próprias vidas — disse a avó de Jason nos defendendo, e seu olhar cheio de carinho veio para mim. — Louise está linda...

Ao ouvi-la dizer isso, olhei na mesma direção que ela agora encarava e vi surgir, perfeita como só um anjo conseguiria ser. A mulher que desde a primeira vez que vi havia roubado o meu coração.

— E nunca vi Daniel MacDowel tão feliz... — continuou nossa maior defensora, mas eu já não conseguia prestar atenção nela e

nem em como as senhoras reagiam à represália.

Toda a minha atenção, apesar de meus olhos marejados, estava em Louise e em nossa filha, que o vestido branco, simples e lindo, destacava em seu ventre.

O certo e ensaiado seria que eu a aguardasse no altar, mas não fui capaz disso. Quando cheguei diante dela, primeiramente beijei sua testa, demonstrando todo amor que sentia, depois peguei sua mão.

— Você está linda, Louise. E tirando o meu fôlego.

— É melhor que você tenha fôlego suficiente para dizer sim, Daniel — ela disse brincalhona, mas uma lágrima emocionada rolou por sua bochecha. — Não saio daqui sem me tornar a Sra. MacDowel.

— É tudo o que mais desejo, amor. — Levei sua mão trêmula aos meus lábios. — Vamos nos casar.

E com Louise ao meu lado, caminhamos juntos até o altar. E eu fiz questão de demonstrar a cada pessoa presente nessa noite o quanto eu a amava e estava feliz com a chegada da nossa filha. Porque não importava a ordem em que as coisas aconteciam.

A mulher que amava, que sempre amei e iria amar, estava de volta à minha vida triste e solitária. E agora o meu mundo tinha música, calor e cores.



Alguns meses depois

Louise tinha pensado em abandonar a carreira musical, pelo menos os palcos, concentrando-se apenas em compor, mas com o apoio de Frank, ajudei a fazê-la reconsiderar a decisão. Em vez de parar totalmente, para se dedicar ao nosso casamento e à nossa filha, ela apenas diminuiria o ritmo. E foi uma decisão sábia. Louise amava cantar, amava suas apresentações e o calor que recebia do público. E para mim, ela era tão incrível, que poderia dar conta de tudo, como de fato dava.

— Graças a Deus que chegamos — disse ela, praticamente saltando do carro quando estacionei em nossa casa. — Eu não aguentava mais de tanta saudade.

Nós tivemos que viajar para Los Angeles, onde aconteceria uma importante premiação do cinema em que a música de Louise estava concorrendo a um prêmio. Apesar de toda essa badalação,

ter que passar no tapete vermelho, ver e ouvir as pessoas gritando por nós, posar para fotos e dar entrevistas, nunca me senti tão orgulhoso em vê-la brilhar.

Louise nasceu para isso e levava tudo com admirável naturalidade. O fato de ter se casado e se tornado mãe também lhe dava uma segurança e maturidade que todos notavam e elogiavam. Os dias de estrela causando confusão e estampando capas de revistas sensacionalistas, definitivamente, ficaram para trás.

Ela chegou ao quarto de nossa filha, dispensando a babá antes de mim. E só o fato da bebê dormir lindamente em seu berço que fez a sua proteção de mãe falar mais forte e a impediu de pegá-la no colo, angustiadamente se contentando em ajoelhar-se para poder admirar nosso pequeno milagre mais de perto.

— Ela é tão linda, não é, Daniel? — murmurou Louise, passando a ponta dos dedos na bochecha rechonchuda. — E se parece tanto com você.

Em relação aos cabelos escuros e a cor dos olhos, realmente não podíamos negar que Violet tinha puxado a mim, mas os traços bonitos e delicados do rosto eram completamente de Louise. Isso me fazia ficar bem preocupado quando essa juvenzinha começasse a chamar a atenção dos garotos. Bem, eles nem imaginavam o que estaria esperando por eles.

— Sim. É o nosso bebê de Ação de Graças, Daniel.

Relembrei que em nossas conversas Louise sempre afirmava que ela tinha certeza de que a nossa filha tinha sido gerada naquela noite mágica.

— Então... — Vi um pequeno e travesso sorriso começar a surgir em seu rosto. — Claro que eu estava morrendo de saudade da nossa filha e era um dos maiores motivos de querer voltar logo para casa. Mas eu tenho algo para te contar...

— Vamos ter outro bebê — afirmei com tranquilidade.

— Mas... — Seu olhar chocado se fixou em mim. — Como você sabia?

— Percebi os sinais, amor — murmurei, passando a mão em seu ventre ainda liso, mas que abrigava mais um filho nosso. — Eu conheço cada pedacinho de você.

E não era exagero meu, sou tão loucamente apaixonado por essa mulher que pensava conhecê-la mais do que a mim mesmo. Além disso, fazia alguns meses que paramos de nos proteger.

— Está feliz, Louise?

Porque eu estava radiante e contando os minutos para que ela viesse me dar a notícia.

— Muito. Cada dia ao seu lado, ao lado da família que estamos construindo, me faz a mulher mais feliz do mundo.

Declaramos o quanto amávamos um ao outro, como fazíamos todos os dias, e selamos nossa inegável felicidade com um beijo.

Somos Daniel e Louise outra vez.

E agora Daniel, Louise, Violet e quantas crianças viessem para tornar todos os Natais inesquecíveis e as nossas vidas completas.

CONHEÇA OS OUTROS

LIVROS DE NATAL



Um romance de Natal de
ELIZABETH BEZERRA

Tason para sempre





Um romance de Natal de
ELIZABETH BEZERR

Tasom para sempre



Título original: *Jason para Sempre*

Copyright © 2020 Elizabeth Bezerra

Todos os direitos reservados

Revisão inicial: Márcia Leão

Adriana Melo

Ana Rascado

Revisão final: Vânia Nunes

Capa e diagramação: Denis Lenzi

Proibida a reprodução total ou parcial desta obra, seja em meio eletrônico, de fotocópia, gravação, etc, sem a prévia autorização da autora.

Esta é uma obra de ficção. Qualquer semelhança com nomes, pessoas, locais ou fatos, terá sido mera coincidência.

Texto em conformidade com o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

1. Romance Contemporâneo 2. Literatura Nacional 3.
Ficção

ISBN 978-65-89906-13-1

Sobre *trademark*TM: a autora reconhece aos legítimos donos das empresas e marcas citadas nesta ficção o devido crédito, agradecendo o privilégio de citá-los nesta obra pelo grau elevado de importância e credibilidade no mercado.

SINOPSE



Tessa é uma tímida e doce professora de um pequeno vilarejo chamado Sta. Anna.

Sta. Anna é um lugar onde todos se conhecem. E quando próximo ao Natal, Jason, a grande estrela de *football*, retorna ao pitoresco lugar para se recuperar de uma lesão que o colocou fora dos jogos, todo o vilarejo fica em polvorosa.

Jason foi amor de juventude de quase todas as garotas de Sta. Anna, incluindo Tessa. A volta dele a deixa não apenas nervosa, mas temendo reviver um antigo amor não correspondido. Tessa não acredita que a estrela do *football americano*, sempre rodeada de modelos deslumbrantes, olharia para uma simples professora do interior.

Mas, quando por engano, uma foto comprometedor de Tessa é enviada ao grupo da igreja e das velhinhas mais fofas do mundo, ela se vê na mira do furacão, ou melhor, na mira de Jason.

Tessa acreditava que Jason logo voltará à sua vida cheia de glamour e ela não tinha qualquer intenção de abandonar o que sempre fora seu doce e seguro lar.

Mas, queria o destino, com uma encantadora e inesquecível surpresa, mudar tudo isso?

Tessa tem outro segredo e sabe que não conseguirá mantê-lo escondido de Jason e de toda cidade bisbilhoteira por muito tempo.

Porque Jason seria para sempre, e a noite de Natal, inesquecível.

PLAYLIST

Você pode encontrar a Playlist do livro no Youtube ou Spotify.

Last Christmas – Wham

All I Want for Christmas Is You – Mariah Carey

Santa Tell Me – Ariana Grande

Driving Home For Christmas – Chris Rea

Mary, Did You Know? – Pentatonix

Heaven and Nature Sing – Andra

O Holy Night – Mariah Carey

Jingle Bells– Gwen Stefani

Feliz Navidad - Michaël Bublé ft Thalía

Blue Christmas - Michaël Bublé

PRÓLOGO



Sete anos antes

Não sou boa em me relacionar com as pessoas, fico nervosa e apavorada sempre que tenho que interagir com elas, principalmente, desconhecidos. Todas as vezes que tento, incentivada pela curiosidade ou insistência de alguém próximo a mim, um verdadeiro desastre acontece, como quando aos sete anos fui dar parabéns a Louise Hale, a filha do prefeito da cidade, e de forma inexplicável consegui com que ela caísse de cara no seu lindo bolo de aniversário de três andares. Ou quando, de alguma forma, consegui enganchar minha presilha de cabelos na saia da beata mais fervorosa da cidade e a deixei praticamente apenas de calcinha na saída da igreja.

Como todos esses pequenos desastres acontecem comigo?

Eu não faço a mínima ideia, apenas sei que: Eles acontecem!

Definitivamente, pessoas e Tessa Bale deveriam ficar a alguns metros de distância, quilômetros, se possível.

Não é à toa que minha amiga mais próxima seja Faith Tempest. Nossas mães são amigas de infância e planejaram todas as suas mais importantes experiências juntas: viagem de formatura, noivados, casamentos e, claro, todas as gestações. Por isso, era de esperar que Faith se tornasse a minha melhor amiga desde o nosso nascimento.

Até os meus quatorze anos, eu acreditava que acabaria como a Sra. Jolie, ou *A Estranha Dos Gatos*, como todos realmente se referem à senhora de 86 anos, com estilo hippie, que vive em um antigo casarão entre a escola e a igreja, cercada de seus adoráveis bichinhos, plantas e cristais.

Porque com os animais, eu consigo conviver muito bem. Animais e crianças, com essas eu também não tenho muitos problemas.

A minha primeira e única esperança de que não teria o mesmo destino da Sra. Jolie, aconteceu há um pouco mais de dois anos quando vi surgir, no refeitório da escola, o garoto mais incrível e perfeito que os meus inocentes olhos juvenis já avistaram.

Ele tinha espessos cabelos pretos rebeldes, caindo na testa, que ele não parecia ter preocupação nenhuma em ajeitar. Os olhos, uma mistura impressionante de marrom e verde. Lábios vermelhos como uma maçã suculenta, rosto que lembrava um dos garotos bonitos do seriado preferido de minha irmã mais velha. E tudo isso desfilando dentro de uma jaqueta nas cores vermelho, azul e branco, maior do que seu tronco e braços, que ele também parecia ignorar, e jeans surrados.

Jason Cash, que descobri mais tarde ser o único neto da Sra. Jolie, *A Estranha Dos Gatos*, me fez imaginar, pela primeira vez, o

que eu realmente desejava para o meu futuro. Uma casa bonita de cercas amarelas, dois cachorros e três ou quatro lindos bebezinhos.

Certo. Eu era uma jovem romântica precoce, mas com uma mãe e sua amiga maluca planejando cada detalhe de suas vidas perfeitas, antecipadamente e nos mínimos detalhes, o que as pessoas poderiam esperar de mim?

É claro que o garoto novo e que em breve se tornaria o mais popular da escola e do vilarejo, não percebeu a garota de tranças e óculos, sentada sozinha no canto do refeitório, babando por ele. Para os meus tristes e decepcionados olhos, Jason rapidamente foi atraído pela linda e encantadora Louise Hale e sua turma dos populares.

E foi assim que aquela menina tola de quatorze anos viu seu coração começar a bater mais forte sempre que Jason Cash estava por perto. Sem ter coragem para qualquer iniciativa ou aproximação. Jason era para mim como a grande e redonda lua em uma noite límpida, e eu, apenas mais uma das milhares de estrelas orbitando à sua volta. No mais puro silêncio.

Agora, ele está indo embora, logo após o baile de formatura. O garoto mais lindo, talentoso e perfeito que Sta. Anna já conheceu, seguirá para se tornar uma grande estrela de *football* americano.

Eu deveria estar me aprontando para o baile, como as garotas normais do colégio, fazendo cabelo, maquiagem, provando um lindo vestido, na esperança que Jason me notasse, pelo menos uma vez. Mas não, embarquei em mais uma das aventuras malucas de Faith.

Quando a vi chegar mostrando a garrafa de vodca, embalada em um saco escuro, que ela tinha roubado do quarto do irmão,

deveria ter escutado a minha voz da razão que avisava que essa não era uma boa ideia.

Não, eu tinha escutado o longo discurso de Faith avisando que eu tinha bancado a garota perfeita por tempo demais e que uma vez na vida deveria fazer algo maluco.

Então, um par de horas depois, um pouco aérea por termos consumido mais da metade da garrafa de vodca, que nesse momento encontrava-se escondida em minha mochila para que ninguém nos descobrisse, segui minha amiga maluca à nossa aventura secreta, pronta a cometer uma das maiores loucuras que já fiz e que, provavelmente, se tornara a pior decisão da minha vida,

— Faith, você tem mesmo certeza que isso será uma boa ideia? — indago nervosa e aceito ainda em dúvida mais um gole de coragem que ela me ofereceu.

— Claro que sim, o Jason irá amar — seus olhos castanhos já naturalmente sagazes brilhavam ainda mais com ajuda da bebida — Duvido que alguma garota já tenha feito algo assim por ele.

Em nossa mente romântica e sonhadora, para dizer a verdade, na minha — Faith está aqui apenas pela aventura — eu imaginava Jason finalmente descobrindo meu amor por ele e que também nutria esse sentimento incrível por mim. E nesses sonhos, eu o via retornar todos os verões a Sta. Anna, prometendo que quando se tornasse um jogador profissional de sucesso em um grande time, me presentearia com um lindo anel antes de me propor casamento.

Sim, durante os últimos anos, ele tivera um número incontável de garotas levitando ao redor dele, mas nenhuma delas o amou ou ainda ama como eu, e nem fariam o que eu estava disposta a fazer por ele.

Quando eu acordar sã no dia seguinte, provavelmente culparei a bebida, mas sendo sincera comigo, teria feito isso mesmo completamente ciente de mim. Porque Jason estava indo embora, mas eu queria uma parte dele comigo. Porque o meu coração seria do Jason.

Para sempre.

CAPÍTULO 1



Dias atuais

Sta. Anna é um pequeno vilarejo com um pouco mais de 2 mil habitantes, conhecido por montanhas imperiosas, ao norte, e veias do rio Lee cortando suas ruas estreitas. Foi aqui que nasci, cresci e tenho vivido.

Aos vinte e dois anos, formei-me como educadora infantil e tenho exercido a profissão em nossa única escola para crianças, até os meus atuais vinte e quatro anos.

Como nunca tive qualquer intenção de deixar minha terra natal e encarar o mundo como muitos dos jovens nascidos em Sta. Anna faziam, tive apenas três prováveis opções de futuros promissores: aceitar o convite de Faith e ajudá-la na floricultura de sua família, mas além de ainda não ser boa em lidar com as pessoas, mesmo tendo um balcão nos separando, também sou alérgica à maioria dos tipos de flores; formar-me em veterinária, ajudar e futuramente ocupar o lugar do Sr. Smith, mas a ideia de sangue e qualquer outro tipo de ferimentos nos inocentes bichinhos me colocava apavorada; ou, minha decisão final, cercar-me das crianças, pois, ao que venho

acreditando a cada ano que passa, será a minha única oportunidade de ficar com elas.

Ser professora é maravilhoso e sinto-me bem ao acreditar que posso contribuir para que esses pequenos se tornem jovens empenhados e capazes de transformar esse mundo em algo melhor.

Então, apesar de ter uma vida romântica inexistente e sonhos românticos, tantos meus como da minha mãe, fracassados, posso afirmar que sou uma pessoa feliz. Tenho os meus pequenos anjinhos que mantêm animadas as minhas manhãs de trabalho. Um gato, prometi a mim mesmo e a Faith que não passaria disso, e tenho o privilégio de morar em um dos lugares mais lindos e tranquilos do mundo, com uma comunidade unida e acolhedora.

E foi listando todos os motivos que devia fazer de mim uma pessoa feliz que entrei na floricultura de Faith para nosso chá de todas as quintas-feiras.

Os sinos tocam assim que entro e minha amiga me dá um sorriso agradecido ao me ver chegar, embora eu não tenha feito nada mais do que isso, passado pela porta.

Meu destino é a pequena copa que tem atrás do longo balcão coberto de ramalhetes e vasos de plantas, antes que algumas flores comesçassem a me fazer espirrar.

Pretendia passar rápido e despercebida por Christina Hudson, que mantinha com animação a atenção de Faith.

— Girassóis, ouviu bem, querida — ouço a Sra. Hudson dizer a Faith — Os mais bonitos e encantadores que você encontrar. Não é todo dia que temos o prazer de contar com presença tão ilustre.

A Sra. Hudson foi nossa professora na escola infantil, de nossas mães antes disso e de grande parte dos jovens adultos do

vilarejo. Atualmente, ela ocupa o cargo de organizadora de eventos da escola, que os torna muitas vezes engraçados e relativamente agitados, devido a alguns pequenos deslizes ocorridos pela sua falta de memória devido à idade avançada. Mas em Sta. Anna, idosos, mesmo após sua aposentadoria, são incentivados a continuar a exercer algum tipo de atividade. Por isso, ninguém nunca se irritava ou perdia a paciência com a encantadora e atrapalhada senhora. Nós a ajudamos sempre que se encontrava perdida, e de uma forma que não impactasse em sua autoestima.

— Vocês não eram íntimos? — indagou ela no exato momento que eu levantava a porta do balcão — Acho que tinha uma paixonite por ele antes de se envolver com seu melhor amigo.

— Sra. Hudson, acho que todas tinham uma paixonite por ele — iniciou Faith com amabilidade e paciência, mas seus olhos cautelosos buscavam os meus — Mas garanto que não me figurava nessa lista.

Ouvi o bufar da tagarela idosa por seu equívoco, antes de rapidamente acompanhar o olhar de Faith em direção a mim.

— Ah, claro. Agora me recordo bem. Você... — ela apontou um dedo para Faith — Tinha uma queda por Damon e aquela ali... — tanto o seu dedo em riste como a revigorada Sra. Hudson por lembranças passadas vieram em minha direção — Sim, Tessa que suspirava de amores por nosso menino Jason.

Em um lugar pacato como Sta. Anna, onde a criminalidade era zero e o evento mais importante eram os jogos estudantis ou campanhas políticas, a vida familiar e amorosa de seus habitantes tornavam-se geralmente as únicas coisas a comentar. Atrelado ao fato de que a Sra. Hudson, desde o falecimento do Sr. Hudson há

alguns anos, tornara-se membro ativo do comitê das Damas dos Girassóis, criado por beatas fervorosas da igreja do vilarejo, há cerca de três centenas de anos.

Nada, nem ninguém, independente da idade, passava despercebido pelas senhorinhas mais curiosas, bisbilhoteiras e fofoqueiras que o mundo já viu.

— Como se sente, querida, com o filho pródigo voltando ao lar?

Neste momento?

Prestes a ter um colapso e desmaiar.

Jason não representava exatamente a ovelha perdida voltando ao lar. Ele nem pertencia a Sta. Anna. Não era nascido aqui como eu, Faith e tantos outros que chegaram a partir e retornar. Mas Jason era o tipo de pessoa que não importava o tempo que ficasse, marcava tanto as pessoas como o lugar por onde passava.

Para alguns moradores, ou a maioria deles, Jason sempre seria o menino de ouro de Sta. Anna, que ganhara o mundo ao se tornar uma grande estrela de *football*, além do amado neto da estranha Sra. Jolie.

— Eu... ham... acho que... — meu gaguejar e total incapacidade de revelar como realmente me sinto foram salvos por um estrondoso espirro, seguido por outros, descontrolados.

Nunca me senti tão aliviada do efeito que as flores de Faith causavam em mim.

— Alergia! — Faith gritou por cima de meus espirros — Desculpe, Sra. Hudson, mas tenho que tirá-la daqui. As flores e o cartão serão entregues amanhã como me pediu.

Em vez de seguirmos para a saída onde vejo Faith colocar a placa decorada com rosas pintadas à mão, avisando do fechamento, entramos na porta ao lado que nos leva ao seu apartamento em cima da floricultura.

— Ok. Você tem o seu antialérgico dentro da bolsa, correto?
— Investigou ela já abrindo e procurando o vidro entre as minhas coisas sem que me desse tempo entre os espirros de responder —
Aqui.

Engoli um comprimido antes que ela fosse até a pia e retornasse com um copo de água. Levava cerca de dez a quinze minutos para o medicamento começar a fazer efeito. E enquanto ia buscando respirar melhor e conseguindo me controlar, Faith perambulava pela cozinha buscando os utensílios para o chá.

Embora uma boa e fumegante xícara seja convidativa e desejada, podia perceber que, na verdade, ela ganhava tempo e preparava mentalmente um discurso para se defender.

— Jason Cash está de volta a Sta. Anna — afirmo com olhos acusadores quando ela se aproxima da mesa — Desde quando sabia disso e exatamente quando iria me contar?

— Bom, ele só chega mesmo amanhã e... — ela me dá um sorriso culpado.

— Faith!

— Certo. Hum, fiquei sabendo no fim de semana.

— No fim de semana? — indaguei chocada.

Estendi meu braço sobre a mesa, colocando ao lado dela. Fizemos juntas uma tatuagem no pulso que, quando unidos, formava o infinito. É isso que nossa amizade significa para nós, especial e eterna.

Amigas não mentem.

Faith sabia do meu segredo mais íntimo e eu acompanhava tudo de seus altos e baixos de seu relacionamento com Damon. Nunca existira segredo entre a gente, até agora. Jason Cash mal colocara seus pés de volta a Sta. Anna e já virava a minha vida de cabeça para baixo, levando a minha melhor amiga a mentir para mim.

— Damon disse que era segredo. Jason exigiu isso dele. Não queria que sua chegada causasse mais alarde do que o previsto — Faith me entregou um dos seus enormes e expressivos olhares castanhos arrependidos, que sabia que ao usar essa tática de cachorrinho pidão, não me manteria zangada com ela — Vamos lá, Tess, está mais para omitir um pequeno detalhe do que realmente mentir.

Não é isso que meu coração, ainda acelerado por descobrir de forma repentina que Jason está a caminho do vilarejo, está sentindo.

— Mesmo depois de tanto tempo — Faith virou o braço sobre a mesa e cobriu a minha mão com a sua — Ainda sente algo por ele?

Durante todos os anos que se seguiram a partida de Jason, evitei qualquer assunto que pudesse estar ligado a ele e suas conquistas dentro do esporte. Cheguei até mesmo a afirmar que não gostava da violência que o *football* trazia, e nem mesmo aos jogos mais importantes para os alunos de Damon eu ousava assistir. Isso porque, de alguma forma, o nome Jason era sempre citado.

— Eu não sei, Faith. Eu era uma menina quando ele foi embora.

— Só não queria que você pirasse antes do tempo.

O que me recuso a confessar acontece neste exato momento.

— E eu queria ter tido tempo de me preparar.

Quer dizer, sete anos haviam se passado desde que Jason partira em busca de seus sonhos. O que realmente ainda sinto por ele? Devo agir como se nada tivesse acontecido, embora para ele realmente nada aconteceu?

Ele fora apenas uma ilusão juvenil da qual eu deveria estar completamente curada.

— Tudo bem. Jason está de volta, ficará uns dias e irá embora tão rápido quanto da primeira vez — respiro fundo e abro um sorriso, que pelo olhar pesaroso que ela me dá, está sendo confiante apenas para mim — Não há com o que se preocupar, Faith. Está tudo bem.

Ficaria tudo bem.

Oh, meu Deus!

Jason Cash está não apenas de volta a Sta. Anna. Ele nunca saía da minha vida.

Mais do que nunca, eu não posso permitir que ele ou qualquer pessoa do vilarejo, além de Faith, descubra o que eu tinha feito.

CAPÍTULO 2



É realmente muito difícil tentar ignorar a existência de uma pessoa quando todos à nossa volta falam dela. Eu ouvi o nome de Jason essa manhã mais do que em todos os últimos sete anos juntos. Os pais conversavam sobre o visitante ao deixarem seus filhos na escola. Os professores levantaram o tema como pauta ao nos reunirmos na sala principal para organizar as atividades do dia. Até os alunos repercutiram o assunto por horas seguidas.

Jason seria a primeira estrela esportiva que frequentemente aparece na TV e jornais que eles iriam conhecer. E não havia diferença entre homens, mulheres e crianças, todos exibiam a mesma alegria e motivação com a volta do ídolo. Afinal, a grande estrela de Sta. Anna pertencia a um dos 32 times mais importantes da NFL^[1], e que haviam sido campeões do último Super Bowl^[2], levando o Vince^[3] para casa.

Todos estavam animados com a chegada dele. *Exceto eu.*

Sendo assim, quando ouvi o sinal tocar, indicando o final da última aula da semana, e os gritos empolgados das crianças e adolescentes, que fizeram presença no longo corredor, rapidamente recolho os meus materiais de trabalho, as atividades dos alunos

para avaliação no fim de semana, junto com todos os presentes — em forma de desenhos, flores colhidas em algum jardim a caminho da escola e as balas de caramelos recebidas das crianças mais amorosas que tive o prazer de conhecer — tendo um único pensamento em mente, partir daqui o mais rápido possível, sem que qualquer pessoa perceba.

Eu estava fugindo, admito isso. Mas essa é a única maneira que consegui pensar, durante toda a minha longa noite de insônia, para manter o meu coração a salvo de ser destruído por Jason Cash mais uma vez.

O que os olhos não veem, o coração não sente, e eu pretendo evitar ver ou ouvir falar na grande estrela do *football* pelo máximo de tempo que eu conseguisse. Se possível, até que ele enxergasse novamente que o encantador vilarejo de Sta. Anna continuava exatamente igual ao que ele tinha deixado há sete anos e decidisse voltar para a sua agitada vida na cidade grande.

Mas parece que o destino, ou melhor dizendo, a Sra. Hudson, tem planos bem diferentes para mim. Ela surgiu mais rápido e estrondosa que os raios, que as nuvens escuras acumulando no céu escuro, indicavam surgir em breve.

— Tessa Bale, ainda bem que continua por aqui — a pausa era suficiente para que ela se recuperasse da corrida até aqui e que eu percebesse que não vou gostar nada do que tem a me dizer — Toda essa manhã fugiu do meu controle. O diretor disse apenas os professores, alguns alunos e funcionários na quadra de basquete. *Você pode fazer isso, Hudson?* O que eu disse?

Antes que eu pensasse mover os meus lábios para qualquer tentativa de resposta, a Sra. Hudson respondeu a própria pergunta

por mim.

— Eu disse que sim. Claro que eu disse que sim. Afinal, esse é o meu trabalho, mas... — ela levou a mão ao peito em uma reação extremamente dramática, e só não ri por devido respeito e porque minha meta ainda era escapar assim que fosse liberada de seu monólogo — Como eu poderia imaginar que o vilarejo em peso decidiria vir? E como poderia dizer não a cada rosto empolgado em rever Jason Cash? Como poderia imaginar, é realmente insuficiente para mais de mil pessoas e elas continuam chegando.

— Tudo bem, Sra. Hudson, apenas respire — sugiro a ela enquanto passo suavemente as mãos por seus ombros — Já pensou no campo de *football*? Há arquibancada e podemos levar algumas cadeiras para a pista de atletismo.

— Foi o que Damon sugeriu antes de sair com o diretor para buscar o convidado ilustre — continuou ela como uma metralhadora ambulante — O professor Mike e Pat, da manutenção, estão providenciando isso. Mas está tendo um certo probleminha em relocar quem já chegou para o novo lugar. Terry Lamber teve um pequeno acidente com os saltos ao tentar fazer isso e foi levada para o posto médico por Clive Seligton. Bom, era ela que faria o discurso de boas-vindas a Jason.

Ao que eu me lembro, Terry Lamber foi uma das muitas jovens a se encantar por Jason e eles tinham saído algumas vezes, mas ela acabara se apaixonando por Mike, o professor de matemática, um ano após a partida de Jason, se casaram alguns meses depois e, agora, têm um filho de dois anos.

Se alguém além de Faith, que sempre foi apaixonada por Damon, tinha imunidade a Jason era Terry. O discurso dela seria

profissional e motivador.

— Bem, você ainda pode contar com Damon e o próprio diretor.

— Querida.... — ela fez uma pausa enquanto dirigia a mim seus olhos esbugalhados, que indicavam que essa não fora uma boa sugestão — está mesmo sugerindo Damon Black como orador para essa tarde?

Não foi uma ideia muito boa. O talento que Damon tem como professor de educação física e habilidade como técnico do nosso time juvenil de *football*, lhe faltava como palestrante. A última vez que se aventurara a um discurso, o diretor fora pego roncando e a gafe só não se tornara ainda pior, porque boa parte dos ouvintes também dormia ou lutava contra o sono que o longo discurso dele causara a todos.

— Ah, e antes que sugira o diretor Flint, parece que está tendo sérios problemas estomacais. Ele foi categórico em dizer que eu resolvesse o assunto.

Bom, a Sra. Hudson estava mesmo em uma grande encruzilhada, o corpo docente da escola de Sta. Anna não contava com um grande número de profissionais.

— A senhora pode fazer isso — sugiro empolgada — Como nos velhos tempos, lembra?

Ensino aos meus alunos que pessoas ensinam os outros. A Sra. Hudson e lembranças que tenho dela na sala de aula, ajudaram-me a escolher a profissão que amo e exerço hoje. Com certeza, ela teria belas palavras para dedicar ao garoto de ouro.

— Oh, querida, isso foi muito doce de sua parte, mas — ela bateu no canto da testa com o indicador — A minha cabeça já não é

mais a mesma, com toda certeza me perderia no meio do discurso. Além disso, não trouxe os meus óculos. Deixei em algum lugar da cozinha essa manhã. Ou teria sido ontem à noite, quando dormi no sofá vendo aquele programa de música que gosto? Talvez tenha sido quando acordei e achei que não faria mal algum ler um pouco na cama. É bem possível que tenha esquecido no banheiro quando fui limpar...

A minha mãe sempre diz que não adianta fugir do que está bem em frente ao nosso nariz. Com todas as opções da Sra. Hudson sendo riscadas, não me resta mais dúvida de quem ela escolhera para socorrê-la ao entrar alarmada na sala de aula.

Eu, a última pessoa no mundo que deseja rever ou falar com Jason. Essa é a conclusão a que chego de toda conversa esquisita com a Sra. Hudson. Eu detestava Jason Cash, não importava o quanto acreditei tê-lo amado no passado.

Por que seu retorno a Sta. Anna não poderia ser normal, como qualquer ex-morador daqui?

Por exemplo, a minha irmã, Nora, e seu marido, Phil, que vêm de Chicago para nos visitar todos os anos durante o Natal. Os dois trazem presentes, reveem algumas pessoas e vão embora na mesma paz e tranquilidade com que costumam chegar.

Não, Jason Cash é como um furacão. Precisa causar comoção e transformar o pacífico vilarejo em uma grande confusão com sua presença. Não foi suficiente fazer isso em toda a minha adolescência?

— Querida, é a única que pode nos ajudar nesse momento — e o que eu temia é revelado, sendo o suficiente para colocar as minhas pernas bambas, fazendo-me retroceder e desabar em minha

cadeira, exibindo um olhar aterrorizado — Seu discurso na formação do fundamental foi memorável.

Tento alinhar o que a Sra. Hudson me fala com minha mente dizendo que teria que ver Jason, estar ao lado dele, assim como dedicar um discurso empolgado e acolhedor.

— Mas... eu... eu só tinha apenas...

— Tenho certeza de que será perfeita como tudo o que faz — a Sra. Hudson tomou como aceitação meu balbuciar gaguejado, que para mim apenas mostrava como eu não era a escolha perfeita como ela acredita, e seguiu com sua falação animada — Sabia que iria me socorrer.

Ver Jason.

Falar sobre ele.

Receber o sorriso perfeito destruidor de corações.

Com toda certeza não!

— Espere! — gritei antes que a simpática, mas ardilosa senhora sumisse ao atravessar a porta — Não posso fazer isso, Sra. Hudson.

Velhinhos com seus cabelos brancos e bochechas rosadas geralmente nos fazem desejar agarrá-los e apertar suas bochechas, bom, a invocada senhora me encarando com severidade me provocava o oposto.

— Por que não? Você tem algo contra Jason Cash que eu não saiba, minha jovem?

Tirando o fato que sua indiferença comigo fez com que meu coração se partisse inúmeras vezes?

Mas não posso atribuir essa culpa a Jason. Eu nunca fui direta com ele sobre os meus sentimentos, preferindo suspirar por cada

respiração sua à distância.

— Não, mas... — tento pensar rápido e encontrar alguma justificativa convincente — As flores. Recorda-se das flores. Temos que entregá-las ao Jason e sou alérgica a elas.

Abro um sorriso aliviado, mas o tranquilo que a Sra. Hudson me dá faz o meu rapidamente findar.

— Não se preocupe quanto a isso. Faith ainda não chegou com elas e poderá fazer essa gentileza no seu lugar — o toque gentil em minha bochecha foi a confirmação de minha vergonhosa derrota — Vejo-a em meia hora no campo.

Arrastei-me de volta à minha cadeira como um condenado em direção à execução.

Boa parte da minha existência foi vivida de forma pacata, bem organizada e previsível. Exceto os momentos que envolveram Jason. Ele era o extremo oposto de tudo isso.

Agora, encontro-me aqui, mais uma vez prevendo ser arrastada por suas águas turbulentas, prometendo alvoroço e insanidade para a minha via.



Uma pessoa sensata teria usufruído dos trinta minutos que a Sra. Hudson “gentilmente” ofereceu, para criar um discurso digno, que todos os moradores do vilarejo esperavam Jason receber.

Eu passei 75% deles me lamentando e sentindo pena de mim mesma, os outros 25%, forcei minha mente a buscar uma saída criativa que tirasse essa pequena bomba de minhas mãos.

O alerta do telefone não apenas me faz assustar, pulando da cadeira, como informa a mensagem que acabei de receber.

“Tessa Bale, onde você está?”

Eu gostaria de estar no Alasca ou no Polo Norte enfrentando um urso furioso, limpando canhões do exército ou servindo de cobaia para alguma experiência maluca. Qualquer uma das opções me assustavam menos, do que sempre temi, ter novamente Jason Cash diante de mim.

Envio uma mensagem a Sra. Hudson alertando que estou a caminho. A cada passo que dou, sinto que os corredores se afinilam e ficam menores.

Um passo e uma batida forte do meu coração. Como se juntos dançassem uma valsa.

Tum Dum. Tum Dum.

Os meus passos arrastados, as batidas agitadas do meu coração que acreditei poder ouvir, minha respiração acelerada, todos os sons foram encobertos pelos ruídos empolgados das pessoas nas arquibancadas e cadeiras espalhadas na pista.

— Por aqui, querida — a Sra. Hudson surgiu diante de mim e usou suas mãos gentis para me conduzir em direção ao palco.

Reconheci algumas pessoas enquanto avançava, o diretor Flint encolhido numa cadeira, carregando como bote salva-vidas uma garrafa d’água. Mike dando atenção à esposa que mantinha o tornozelo machucado sobre um banco que ele trouxe provavelmente da sala de teatro. Clive Seligton e Pat fazendo todo o possível para manter os mais agitados em seus devidos lugares.

Avistei rostos familiares que, por alguns instantes, fizeram ressurgir em mim a confiança e fé que tudo ficará bem. *Posso fazer*

isso. Jason deixaria apenas mais uma lembrança, como tantas outras que ficaram guardadas comigo quando ele foi embora.

— O microfone é todo seu.

Muito bem, Tessa. Você consegue.

Enquanto subia três degraus, seguia afirmando a mim que qualquer pessoa que encarava uma sala de aula com personalidades diversas e em desenvolvimento, poderia tranquilamente lidar com uma pequena multidão e uma celebridade esportiva que a cada passo que dava em direção a nós, os faziam ficarem ainda mais agitados com sua ilustre presença.

Eles viam o Jason, prodígio do *football* que ajudara o time juvenil da cidade a ganhar seus primeiros troféus. O jogador brilhante da NFL que afirmava, a cada entrevista que dava, que sua cidade natal era um pitoresco vilarejo chamado Sta. Anna, mesmo não tendo nascido aqui. Jason trazia orgulho aos mais velhos e fazia nascer a esperança nos mais novos.

Mas eu...

A cada centímetro que Jason encurtava entre nós dois, eu via aquele jovem de cabelos escuros ainda rebeldes, caindo na testa, mas, desta vez, de uma forma absurdamente sexy e atraente. O garoto de bonitos e expressivos olhos em tons de castanho e verde. Os lábios que eu ainda desejo beijar e, provavelmente, metade da população feminina. Até a jaqueta antiga era a mesma, mas que, agora, moldava perfeitamente o seu corpo coberto de músculos.

Não restava dúvida que aquele jovem do passado deixara uma marca em mim, mas o Jason de hoje, esse é absurdamente mais atraente, possuindo um sorriso ainda mais destruidor do que nunca.

De alguma forma me obrigo a sair do transe que sua presença marcante causa em mim e pigarreio recordando do microfone colocado em minhas mãos pela Sra. Hudson.

— Jason Cash... hum... — encaro disfarçadamente a folha em branco e noto as gotas grossas molhando sua superfície — Sta. Anna está feliz em recebê-lo de volta.

Poderiam ser as minhas lágrimas manchando o papel, pois eu certamente continha o suficiente acumulando em meus olhos, mas era da inesperada tempestade.

— E quanto a você, Tessa Bale? — sua voz potente facilmente pode ser comparada a um trovão riscando o céu, pelo menos comigo, causava essa reação poderosa — Está feliz em me ver?

Feliz. Encantada. Atordoada.

Essas emoções vão causando caos dentro de mim tanto quanto a tempestade cada vez mais forte desabando sobre nós.

Desta vez, os gritos e agitação à nossa volta não eram provocadas pela grande estrela de *football* que Sta. Anna ansiava ver. As pessoas corriam e fugiam em busca de abrigo, mas Jason e eu continuamos parados no mesmo lugar com a chuva tórrida caindo em nossas cabeças.

Eu deveria ter entregado o melhor, mais memorável discurso em homenagem a ele, mas o que seus olhos estreitados e sorriso desafiador de alguma forma me avisavam era que para Jason apenas a resposta de uma pessoa em especial lhe interessava.

A minha.

CAPÍTULO 3



Se eu estava feliz em revê-lo? Bem, se eu for deixar que a pergunta seja respondida pelo meu coração, a resposta seria um gigantesco *sim*. Com uma placa neon brilhando em meu peito e milhares de confetes caindo sobre nós, ao invés desse temporal.

— O que me deixaria feliz, Jason Cash? — gritei o mais alto que pude para conseguir que minha voz se destacasse — É fugir dessa chuva o mais rápido que conseguir.

Na verdade, ir para o mais longe que conseguisse de Jason. Escapar do que seus olhos persistentes e intensos causam em mim. Retomar o controle das minhas emoções que ele faz uma verdadeira bagunça apenas com sua presença marcante.

Que homem conseguia ficar tão lindo quanto ele debaixo de um aguaceiro?

Seus cabelos caem molhados sobre a sua testa de uma forma muito sexy, que me faz desejar esticar minhas mãos trêmulas e afundar os dedos entre eles. A blusa branca, começando a ficar encharcada, me dá uma prévia do peito largo e musculoso, enquanto o jeans justo revela pernas de atleta bem torneadas.

O conjunto de tudo seria suficiente para fazer qualquer garota derreter, mas em mim, causa um efeito ainda maior. Sinto como se

fosse atingida por um dos raios que cruzaram entre as nuvens, como se uma corrente com alta carga elétrica se espalhasse por meu corpo. E isso porque Jason nem ao menos tinha me tocado.

Perigo! Jason Cash foi um perigo no passado e, agora, representava uma catástrofe ainda maior do que cheguei a imaginar.

— Vem comigo! — Ele berrou debaixo da chuva, e antes mesmo que eu pudesse pensar em refutar o seu toque, sua grande e calorosa mão buscou a minha, e tomada por meu estarrecimento, não me dava nenhuma alternativa, além de, confusa, permitir-me ser guiada por ele.

Diferente da maioria das pessoas em busca de abrigo, nosso destino não era o estacionamento da escola ou o interior do ginásio. Jason nos carrega para o outro lado do campo, para a antiga construção de madeira.

O local é usado para guardar equipamentos esportivos ou outros materiais arquivados pela escola. No passado, penso que possivelmente ainda hoje, serve como sede não-oficial dos garotos do time de *football*.

Faith e eu algumas vezes invadimos secretamente o clube privado. Ela para descobrir o que faziam e, assim, coletar informações importantes que a ajudassem a perturbar ou se vingar de algo com Damon. Bom, eu apenas usava as loucuras dela como mais uma das poucas oportunidades de estar perto de Jason, como a tola menina apaixonada.

— Espere um segundo, Tessa — pede Jason virando-se para mim, nossos corpos se batem contra o outro quando atravessamos quase correndo a porta de madeira — Opa! Peguei você.

O cômodo está na mais completa escuridão. O que de certa forma é ótimo, pois impede que Jason consiga ver minhas bochechas ficando vermelhas e as brotoejas que já começam a surgir em meu pescoço.

Sempre que fico nervosa, essas malditas bolinhas começam a aparecer. Tudo isso é efeito Jason. E não ajuda em nada suas mãos estarem pousadas em minha cintura, aumentando ainda mais o calor que corre como lava sobre o meu corpo, enquanto ele me puxa ainda mais para perto dele.

— Você está bem, *Miss Brush*?

Jason se lembrava disso? De todas as coisas para se recordar sobre mim, tinha que ser justamente o apelido que me deu em sua segunda semana como o mais novo morador de Sta. Anna?

Os pincéis, telas e tintas são para mim o que a casa exótica e seus gatos travessos são para a vovó Jolie.

— O quê? — sussurro ou prefiro acreditar que tenha sido um sussurro, em vez de um ronronar vergonhoso, causado pelo toque dos seus dedos, brincando no tecido do vestido me cobrindo — Se lembra disso?

— Eu lembro de muitas coisas, Bale.

Com pesar, sinto a mão carinhosa abandonar o meu corpo e os passos de Jason quebram o silêncio que seguiu a sua confissão. Outro ruído sucedeu, seguido de um clique e uma claridade que me faz fechar os olhos por alguns segundos.

Quando meus olhos finalmente se acostumam à luz, faço exatamente como Jason, olhando à nossa volta.

Há muitas caixas, algumas rotulando utensílios esportivos e outras apenas largadas, parecendo esquecidas em algum canto.

Também há um quadro negro empoeirado em uma parede nos fundos da sala. Uma mesa antiga e retangular a alguns centímetros à frente dela, duas cadeiras velhas e caixas ao redor, servindo como banco.

Jason deu um pequeno chute com o pé em uma garrafa de cerveja esquecida por ali e depois pegou uma Duke^[4] que estava em um dos armários de ferro.

— Ficaria impressionada com todas as coisas que consigo lembrar, Tessa — ao encarar seus olhos fixos nos meus, consigo enxergar uma espécie de nostalgia que me toma também — Como você e Faith nos vigiando daquele buraco atrás do armário.

Este é um daqueles momentos que, em vez da chuva ainda caindo lá fora, desejo que um grande meteoro caía sobre a Terra, abrindo uma enorme cratera onde eu poderei me enfiar.

— Você sabia disso? — indago envergonhada esfregando os meus braços.

Não por causa do meu vestido marrom ensopado. Estou estarecida que Jason saiba mais uma coisa constrangedora sobre mim.

— Damon me contou. Parece que a senhorita esquentadinha deixou escapar para ele em uma das suas discussões.

Damon e Faith formavam aquele típico casal que se amava, mas preferia demonstrar os sentimentos com brigas e provocações, do que sendo realmente sincero um com o outro. Isso durou desde a infância até o término do colegial, quando os dois finalmente aceitaram que toda a birra no decorrer dos anos significava nada menos que amor.

— Eles brigavam muito — conclui Jason voltando a se aproximar de mim — Suponho que depois de terem começado a namorar isso tenha mudado um pouco.

Enquanto ele fala, acompanho quase que hipnotizada o movimento sexy de seus lábios. Então, eles se abrem formando um sorriso perfeito.

Minha nossa, que sorriso!

— Tessa?

Saio do choque. Tento rebobinar meus pensamentos. Falávamos sobre Faith e Damon, certo?

— Ainda fazem — respondo, e ao notar seu olhar confuso meu pensamento desorientado — Hum... quero dizer, Damon e Faith ainda brigam bastante, na verdade.

— Realmente. Algumas coisas nunca mudam — disse Jason —, como você e esses olhos castanhos.

Ele se aproxima mais, fazendo-me congelar no lugar.

— Eles sempre me fizeram perguntar... — sua grande e alongada mão toca meu rosto, fazendo-me fechar os olhos em deleite — por que eu a assusto tanto?

Jason não me assusta, o que me coloca em pânico são os sentimentos que ele desperta em mim. Fortes e incontroláveis.

Tudo o que mais sonhei, desde que coloquei os meus olhos no lindo e desconhecido garoto de andar confiante pelo refeitório, retrata esse momento. Ter Jason por alguns minutos apenas para mim.

— Então, Tessa Bale — ouço a voz sussurrada, que vai ficando cada vez mais próxima a mim, e sinto a sua respiração

suave tocar o meu rosto, como uma nova forma de carícia, que leva o meu corpo a tremer — O que posso fazer para mudar isso?

Que tal se começasse com um beijo?

CAPÍTULO 4



Abro os meus olhos no momento em que um relâmpago ilumina o céu cinzento, através da janela de vidro, logo depois, vem o som do trovão, e com a mão de Jason tocando o meu rosto, fazem-me afastar.

Que tal se comesse com um beijo?

Oh, meu Deus!

Fecho os meus olhos escapando dos dele. *Espero ter dito isso apenas em meus pensamentos*, penso mortificada. Só me vem a cabeça como estou sendo tola.

Estou aqui, sozinha com o homem que passei anos da minha vida apenas sonhando e simplesmente comporto-me como aquela garota ingênua, de quatorze anos, que ele conheceu.

Quando volto a encarar Jason, como sempre, por um instante perco-me na intensidade de seu olhar. Nos lindos olhos anteriormente verdes escuros, e que agora apresentam uma tonalidade quase marrom.

Envergonhada, olho para o chão. Não sei como agir, então, caminho às cegas até a janela. Olho através dela sem realmente focar a atenção no dilúvio acontecendo lá fora. A tempestade acontecendo dentro de mim é muito mais pujante.

— Chove forte — digo desconcertada, e toco o vidro embaçado, tentando enxergar o colégio à distância, nos seus tijolos vermelhos e janelas de molduras brancas, em vez do homem perturbador atrás de mim.

— Tessa? — ouço-o balbuciar o meu nome, brandamente, e de forma cautelosa, como se temesse me fazer esquivar ainda mais.

E Jason não está totalmente errado, caso seja mesmo o caminho de seus pensamentos. Apenas a chuva caindo forte lá fora impede que cometa um ato tolo como esse.

— Você está com frio — Jason toca meu ombro, e o deslizar de seus dedos no pedaço de pele que o vestido deixa à mostra me faz estremecer — Claro que está.

Ele identifica minha reação como uma confirmação à sua primeira pergunta e se afasta parecendo irritado consigo mesmo.

Sinto falta do calor do seu toque em mim.

— Estamos encharcados — diz ele, e o barulho de farfalhar de roupas me faz voltar a olhar para ele — Temos que ficar aquecidos.

Incrédula, assisto-o jogar a jaqueta molhada aos seus pés, em seguida, suas mãos vão a camiseta branca, grudada em seu corpo como uma segunda pele.

Senhor, quantos músculos um abdômen consegue ter?

Perdi as contas no quinto ou sexto, afirmando ser necessário recomeçar quando os dedos dele chegaram à calça, fazendo os meus olhos saltarem assustados.

— Tessa? — ele sibila baixinho, e para o meu desespero volta a se aproximar, agora, sem camisa e ainda mais perigoso — Também precisa tirar suas roupas molhadas.

Ele aponta o meu vestido marrom, sem graça, que escolhi às pressas essa manhã. A cor não revela nada que eu queira manter protegido de seu olhar cheio de interesse, mas o tecido gruda em mim de forma que, bom, não deixa muito espaço para a imaginação.

— Não vou ficar nua para você, Jason Cash — minha voz sai elevada e na defensiva.

Os lábios de Jason se alargam em um sorriso presunçoso, que me fascina e irrita ao mesmo tempo. Enquanto sou toda insegurança em pessoa, tentando passar despercebida e silenciosa pela vida, Jason é como um felino se esticando na relva, acreditando que o mundo pertence a ele.

— Já a vi sem roupa antes, Tessa — seus passos foram avançando e os meus, recuando mais até que só restasse a parede às minhas costas — No lago. Você se recorda?

Essa é apenas uma das tantas lembranças que fui capaz de apagar da memória. O lago sempre foi o lugar preferido meu e de Faith. Como duas garotas que não faziam parte de nenhum clube ou grupo esportivo, o elegemos nosso refúgio, mas desde a chegada de Jason a Sta. Anna, tanto Damon como ele, passaram a surgir estranhamente em nosso sagrado recanto.

— Aquilo era completamente diferente — sibilo, irritada.

Éramos jovens demais e apesar de sempre ter tido um porte atlético, aquele Jason adolescente nem se comparava a esse de agora, coberto de músculos. E eu não tive muito o que esconder porque, para a minha frustração, o meu corpo, ao contrário da maioria das garotas da época, precisou de um tempo maior para se desenvolver.

— Escuta, Bale, já fui acusado de muitas coisas, acredite — disse — Mas ser causador de uma pneumonia em você, não será uma delas. A doce Tess sempre foi a protegida da vovó Jolie, não é mesmo?

Eu não conseguia concluir se o tom irônico em sua voz era realmente divertimento com minha reação pudica de que ficássemos nus ou se Jason sentia algum rancor por eu ter um ótimo e afetuoso relacionamento com sua avó.

Isso acontecia desde criança. A Sra. Jolie nunca me assustou, impeliu a travessuras maldosas ou invocou indiferença devido as suas excentricidades e forma de enxergar a vida. Gosto de passar algum tempo com ela, em sua casa cheia de cores, decorações feitas à mão, sua dúzia de gatos, cristais reluzentes e fumaça de incenso por toda parte.

A chegada de Jason a Sta. Anna não nos afastou como pensei na época e nossa relação tornou-se ainda mais forte quando ele partiu.

— Deveríamos ter ido para a escola ou para o estacionamento, como todo mundo.

Qualquer lugar que não estivesse tão próxima de Jason e pudesse manter protegidos a minha sanidade e coração.

— Você viu todas aquelas pessoas? — disse Jason rebatendo minha acusação — A escola ficaria cheia e o estacionamento, um belo caos.

Sobre isso ele tinha razão. E é estranho que ninguém mais tenha pensado neste lugar, além dele. Talvez seja porque o lugar traga muitas recordações como disse. Jason deixara o povoado por causa do esporte e retornava pelo mesmo motivo.

— Qual o seu problema, Bale?

O meu problema? O meu problema se chama Jason Cash, e para essa equação, eu não vejo solução além de ele partindo e meu coração, outra vez, saindo machucado.

— Tudo bem — ele ergue as mãos em sinal de rendição, indo em direção a umas das caixas espalhadas; eu permaneço no lugar, como um bichinho acuado — Vamos ver, acho que temos alguma coisa aqui que possa servir.

Observo em silêncio ele tirar de uma das caixas, luvas, meias, proteções de coxas, antes de algumas peças de uniforme de *football*.

Jason examina uma camiseta, a calça e uma jaqueta com as cores verde, cinza e branco, que representam o colégio Sta. Anna. Em seguida, ele encara a mim. Mesmo que seu olhar não seja tão saliente como da outra vez, me sinto impactada com eles. Com Jason e como tão fácil é a reação de meu corpo a ele.

— Você fica com a camiseta e com jaqueta, Bale — ele as arremessou como um passe perfeito para a pontuação e eu tento equilibrá-las contra o meu peito — Eu fico com a calça. Mas se preferir.... posso ficar nu.

Completamente em choque, assisto-o se inclinar e baixar as calças bem diante de meu olhar perplexo e em pânico.

Há um sorriso irritantemente largo em seu rosto quando ele se ergue e noto quase em desespero que a pilha de caixas é suficientemente alta para encobri-lo até a cintura.

— Decepcionada, Bale?

Jason dá sinais de se mover e emito um gritinho apavorada antes de dar as costas a ele.

— Deixa de ser pretensioso, Jason Cash — murmuro quase sem fôlego, as batidas aceleradas em meu coração fazem com que minha respiração fique descompassada.

Sim, não é a primeira vez que, para me provocar, Jason tenha ficado nu. Uma delas ocorrera justamente no lago na primeira vez que ele e Damon invadiram o paraíso que Faith e eu considerávamos nosso. Os dois agiram assim para nos provocar e assustar, como dois primatas idiotas, marcando território. Não preciso dizer que com minha amiga surtira um efeito vingativo. Depois que os dois pularam na água, ela teve a ideia brilhante de que roubássemos as roupas deles e fugíssemos.

— Não há nada que já não tenha visto antes.

Na verdade, eu realmente não vi nada. Assim como há pouco, tapei os meus olhos. Dos quinze aos dezesseis anos, você é jovem e inocente demais para sentir arrependimento em relação a isso, mas na situação atual, não consigo evitar me recriminar por não ter aproveitado a oportunidade por alguns segundos.

— Eu posso te garantir, Tessa — a voz sussurrada como o rangido dos seus passos no chão foram ficando mais próximos —, que muita coisa mudou.

Seu peito roça minhas costas e sinto o calor de sua respiração tocar o meu ouvido.

— Uma coisa bem específica, na verdade.

Além do *football*, a especialidade de Jason é a provocação, seja de forma humorada ou para te desestabilizar. Tenho a impressão de que ele faz as duas coisas comigo e está tendo sucesso com ambas.

— Estou com frio — digo gaguejando, e a afirmação soa mentirosa até para mim.

Não existe pessoa no mundo que consiga ficar fria perto de Jason Cash.

— Está mesmo?

Nenhum toque, mas a voz de Jason, rouca, firme, sexy, aciona todas as minhas terminações nervosas.

Respiro fundo. Uma vez. Outra vez. Sinto que preciso de todo estoque de oxigênio do mundo para conseguir me acalmar.

— Sim — viro para ele com olhar decidido — E quero que vá para o outro lado enquanto troco de roupa.

Ele me encara. Parece me estudar, na verdade. Sei que até mesmo para os padrões das garotas de Sta. Anna, sou puritana demais. O problema é que com minha timidez, toda a minha inabilidade para lidar com as pessoas e, claro, todo o meu histórico com Jason, nunca contribuíram muito para melhorar isso.

— Alguns minutos antes de entrar no avião, o meu empresário perguntou o que me trazia de volta a esse pequeno vilarejo — ele sorri e toca meu queixo, fazendo-me vibrar — Acho que já tenho uma resposta para isso.

O salto que meu coração dá no peito me faz prender a respiração por um instante.

O que Jason quis dizer com isso?

Não. Não posso me permitir caminhar por esse lado.

Sta. Anna não é lugar para Jason. Nunca foi e ele irá embora tão rápido quanto chegou.

Observo silenciosa ele caminhar e se sentar na mesa de frente à lousa e de costas para mim. Recordo das vezes em que o vigiei

da abertura na parede. Incentivando os companheiros de jogo com as táticas idealizadas pelo treinador e alguns acréscimos seus, distribuindo funções sempre que a escola e cidade precisaram da ajuda de seus moradores ou apenas organizando uma festa sem nenhuma pretensão.

Certo. Preciso ser justa. No tempo que Jason morou aqui, ele fez por Sta. Anna mais dos que muitos dos seus moradores mais antigos. E ele não é querido apenas porque se tornou um jogador brilhante que menciona nosso pequeno lugar em entrevistas, conseguiu respeito e admiração como pessoa antes do ídolo.

— Então, Bale, já está pronta?

Há sorriso em sua voz e sei que ele está se divertindo comigo. Não fico brava desta vez. De alguma forma, me vejo retribuindo quando jogo as peças secas no chão e começo a brigar com o zíper lateral do meu vestido.

— Espere um minuto! — imploro, enquanto me apresso para me livrar do vestido e deslizar a camiseta seca sobre o meu corpo — Não ouse olhar, Jason Cash.

Por segurança, decido ficar de costas para Jason. Não foi ele apenas que mudou com tempo, a minha mudança começou naquele dia quando fiquei bêbada pela primeira vez com Faith e embarquei numa loucura impensada.

— Pronta ou não — ele diz em uma fala arrastada, dando-me alguns segundos para finalizar — Aqui vou eu.

Volto a me virar e estou terminando de passar o braço dentro da manga da jaqueta quando vejo Jason estacar no meio do caminho em minha direção.

Seu rosto está sério. Dou uma rápida olhada em mim, para tentar analisar o quão ridícula posso estar na camiseta cobrindo-me até metade das coxas e a imensa jaqueta que chega aos meus joelhos.

Sendo sincera, não está tão ruim assim. Quando torno a erguer meu olhar para Jason e me deparo com a intensidade que há nele, um tipo de sentimento novo nasce em mim. Eu me sinto bonita e até mesmo sexy, porque vejo a admiração nos olhos dele, a confiança ganha força em mim.

Nunca me senti linda ou sexy, muito menos com Jason.

— Caramba, Tess — seus olhos percorrem meu corpo outra vez — Uau.

Apesar de sempre ter sofrido de amor platônico por Jason, rancor e raiva em relação a isso nunca tiveram espaço em meu coração. Se ele teve conhecimento dos meus sentimentos no passado, nunca usou de forma intencional para me magoar.

Talvez seja esse o grande motivo de querer me manter longe de Jason. Me apaixonar por ele é tão fácil como fechar os olhos em uma manhã ensolarada.

Esquecê-lo que é impossível.

CAPÍTULO 5



Uau para você também, Sr. Cash!

Jason está nada menos que delicioso na calça justa e com todo o peitoral à mostra, mas diferente dele, é claro que não posso revelar o quanto ele mexe comigo. Por isso, apenas envolvo mais a jaqueta em volta do meu corpo e vou em direção a uma prateleira que contém alguns modelos antigos de troféus, pompons e faixas de líderes de torcida.

— Você e a Hale... — passei a ponta dos dedos nas letras douradas na faixa — Pensei que ficariam juntos depois da formatura.

Assim como Jason, os sonhos de Louise Hale estavam além de Sta. Anna. Ele, almejando ser um grande jogador de *football* americano e ela, em busca de ser uma cantora famosa. Os dois conquistaram o objetivo, mas o relacionamento deles que fora marcado no passado por tantas idas e vindas, que parecera bastante abalado no final do colegial, não durara mais do que dois anos com os dois morando em estados diferentes após suas partidas.

— Vocês pareciam um casal tão sintonizado — finalizei.

Qualquer informação que tive de Jason nos primeiros anos após sua partida, viera através da vovó Jolie. Ele se reencontrara com Hale em um evento realizado pelo patrocinador do primeiro time de Jason e tentaram reatar e levar a relação adiante o máximo que conseguiram. *Que Jason conseguiu*, afirmara vovó Jolie. Afinal, não levou muito tempo para que ele se destacasse no esporte e começasse a chamar atenção da imprensa esportiva, dos fãs e até mesmo das revistas de fofocas. Para Hale, uma cantora iniciando no show businnes, ser vista com a grande sensação do momento, tanto alavancava sua carreira como cantora como abria muitas portas. E quanto mais fama os dois pareciam ganhar, mais distantes se tornavam um para o outro, até que o relacionamento chegara ao fim.

— Hale tinha grandes sonhos sobre a sua carreira musical — disse ele não aparentando ter qualquer tipo de mágoa em sua voz — E eu, um grande trabalho a fazer em campo. Nenhum de nós estava disposto a desistir dos nossos planos, pelo outro.

Admiro pessoas que têm grandes sonhos e lutam por eles. Nunca tive sonhos muitos grandiosos. Houve uma época que pensei ser uma artista reconhecida, mas nada que me levasse longe da vida pacata e feliz em Sta. Anna.

De certa forma, tive sucesso em minhas escolhas. Amo ensinar as crianças, estar perto da família e amigos. Tenho um gato ranzinza e uma casa acolhedora e confortável.

— Sempre dizia que seria um grande jogador de *football* — relembro e me atrevo a me virar para ele — Parabéns. Conseguiu chegar lá, Jason. Deve estar contente consigo mesmo.

Observei-o se aproximar, mas para a minha paz de espírito e tranquilidade de meu coração, ele para em frente aos troféus,

estudando-os com atenção.

— De certa forma, sim. Trabalhei duro para chegar lá. Mas abdiquei de muitas coisas, Tess — seu rosto inclina em minha direção e nossos olhos se conectam — Perdi coisas que hoje consigo ver serem muito mais importantes.

Uma leve pontada fez com que sentisse que meu coração ficava menor em meu peito. Vejo certo ar de tristeza nos olhos de Jason e algo mais que não consigo identificar antes que ele desvie o rosto em direção à janela.

— Agora, não tenho mais o esporte — murmura ele.

Soube dessa vez, por Damon, que o acidente que ele teve no final da disputa do *Super Bowl* fora grave o suficiente para que ele tivesse que enfrentar uma cirurgia, mantendo-o longe do campo por alguns meses.

— Não sabia que tinha sido tão grave assim. Todos sempre afirmaram que você voltaria aos campos em breve.

O time de Jason não vem tendo bons resultados no campeonato sem ele. As poucas vezes que presencio alguém vendo um jogo pela TV, as afirmações são as mesmas, Jason Cash voltará às partidas e fará do time novamente um dos favoritos.

— Os técnicos também diziam isso, mas os médicos não têm grandes expectativas — disse ele — Voltar aos campos é um risco maior do que gostariam de me ver correr. É preciso saber quando sair da jogada, Tess.

Minha arte sempre foi um refúgio para mim, e sempre tenho minhas tintas e pincéis quando preciso extravasar meus sentimentos e emoções. Não consigo imaginar sendo arrancada de

mim como acontecia no esporte para Jason. Uma vida de dedicação sendo desfeita por um acidente estúpido.

Diante dessa dolorosa realidade, ajo conforme o meu coração me pede. Dou cinco passos apressados até Jason e envolvo sua cintura em um abraço.

— Sinto muito, Jason.

Seus braços envolvem minhas costas e ele aceita meu gesto de conforto, unindo mais nossos corpos nesse abraço. O meu rosto cola em seu peito nu e quente. Ouço as batidas de um coração. Não sei se é o meu retumbando em meus ouvidos ou de Jason, tão frenético quanto o meu.

Isso não importa. Sinto uma mistura de paz e felicidade em seus braços que não quero perder um único segundo.

— Faz parte dos riscos, Tess — sua voz surge calma — Sabemos disso em cada jogo que entramos.

Ainda assim não sinto que seja justo. Porém, mantenho-me em silêncio. Abraçada a Jason, ambos apenas observando a chuva mostrando lá fora que na vida há coisas às quais não podemos controlar. Tempestades aconteciam, mas lindos dias ensolarados podiam surgir após elas.

— Penso que não vamos conseguir sair daqui por algum tempo — as palavras de Jason despertam-me de um momento sonhador.

Remexo-me em seu corpo e com pesar, dou adeus a esse abraço.

Começa a escurecer lá fora. A chuva e o vento já não estão mais tão agressivos, mas a água ainda caí densa do céu o suficiente para nos encharcar outra vez se decidíssemos encará-la.

O meu vestido ensopado no chão e a brisa fria que vem dos vãos das portas e janelas, fazendo a minha pele gelar, são todos os indicadores de que não é isso que realmente desejo. Ou talvez, seja o meu coração que ainda não deseja se despedir de Jason.

— É melhor ajeitarmos algum lugar para ficar enquanto esperamos — a sugestão surpreendentemente sai de minha boca e o encaro timidamente para estudar sua reação — Quer dizer, se você...

— Acho que podemos encontrar algumas coisas nas caixas — ele diz sorrindo e o acompanho com o olhar, seguir ao outro lado da sala — E esses colchonetes empoeirados depois de limpos, podem servir.

Nos minutos seguintes trabalhamos juntos e de forma coordenada. Enquanto Jason limpava os colchonetes com trapos limpos que encontrou em umas caixas, fui verificando todas as outras em busca do que pudesse tornar nossos próximos minutos ou horas de espera mais tranquilas e confortáveis.

— Agora, vamos levar essas roupas para perto do aquecedor — disse ele — Não é um dos melhores, mas acredito que em algumas horas já estejam secas.

Ajeitamos suas peças e o meu vestido, esticados próximos às ondas de calor.

— Nada mal — afirma Jason quando paramos em frente à cama improvisada, erguendo uma de suas mãos para mim — Formamos uma bela equipe, Bale.

Toco a palma de minhas mãos nas suas, formando um *high five* barulhento, que nos leva a rir.

A cama feita de quatro colchonetes, agora, razoavelmente limpos, está coberta com bandeiras do país e cidade, que tive a sorte de encontrar dentro das caixas próximas à mesa; os pompons foram enrolados em faixas de torcida, que esperávamos servir como travesseiros aconchegantes.

Jason é o primeiro a se estender no chão. Envergonhada, fico por um instante admirando suas longas pernas esticadas no colchonete, enquanto a parede serve como apoio para suas costas largas. Seu peito amplo e musculoso move-se a cada respiração tranquila que dá. E eu meio que fico presa a toda essa visão de homem atlético e perfeito.

— Tessa? — sua mão estica até mim — Você vem?

De alguma forma, no jeito que Jason me encara, sinto que a pergunta vai além do seu convite para me acomodar a ele no colchão.

Claro que não leva muito tempo para minha mente fantasiosa pipocar com dezenas de cenas da gente juntos, aproveitando muito bem esse pequeno refúgio criado por nós.

Não é a primeira vez que meus pensamentos caminham nessa direção. Tenho uma foto de Jason escondida no fundo de uma gaveta na cômoda em minha cama. Um pouco amarelada e amassada por muitas vezes ter a segurado com olhar sonhador.

Foram inúmeras noites assim, desejando o impossível, até que a realidade vinda com o decorrer dos anos levou-me a enxergar o quão tolos eram esses sonhos secretos. Em quase todas as minhas visitas a avó de Jason, costumava ouvir suas afirmações místicas que conquistamos aquilo o que decidimos acreditar. O universo

sempre nos entrega o que mentalizamos. Isso para o bem ou para o mal.

Eu teria desejado por tanto tempo que Jason regressasse à minha vida e com tanta força que as leis da atração o trouxeram para mim?

Ou ando passando tempo demais com vovó Jolie e absorvendo seus ensinamentos sábios, com um entusiasmo maior do que devo?

— Eu... hum... — mordo o canto dos lábios, e impressionante coragem que nunca existiu em mim me faz estender minha mão a ele.

Quando nossos dedos se unem, entrelaçando, calor e arrepio varrem meu corpo. Vejo-me sem forças e deixo que Jason me puxe para baixo. Caio desajeitadamente ao seu lado. Rimos das formas atrapalhadas que tento ajustar o meu corpo desajeitado junto a ele.

— Bem melhor agora — diz Jason, seu sorriso é aconchegante e ele passa o braço sobre os meus ombros, quando finalmente me aquieto.

Diferente dos meus temores há alguns instantes de quão estranho isso pudesse ser, ficar tão próximo a ele parece algo completamente natural.

Como se nossos corpos se reconhecessem como duas peças que se encaixavam.

— Quer saber algo que descobri assim que pisei aqui, Bale?

Se eu fosse completamente sincera com ele, diria que tudo envolvendo sua vida e que por um longo tempo busquei manter bloqueado em minha mente, me interessa.

— Assim que coloquei os meus olhos na escola — ele buscou a minha mão pousada em minha perna e tornou a entrelaçar os seus dedos nos meus, enquanto com o polegar, começa a acariciar minha pele, elevando um pouco mais minha temperatura —, pensei que talvez tudo isso, o acidente no campo; depois, o convite de Damon, e a grande insistência de minha avó para que voltasse... Será que tudo isso poderia ser um sinal?

O destino tem sua própria forma de conduzir as coisas, recordo o que vovó Jolie disse a mim em uma das minhas visitas a ela há poucas semanas.

— Um sinal? — indago, debilmente.

Tento manter a concentração no que Jason diz, mas seu toque cheio de carinho e a reação que causa em mim, deixam-me consideravelmente atordoada.

— Sim. Quem sabe seja a oportunidade de buscar outras coisas — procuro o seu olhar, está calmo e tem uma intensidade que me faz perder dentro deles, enquanto parece estudar o meu rosto com carinho — Acho que descobrir em Sta. Anna o que venho procurando há um tempo.

Sua mão abandona a minha e mal tenho tempo de lamentar sua falta, pois, ele a leva ao meu rosto.

— Será que poderia ter uma outra chance, Tess? Um recomeço?

Exatamente sobre o quê ele se referia?

Ter uma convivência maior e duradoura com sua adorável avó e seus gatos temperamentais?

Retomar a vida simples e sossegada no vilarejo, sem muitas aventuras, mas cercado de bons e grandes amigos? Ou o que os

olhos de Jason parecem realmente me dizer e meu coração ansioso, propenso a acreditar?

Jason desejava uma chance...

Comigo?

— O que você acha?

[1] **NFL:** A *National Football League* (NFL) é a liga esportiva profissional de *football* americano dos Estados Unidos. Consiste de 32 times, divididos igualmente entre duas conferências: a National Football Conference (NFC) e a American Football Conference (AFC).

[2] **Super Bowl:** é o jogo final do campeonato da NFL, a principal liga de *football* americano dos EUA, que decide o campeão da temporada.

[3] **The Vince Lombardi Trophy:** Troféu Vince Lombardi, é o troféu entregue anualmente ao time vencedor do [Super Bowl](#). Tem esse nome em homenagem a Vince Lombardi, vencedor dos dois primeiros *Super Bowls* disputados.

[4] Duke: É o nome da bola usada nos jogos de *football* americano. O nome vem de uma homenagem que a Wilson (Marca americana que produz as bolas oficiais da NFL) fez a Wellington Mara, ex-dono do *New York Giants*, que faleceu em 2005.